

P. T. ...



CRB

REVISTA DA CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Ano VIII N.º 85
Julho de 1962

Conferência dos Religiosos do Brasil

NÚMERO DEDICADO À VI ASSEMBLÉIA ANUAL DOS
SUPERIORES MAIORES RELIGIOSOS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	385	⊙ A VI Assembléia Anual das Superiores Maiores Religiosas — O Redator.
	387	⊙ Presidência — Organização — Programa
	389	⊙ Províncias que participaram da VI Assembléia Anual dos Superiores Maiores
	395	⊙ A nova Directoria da C. E. E.
A PALAVRA OFICIAL DO REPRESENTANTE DA SANTA SÉ	395	⊙ Discurso de Sua Excmia. Evma. Dom Armando Lombardi, DD. Núncio Apostólico, apresentando a Carta Apostólica de S. S. João XXII aos Exmos. Srs. Ordinários da América Latina.
A PALAVRA DA HIERARQUIA	403	⊙ Cooperação entr a CNBE e a CREB — Dom Helder Câmara, Secretário da CNBE.
APOSTOLADO SACERDOTAL	405	⊙ Cooperação dos Religiosos no Apostolado de Hierarquia — Pe. Jaime Snook CSSR
APOSTOLADO DOS IRMÃOS	415	⊙ Entrosamento dos Irmãos com a Pastoral — Irmão João de Deus F. M. S
APOSTOLADO DAS RELIGIOSAS	427	⊙ Cooperação das Religiosas no Apostolado Paroquial — Madre Maria da Conceição Menezes M. J. Cr.
APOSTOLADO EDUCACIONAL	437	⊙ Problemas Educacionais (resumo) — Dom Cândido Padim O. S. B.
FORMAÇÃO DAS JUNIORISTAS	439	⊙ O Juniorato das Religiosas (resumo) — Pe. João Corso S. D. E.
APOSTOLADOS DA C. R. E.	445	⊙ As atividades da Conferência dos Religiosos
	448	⊙ Uma evangelização em extensão e em profundidade — O "Movimento de Natal" — Pe. Tiago G. Cloin CSSR
	458	⊙ O Centro de Formação Intercultural de Petrópolis — Pe. Frei João Batista Vogel OFM
DEPARTAMENTOS DA C. R. E.	459	⊙ Departamento de Estatística — Madre Maria da Conceição Menezes M. J. Cr.
	465	⊙ Departamento de Serviço e Assistência Social — Da. Aracy Cardoso
	466	⊙ Departamento de Assistência à Saúde — Irmã Margarida Villac F. d. C.
	468	⊙ Pessoal que trabalha na CREB
OS SERVIÇOS DA C. R. E.	471	⊙ Na União todas as vantagens
	473	⊙ CONCLUINDO

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Laércio Leopoldino

VI ASSEMBLÉIA DOS SUPERIORES MAIORES RELIGIOSOS

● Dedicamos o presente número de nossa Revista exclusivamente à VI Assembléia Anual dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil, realizada antecipadamente êste ano de 24 a 28 de abril. Pela gravidade e urgência dos problemas tratados, e pela ampla participação de Provinciais ou seus representantes (104 Religiosos, 236 Religiosas), a Assembléia revestiu-se de uma importância realmente extraordinária.

● A Carta Apostólica de S. S. o Papa João XXIII aos Exmos. Srs. Ordinários da América Latina (ver: Revista da CRB, n.º 82, pp. 193-195) inspirou os temas, os debates e as resoluções destas reuniões dos Revmos. Padres e Madres Provinciais. As preocupações do Santo Padre repercutiram no coração dos Superiores Religiosos, pois também "... aos religiosos e religiosas, aos católicos que abertamente professam a sua fé e estão dispostos a colaborar na instauração do Reino de Deus, compete a gravíssima responsabilidade de apreciar e ilustrar não sòmente pela palavra, mas também e sobretudo pelo exemplo, o preceito da justiça e do amor fraterno, o qual constitui a alma e a base da doutrina social da Igreja, preceito êste que é o único que pode satisfazer a angústia e as legítimas aspirações dos povos" (Carta Apost.).

● A palavra oficial da Santa Sé, através de seu representante no Brasil, S. Excia. Revma. Dom Armando Lombardi, que presidiu efetivamente a tôdas as sessões, veio expor claramente, baseando-se na Carta Apostólica do Papa, a situação religiosa na atual conjuntura que o País atravessa. Suas orientações e diretivas devem ser acatadas religiosamente e seguidas, para que os Religiosos possam emprestar a maior colaboração nesta fase que dêles requer uma intensa vida interior e santificação pessoal, juntamente com um apostolado mais aberto, mais esclarecido, na cooperação mais íntima e sincera com a Hierarquia.

● As diretivas para um apostolado de conjunto de tôdas as forças vivas da Igreja no Brasil vieram da Sagrada Hierarquia, nas pessoas do Presidente e do Secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. S. Emcia. Revma. Dom Jaime de Barros Câmara, Presidente da CNBB, nunca faltou com sua presença e suas sugestões em dar e demonstrar seu completo desvêlo e atenção pela organização e pelas atividades dos Religiosos. Sua Excia. Revma. Dom Helder Câmara, Secretário da mesma, veio fixar os rumos a seguir na renovação do ministério pastoral e no campo econômico-

social, na mais eficiente colaboração da Conferência dos Religiosos com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

● O grande assunto da Assembléia foi: "o aprimoramento da vida religiosa e a colaboração dos Religiosos no apostolado da Hierarquia". Encontra êle sua exposição clara e precisa nas palavras do Exmo. Sr. Núncio Apostólico: "O Papa quer, acima de tudo, que os Religiosos sejam religiosos, isto é, fiéis à sua vocação; que sejam homens e mulheres imbuídos do ideal de perfeição evangélica, e que trabalhem incessantemente para atingi-lo"; e ainda: "O Santo Padre deseja que todos os Religiosos e Religiosas sintam em si a ânsia do apostolado e se tornem instrumentos dignos e capazes para a dilatação do Reino de Deus nas almas".

● A colaboração dos Religiosos no apostolado foi estudada em todos os seus vários aspectos: apostolado sacerdotal, apostolado dos Irmãos, apostolado das Religiosas, apostolado educacional. Não seremos energias isoladas e esparsas que, apesar de sua imensa capacidade, não conseguem alcançar os objetivos prefixados pelo mesmo fato de ficarem isoladas. Será numa pastoral de conjunto, na união de nossos apostolados e na colaboração com o apostolado da Hierarquia que haverá de se organizar nossa ação de apostolado, mais poderosa, mais eficiente, pela qual, superando os mil obstáculos que oprimem a sociedade moderna, se conseguirá alcançar a finalidade de nossa vida religiosa: nossa santificação para a santificação do próximo.

● Se a "formação das Religiosas no Junivato" constituiu a preocupação das Revdas. Madres, a "pastoral de conjunto do Nordeste" chamou sobretudo a atenção de todos, Religiosos e Religiosas, demonstrando não só as preocupações da hora atual brasileira, mas sobretudo as grandes possibilidades que se abrem à nossa ação apostólica. É um novo horizonte que se descerra; mas é sobretudo uma colaboração sincera e aberta que é necessário dar, mesmo sacrificando algo de nós para o maior bem da Igreja.

● A C.R.B. saiu da Assembléia fortalecida e rejuvenescida. Com as resoluções tomadas, as novas Comissões a serem constituídas e sobretudo a nova Diretoria, à qual apresentamos os votos de uma ação cada vez mais ampla e sempre baseada nos ideais de colaboração mútua na formação e no apostolado, saberão imprimir novo ritmo a esta organização dos Estados de Perfeição, que deve constituir uma realidade na vida religiosa e apostólica brasileira.

VI ASSEMBLÉIA ANUAL DOS SUPERIORES E SUPERIORAS MAIORES

Rio de Janeiro, 24 a 28 de Abril de 1962

Presidente de honra:

S. Emcia. Revma. Dom Jaime de Barros Câmara
Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro

Presidentes efetivos:

S. Excia. Revma. Dom Armando Lombardi
DD. Núncio Apostólico no Brasil

Exmo. Sr. Dom Martinho Michler O.S.B.
Presidente da C.R.B.

Comissão Executiva:

Secretariado da Sede Central da C.R.B.
Diretoria dos Departamentos e Serviços

P R O G R A M A

24 de Abril — Terça-Feira

Para as Revmas. Madres Gerais e Provinciais.

9,00 hs. — **Abertura**, na Capela do Colégio de Sion.

9,15 hs. — **Juniorato das Religiosas** — Relatório das atividades do Grupo de Trabalho de Religiosas, pelo Revmo. Pe. João Corso S.D.B.

14,30 hs. — **Juniorato das Religiosas** — continuação.

25 de Abril — Quarta-Feira

Para as Revmas. Madres Gerais e Provinciais.

9,00 hs. — **Os apostolados da CRB** — Cooperação com a CNBB (o CERIS; Pastoral de conjunto em âmbito regional; Nordeste; sistema de Novas Fundações); o "Pro Mundi Vita" e as relações com os Estados Unidos e Canadá; convênio com o Estado da Guanabara; Bolsas de estudo da NCWC, da CAL e da França.

14,30 hs. — **Os apostolados da CRB** — continuação.

26 de Abril — Quinta-Feira

Revmos. Padres, Irmãos e Madres Gerais e Provinciais.

9,00 hs. — **Discurso de S. Excia. Revma. Dom Armando Lombardi**, apresentando a Carta Apostólica de S.S. João XXIII aos Exmos. Srs. Ordinários da América Latina.

- 10,30 hs. — **Cooperação entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a Conferência dos Religiosos do Brasil**, pelo Exmo. Sr. Dom Helder Câmara, DD. Secretário da CNBB.
- 14,30 hs. — para os Revmos. Padres Provinciais.
O entrosamento do apostolado das Congregações clericais com a pastoral da Hierarquia local, regional e nacional, pelo Revmo. Pe. Jaime Snoech CssR.
 — para as Revmas. Madres Gerais e Provinciais.
Departamentos da Conferência dos Religiosos
- 27 de Abril — Sexta-Feira**
- 9,00 hs. — para os Revmos. Irmãos Provinciais
O entrosamento dos Irmãos na pastoral paroquial, pelo Reverendíssimo Irmão João de Deus F.M.S.
 — para as Revmas. Madres Gerais e Provinciais.
O entrosamento das Irmãs na pastoral paroquial, pela Madre Maria da Conceição Menezes M.J.Cr.
- 14,00 hs. — para Padres, Irmãos e Madres Gerais e Provinciais.
Problemas educacionais, pelo Revmo. Dom Cândido Padim O.S.B.
- 28 de Abril — Sábado**
- 9,00 hs. — para Padres, Irmãos e Madres Gerais Provinciais.
O Centro de Formação Intercultural de Petropolis, pelo Revmo. Pe. Frei João Batista Vogel O.F.M.
- 10,00 hs. — **Os Serviços da Conferência dos Religiosos** (viagens, procuradoria, fornecimentos, depósitos), pelo Sr. Laércio Leopoldino, Diretor dos Serviços da CRB.
- 14,30 hs. — **ELEIÇÃO DA DIRETORIA DA CRB e do CONSELHO ADMINISTRATIVO da mesma.**
- 15,30 hs. — para Padres e Irmãos Provinciais.
Os apostolados da CRB — Cooperação com a CNBB (o CERIS, plano de pastoral de conjunto, Nordeste, sistema de Novas Fundações); Pessoal Religioso da CRB; Reorganização do Instituto de Pastoral; "Pro Mundi Vita" e as relações com os Estados Unidos e Canadá; convênio com o Estado da Guanabara; Juniorato para Religiosas; Institutos Superiores de Ciências Religiosas.
- Encerramento.**

PROVÍNCIAS QUE PARTICIPARAM DA VI ASSEMBLÉIA ANUAL DOS SUPERIORES MAIORES

I — REVMOS. PADRES PROVINCIAIS

Diretoria: Dom Mart'inho Michler O.S.B, Presidente
 Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R, Secretário Geral
 Irmão João de Deus, F.M.S., Tesoureiro
 Pe. Armando Cardoso, S.J., Conselheiro
 Pe. Frei Xisto de Cássaro OFM.Cap., Conselheiro,

Congregações e Províncias:

1.	Agostinianos da Assunção; Rio de Janeiro, São Paulo	2
2.	Agostinianos Recoletos, Ordem: Ribeirão Preto	1
3.	Apostolado Católico, Soc. do: Santa Maria, São Paulo	2
4.	Beneditina Brasileira, Congreg.: Rio de Janeiro	1
5.	Caridade, Servos da: Pôrto Alegre	1
6.	Carmelo, Ordem dos Irmãos do Monte: São Paulo	1
7.	Carmelo, Ordem dos Irmãos Descalços: São Paulo	1
8.	Consolata, Instituto Missões da: São Paulo	1
9.	Cristo Sacerdote, Oblatos de: Barra do Pirai-RJ	3
10.	Divina Providência, Pequena Obra da: Rio de Janeiro	1
11.	Divinas Vocações, Sociedade das: Salvador	1
12.	Divino Salvador, Sociedade do: Campinas	1
13.	Enfermos, Ministros dos: São Paulo	1
14.	Escolas Cristãs, Irmãos das: Pôrto Alegre, São Paulo	2
15.	Espírito Santo e I. C. de Maria, Congr.: Rio de Janeiro, São Paulo ..	2
16.	Estigmas de N. S., Congr. dos Sagrados: Campinas	1
17.	Frades Menores, Ordem dos: B. Horizonte, Olímpia, S. Paulo, Recife	
18.	Frades Menores Capuchinhos, Ordem dos: Brasília, Cax'as do Sul, Manaus, Ponta Grossa, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo	6
19.	Frades Menores Conventuais, Ordem dos: Santo André-SP.	1
20.	Imaculado Coração de Maria, Miss. Filhos: Rio de Janeiro, São Paulo	2
21.	Jesus, Companhia de: Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Recife, Rio de Janeiro; Salvador	5
22.	Laterarenses, Cônegos Regulares :São Paulo	1
23.	Maria das Escolas, Irmãos de: Belo Horizonte, Passo Fundo, Pôrto Ale- gre, Recife, São Paulo	5
24.	Maria, Ordem dos Servos de: São José dos Campos	2
25.	Maria Imaculada, Filhos de :Niterói	2
26.	Maria Imaculada, Oblatos de: São Paulo	1
27.	Missão, Congregação da: Curitiba, Rio de Janeiro	2
28.	Missões, Pontifício Instituto das Missões: São Paulo	2
29.	Nossa Sra. das Mercês, Ordem de: Rio de Janeiro	1
30.	Nossa Sra. da Salette, Congreg. de: União da Vitória	1
31.	Nossa Sra. do SSmo. Sacramento, Congreg. de: Manhumirim	1
32.	Pregadores, Ordem dos: São Paulo	1
33.	Premostratense Ordem: Pirapora do Bom Jesus-SF	1
34.	Sagrada Família, Congreg. dos Mission. da: Passo Fundo	1
35.	Sagrado Coração de Jesus, Filhos do: Balsas-MA, Ibitiara-ES	2
36.	Sagrado Coração de Jesus, Mission.: Rio de Janeiro, São Paulo	2

37.	Sagrado Coração de Jesus, Sacer. do: Recife, Rio de Janeiro	3
38.	Sagrados Corações, Congreg. dos: Belo Horizonte, Rio de Janeiro	2
39.	Santa Cruz, Ordem de: Leopoldina.MG	1
40.	Santa Maria de Monte Oliveto, Congr.: Ribeirão Preto	1
41.	Santíssima Cruz e Paixão de N. S. J. C.: São Paulo	1
42.	Santíssimo Redentor, Congreg. do: Fortaleza, Juiz de Fora, Manaus; Pôrto Alegre, Recife, São Paulo	7
43.	Santíssimo Sacramento, Sacerd. do: Caucaia, Rio de Janeiro	3
44.	Santo Agostinho, Eremitas de: Belo Horizonte; São Paulo (Comis- sariado)	2
45.	São Basílio Magno, Ordem de: Curitiba	1
46.	São Carlos, P. Soc. dos Mission.: Guaporé-RS, São Paulo	2
47.	São Francisco de Salés, Soc. de: Campo Grande, Manaus, Rio de Ja- neiro, São Paulo	4
48.	São Francisco Seráfico, Irs. Pobres de: Pindamonhangaba-SP ..	1
49.	São José, Pia Soc. Turinesa de: Ana Rech-RS	1
50.	Verbo Divino, Soc. do: Juiz de Fora, São Paulo	2

Comissão Executiva: Pe. Bertrand de Margerie SJ, Pe. Pascoal Filippelli
SDB, Pe. Frei Jamaría de Sortino, P. José Hein SVD
Secções Estaduais: Bahia: Pe. Pedro Dalle Nogare; Minas G.: Pe. Canísio
Raedtš SS.CC.; Rio Grande do Sul: Pe. Victor Steffen SJ

Congregações Religiosas: 50

Províncias representadas: 89.

Participantes: 104 religiosos.

Estados representados: São Paulo 32; Guanabara 23; Rio Grande do Sul 12;
Minas Gerais 10; Pernambuco 6; Rio de Janeiro 5; Amazonas 4; Paraná
4; Bahia 2; Maranhão 2; Ceará 1; Distrito Federal 1; Espírito Santo 1;
Mato Grosso 1.

II — REVMAS. MADRES GERAIS E PROVINCIAIS

Conselheiras: Madre Maria do Calvário, M. J. Cr.
Madre Maria de Santa Clara Counort O. S. U.
Madre Antoniette Blanchot F. d. C.
Departamentos: Madre Maria da Conceição Menezes M. J. Cr.
Da. Aracy Cardoso
Irmã Margarida Villac F. d. C.

Congregações e Províncias;

1.	Agostinianas Missionárias de Ultramar, Irs.: São Paulo	2
2.	Amor Divino, Filhas do: Cerro Largo-RS (2), Natal (2)	4
3.	Angélicas de São Paulo, Irs.: Rio de Janeiro	2
4.	Apostolado Católico, Irs. de Maria do: Santa Maria-RS	2
5.	Assunção, Irmãs da: São Paulo	1
6.	Assunção de N. Sra., Congreg. da: São Paulo	1
7.	Beneditas da Divina Providência: Rio de Janeiro	1
8.	Beneditas Mission. de Tutzing: Sorocaba-SP	2
9.	Bom Pastor de Angers, N. Sra. da Caridade do: Rio de Janeiro (2), Recife	3
10.	Capuchinhas de S. Francisco de Assis, Miss.: Fortaleza	4
11.	Carmelitas da Divina Providência: Mariana	2
12.	Carmelitas Servas dos Pobres: Rio de Janeiro	1
13.	Catequistas Franciscanas, Companhia das: Rodeio-SC	1
14.	Clarissas Franciscanas do SS. Sacram.: Belo Horizonte	2

15. Concepcionistas do Ensino: São Paulo	2
16. Consolata, Missionárias da: São Paulo	2
17. Coração de Jesus, Instituto: Braço do Norte-SC	1
18. Coração de Maria, Filhas do: Rio de Janeiro	2
19. Coração Imaculado de Maria, Filhas do: Caucaia-CE	1
20. Divina Providência, Irs. da: Florianópolis (2), Arróio do Meio-RS ..	3
21. Divina Providência, Pequenas Irs.: Belo Horizonte, Rio de Janeiro	2
22. Divinas Vocações, Irs. das: Rio de Janeiro	1
23. Divino Salvador, Irs. do: Americana-SP, Videira-SC (2)	3
24. Divino Zêlo, Filhas do: Três Rios-RJ	1
25. Dominicanas de N. Sra. do Rosário: São Paulo (2), Brasília	3
26. Divino Coração, Escravas do: Rio de Janeiro	1
27. Escolâpias, Religiosas: Belo Horizonte	1
28. Escolares de Nossa Senhora, Irmãs: Pôrto Alegre, São Paulo	2
29. Escolas Cristãs da Misericórdia, Irs. das: Leme-SP	2
30. Espírito Santo, Mission. Servas do: Santo Amaro-SP	1
31. Espírito Santo, Oblatas do: Belo Horizonte	1
32. Franciscanas da Ação Católica: Caçador-SC	2
33. Franciscanas Bernardinas: Rio Negro-SC	1
34. Franciscanas do Coração de Maria: Campinas-SP	2
35. Franciscanas de Ingolstad: São Paulo	2
36. Franciscanas da Imaculada Conceição: Araraquara-SP	1
37. Franciscanas da Imac. Conc. de Bonlanden: São Paulo	2
38. Franciscanas Mission. de Maria: São Paulo	2
39. Franciscanas Mission. de Maria Aux.: Erechim-RS	2
40. Franciscanas de N. Sra. do Amparo: Petrópolis	1
41. Franciscanas de N. Sra. Aparecida: Pôrto Alegre	2
42. Franciscanas de Nosso Senhor: Baependi-MG	1
43. Franciscanas da Penit. e Carid. Cristã: São Leopoldo, S. Maria	2
44. Franciscanas da Sagr. Fam. de Maria: Curitiba	2
45. Franciscanas do Sagr. Cor. de Jesus: Rio de Janeiro	2
46. Franciscanas de S. Bernardino de Sena: Pôrto Alegre	2
47. Franciscanas de São José: Angelina-SC	2
48. Franciscanas de São Paulo no Brasil: São Paulo	2
49. Imaculada Conceição Irmãzinhas da: Belo Horizonte, Nova Trento-SC (2), São Paulo (2)	5
50. Imaculada Conceição da Mãe de Deus, Irs. da: Recife, Santarem ...	3
51. Imaculado Coração de Maria, Irs. do: Pôrto Alegre (5), Santa Cruz, Santa Maria (2), São Paulo (2)	10
52. Imaculado Coração de Maria, Filhas do: Rio de Janeiro	2
53. Instrução Cristã, Damas da: Recife	2
54. Jesus, Filhas de: Rio de Janeiro	2
55. Jesus Adolescente, Instituto de: Campo Grande-MT	1
56. Jesus Crucificado, Mission. de: Campinas (4), Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo	7
57. Jesus, Maria, José, Pia União: São Paulo	2
58. Josefino, Instituto: Fortaleza	2
59. Maria, Companhia de: Santa Cruz do Rio Pardo-SP	2
60. Maria Auxiliadora, Filhas de: Belo Horizonte, São Paulo (5)	6
61. Maria Auxiliadora, Congreg. Irs. Educ. Enferm. de: Embú-SP ...	1
62. Maria Imaculada, Pequenas Mission.: São José dos Campos	1
63. Maria Imaculada p/o serv. doméstico, Filhas: Rio de Janeiro	2
64. Maria Reparadora, Servas de: Rio de Janeiro	1
65. Nossa Senhora, Irmãs de: Passo Fundo-RS	2
66. Nossa Senhora do Calvário, Irmãs de: São Paulo	3
67. Nossa Senhora do Cenáculo: Rio de Janeiro	1

68.	Nossa Senhora de Lourdes, Congreg. de: Rio de Janeiro	2
69.	Nossa Senhora da Piedade, Irs. Aux. de: Belo Horizonte	2
70.	Nossa Senhora da Ressurreição, Irs. de: Rio de Janeiro	1
71.	Nossa Senhora do Sagr. Cor. Filhas: São Paulo	2
72.	Nossa Senhora do SSmo. Sacramento, Irs.: Manhumirim	3
73.	Nossa Senhora de Sion, Congreg. dê: São Paulo	1
74.	Paßionistas de São Paulo da Cruz: São Paulo	2
75.	Penitentes Recoletinas, Irs.: Araçuaí-MG	2
76.	Prov.dência de Gap., Irs. da: Itajuba-MG	1
77.	Sacramentinas de Bergamo, Irs.: Belo Horizonte	2
78.	Sacrê Coeur de Jesu, Religiosas do: Rio de Janeiro	1
79.	Sacrê Coeur de Marie, Irs. do: Rio de Janeiro	2
80.	Sagrada Família de Bordeus, Congreg. da: São Paulo	2
81.	Sagrado Coração de Jesus, Filhas do: Porto Alegre	2
82.	Sagrado Coração de Jesus, Miss.on. Zelad.: São Paulo (2), Curitiba	3
83.	Sagrado Coração dê Maria, Irs. do: Belo Horizonte	2
84.	Sagrados Corações de J. e M., Filhas dos: Rio de Janeiro	1
85.	Santa Catarina V. e M., Irs. de: Nôvo Amburgo (2), São Paulo ..	3
86.	Santa Doroteia, Irmãs de: Recife, Nova Friburgo	2
87.	Santa Isabel, Irmãs de: Rio de Janeiro	2
88.	Santa Marcelina, Irmãs de: São Paulo	1
89.	Santana, Filhas dê: Recife	2
90.	Santa Teresa de Jesus, Companhia de: Rio de Janeiro	2
91.	Santa Teresa de Jesus, Filhas de: Crato-CE	1
92.	Santa Ursula, Ordem de: Rio de Janeiro	6
93.	Santa Zita de São Paulo no Brasil, Irs.: São Paulo	1
94.	Santíssima Trindade, Servas da: Rio de Janeiro	2
95.	Santíssimo Redentor, Oblatas do: São Paulo	2
96.	Santo Agostinho, Cônegas de: São Paulo	2
97.	Santo André Religiosas de: Campinas	1
98.	Santo Sepu'cro, Ordem do: Campinas	1
99.	Santos Anjos, Congreg. dos: Rio de Janeiro	2
100.	Santos Anjos Custódios, Congreg. dos: Rio de Janeiro	5
101.	São Carlos Borromeu, Irs. Mission. de: Caxias do Sul (2), São Paulo	3
102.	São Carlos de Lyon, Irs. de: Petrópolis	1
103.	São Domingos, União Romana de: Belo Horizonte	1
104.	São Félix de Cantalício, Irs. da O. 3. ^a de: Niterói	2
105.	São Francisco, Irmãs da 3. ^a Ord. Reg. de: Duque de Caxias	2
106.	São Francisco, Irs. da 3. ^a Ordem Reg. de: Anápolis-GO	2
107.	São João Batista, Congreg. de: Belo Horizonte	2
108.	São José de Chambery, Irs. de: Curitiba, Itú-SP, Garibaldi (2) ..	4
109.	São Paulo, Filhas de: São Paulo	1
110.	São Vicente de Paulo, Filhas de Caridade de: Curitiba (2), Fortaleza, Rio de Janeiro (2)	5
111.	São Vicente de Paulo de Gysegen, Irs.: São Paulo	2

Congregações Religiosas: 111.

Províncias representadas: 135.

Participantes: 236 Religiosas.

Estados Representados: São Paulo 63; Guanabara 61; Rio Grande do Sul
33; Minas Gerais 24; Santa Catarina 13; Pernambuco 3; Est. do Rio 3;
Ceará 7; Paraná 6; Goiás 2; Pará 2; Rio Grande do Norte 2; Distrito
Federal 1; Mato Grosso 1.

NOVA DIRETORIA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS

Esgotando-se o prazo de três anos, na tarde do dia 28 de abril, antes do encerramento da Assembléa, foi realizada a eleição da nova Diretoria da C. R. B., que ficou assim constituída:

Presidente:	Exmo. e Revmo. Dom Martinho Michler O.S.B.
Secretário Geral:	Revmo. Pe. Tiago G. Cloin C.S.R.
Tesoureiro:	Revmo. Irmão Bento Gabriel F.M.S.
Conselheiros:	Revmo. Pe. Armando Cardoso S.J. Provincial dos Jesuítas — Pe. Frei Sisto de Cássaro OFM.Cap. Provincial dos Capuchinhos — Revmo. Pe. José Paulo Sales C.M. Provincial dos Lazaristas —
Conselheiras:	Revma. Madre Dirce Galvão M.J.Cr. Provincial das Missionárias de J.C. Revma. Madre Maria Izabel de Sion C.N.D.S. Provincial da Congreg. de N. Sra. de Sion Revma. Madre Antoinette Blanchot F.d.C. Visitadora das Filhas de Caridade.

Para Sub-Secretário foi indicado, e aprovado pela Assembléa, o Revmo. Pe. Pascoal Filippelli, S.D.B.

CONSELHO ADMINISTRATIVO

A Assembléa, na mesma ocasião reconduziu por aclamação todos os componentes do Conselho Administrativo da Conferência, que, portanto, continua assim constituído:

Revmo. Pe. Pedro Prade S.D.B. Provincial dos Salesianos — Rio de Janeiro
Revmo. Pe. Frei Walter Kempf O.F.M. Provincial dos Franciscanos — São Paulo
Revmo. Pe. João Batista Shnen S.J. Provincial dos Jesuítas — Pôrto Alegre
Revmo. Pe. Geraldo Thiesen S.S.C.C. Provincial dos Sagrados Corações — Belo Horizonte
Revmo. Pe. Frei Paulino do Sagr. Cor. de Maria O.C.D. Provincial dos Carmelitas Descalços — São Paulo

A todos os componentes da Diretoria os votos de um fecundo e profícuo apostolado em prol de todos os Religiosos do Brasil.

SUGESTÃO PARA UM "ROTEIRO"

de "como atrair o interesse e a colaboração dos católicos com relação aos instrumentos de formação da opinião pública".

1. Mostrar ou demonstrar a importância capital da "opinião pública" como "clima" favorável ou desfavorável ao desenvolvimento das idéias, das iniciativas, dos serviços e das obras e instituições sociais de tendência espiritualista ou materialista, revolucionária ou reacionária, capitalista ou socialista, pagantizadora ou cristianizadora...

2. Esclarecer que a "opinião pública" é, hoje, formada ou deformada principalmente pela imprensa, rádio, TV, cinema.

3. Informar que os cristãos estão mediocrementemente aparelhados destes instrumentos que influenciam a opinião pública.

4. Esclarecer que, por isto, hoje, os católicos, se quiserem defender a sua fé, os valores espirituais, ou bons costumes, as suas instituições, e se quiserem contribuir para uma reforma de estruturas de acordo com a doutrina social cristã, têm o dever imperioso de tudo fazer para se aparelharem adequadamente de instrumentos formadores da opinião pública.

5. Para isto, faz-se mister:

- a) procurar aperfeiçoar aqueles de que já dispõem (rádios, cinemas, etc.)
- b) procurar coordenar o que existe, mediante programas de ação cooperativa ou solidária;
- c) procurar suplementar as deficiências sentidas, por meio de novas iniciativas que permitam ampliar a sua ação.

6. Isto só será possível se houver entre os que militam nesse campo:

- a) um espírito cristão de tolerância mútua para com possíveis erros e deficiências;
- b) um efetivo desejo de cooperação e ajuda mútua;
- c) uma disposição de tudo fazer para a "conquista" da opinião pública.

7. Não se deve, pois, conseqüentemente, apresentar o nosso jornal, o nosso rádio, etc. com o melhor, o mais perfeito, o "tal", etc. etc. e muito menos tachar os outros — os neutros, etc. — de "obscenos", de "corruptores", etc. É sempre melhor (preferível) nem exaltar as nossas coisas e nem desvalorizar as dos outros (ignorando ou ocultando o que possam ter de bom).

8. O apelo aos cristãos para que colaborem (com o rádio, o jornal, o cinema, etc. católico) deve ser bem motivado, à base da consciência de um dever apostólico-social de grande gravidade na hora presente.

Por isto, não se deve pedir ajuda como se fôra "esmola", mas como participação consciente, seja através de sugestões, assinaturas, programas, artigos, entrevistas, ou recursos financeiros, artísticos ou técnicos, ou "dar de seu tempo" ou aceitação de responsabilidade direta ou indireta na direção etc. etc.

9. Aos intelectuais católicos, deve ser dirigido um pedido expresso para que colaborem (artigos etc.) com matéria de suas respectivas especialidades, acentuando que a sua colaboração valoriza o jornal, (ou a rádio, etc.) e quanto mais valorizado fôr este, tanto maior penetração e influência terá na opinião pública.

Neste momento grave da vida do país, ninguém se deve omitir, particularmente aqueles que mais receberam; estes têm maior dever de dar conforme ensina a parábola dos "talentos".

10. No mesmo sentido deve ser solicitada a colaboração de técnicos, artistas, cientistas, estudantes, instituições, associações, etc.; enfim, a todos quantos possam, de uma forma ou outra, colaborar.

A PALAVRA OFICIAL DO REPRESENTANTE DA SANTA SÉ

DISCURSO DE S. EXCIA. REVMA. DOM ARMANDO LOMBARDI

DD. Núncio Apostólico no Brasil, apresentando aos Revmos. Padres Provinciais e Revmas. Madres Gerais e Provinciais a Carta Apostólica de S. S. João XXIII aos Exmos. Srs. Ordinários da América Latina (ver: Revista da CRB, 82 (abril de 1962), pp. 193-195).

Revmo. Sr. Padre Abade,
DD. Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil,
Reverendíssimos Padres, Reverendas Madres,

Não é a primeira vez que me é dado encontrar-me com os Superiores Maiores dos Religiosos do Brasil. Desde que, no já longínquo ano de 1955, a Conferência dos Religiosos do Brasil quis prestar uma solene homenagem ao novo Núncio Apostólico no Brasil, — e isto se deu no Salão Nobre do Colégio Santo Inácio — tive sempre por esta grande organização um cuidado especial, e me foi sempre grato seguir as suas atividades e o seu desenvolvimento, participando também, uma ou outra vez, nas reuniões plenárias dos Superiores Maiores.

De resto, a natureza mesma da Conferência, que não tem no Brasil outro Superior Eclesiástico, parece colocá-la sob a particular vigilância e confiá-la às especiais solitudes do Representante do Santo Padre.

Hoje, porém, eu estou aqui para cumprir instruções particulares do meu Eminentíssimo Superior, o Senhor Cardeal Secretário de Estado, e para dirigir a minha palavra aos Superiores Religiosos em forma solene e oficial. Cumprirei tal dever com aquêl amor, que merecem as almas consagradas a Deus, e com aquela particular consideração, que merecem as Ordens e Congregações Religiosas no Brasil, onde os Religiosos representam cerca de dois terços do clero (ao passo que, em geral, nos Países católicos europeus, êles são apenas um terço do clero), e onde as Religiosas atingem o número considerável de 36.000 pessoas, com uma estupenda multiplicidade de institutos e de obras de piedade, de educação, de caridade, de apostolado e de assistência social.

Todos conhecem as solitudes da Santa Sé em favor das Nações latino-americanas, solitudes manifestadas principalmente nos últimos anos.

Muitos dos que aqui se encontram presentes, estarão lembrados da Reunião Plenária do Episcopado latino-americano, que se realizou nesta cidade do Rio de Janeiro em 1955, logo depois da celebração do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

Aqui nasceu o CELAM, isto é, o Conselho Episcopal Latino-Americano, que estabeleceu depois sua sede permanente em Bogotá.

Passados alguns anos, surgiu em Roma a Pontifícia Comissão para a

América Latina; foram promovidos encontros entre os Bispos latino-americanos e os Bispos dos Estados Unidos da América e do Canadá; fundaram-se na Europa Seminários destinados a fornecer sacerdotes a estes nossos Países; efetuaram-se em Roma freqüentes reuniões dos Superiores e das Superiores Gerais; para exortá-los a intensificar as ajudas de pessoal às Casas deste Continente.

Finalmente, em data de 8 de dezembro de 1961, o Santo Padre João XXIII enviou uma Carta a todos os Ordinários da América Latina: é por causa deste gesto do Santo Padre que estamos hoje aqui reunidos, antecipando a Assembléia Ordinária, que costuma realizar-se no mês de julho.

Qual a origem de tal importantíssimo documento, novo testemunho das preocupações e solicitudes do Vigário de Cristo para com este Continente?

Di-lo claramente o quarto período da Carta: "Não fogem, de fato, à vossa vigilância os perigos que insidiam a fé e a vida católicas dessas Nações. Se tantos e tão grandes são os argumentos, que vos alentam à esperança, causavos, porém, angústia veemente o saber que, em algumas das regiões, noutros tempos tão florescentes em vida cristã, Deus e Sua Igreja são perseguidos temerariamente, levando-se a cabo os intentos para propagar ainda mais este mal".

É o drama sombrio de Cuba, que encheu de surpresa, de dor, e de angústia o coração do Papa: o drama de uma Nação católica deste Continente que, quase inexplicavelmente, caiu nas garras do comunismo internacional, o qual imediatamente aplicou os conhecidos sistemas de luta contra a Igreja, a religião e a própria crença em Deus.

Disse eu: "quase inexplicavelmente", para sublinhar a dolorosa admiração que o fato causou em nosso espírito. Mas a explicação existe. Procuremos resumir os fatos:

- 1.ª fase: Revolução prevalentemente política contra a ditadura Batista, corrompida e cruel. A revolução encontra simpatia e apoio da parte de muitos católicos e da própria Hierarquia.
- 2.ª fase: a revolução vitoriosa no campo político enfrenta os problemas econômico-sociais com critérios e métodos simplistas, depois demagógicos e, finalmente, marxistas. Realizam-se algumas reformas que trazem benefícios ao povo: este continua ligado à revolução.
- 3.ª fase: passagem ao campo comunista: Fidel Castro, vítima da sua demagogia e dos seus excessos e exageros anti-ianques, sentiu a necessidade de aliar-se aos países marxistas, não só politicamente, mas também ideologicamente.
- 4.ª fase: o comunismo implantado em Cuba executa seus planos contra o ensinamento católico, a Ação Católica, a imprensa católica, a liberdade religiosa, o clero, o episcopado, sendo nisto favorecido pela debilidade das estruturas eclesásticas.

Triste deformação, traição ignóbil de um generoso impulso inicial de liberdade!

Pois bem, o pensamento do Santo Padre é claro: em tantos outros Países da América Latina existem, mais ou menos, as mesmas condições políticas, económicas, sociais, morais, religiosas, eclesiásticas, que existiram em Cuba antes da revolução: é necessário, portanto, rezar, refletir, estudar, agir, a fim de que não se repita também em outras partes o doloroso drama cubano, tanto mais que a própria Cuba está empenhada em encontrar quem a siga, no precipício, em que se lançou.

Evidentemente, cabe, antes de mais nada, acima de tudo, aos Pastores das almas, isto é, aos Bispos, acolher a exortação paterna do Vigário de Cristo, e responder a ela com prontidão, inteligência e generosidade, elaborando o plano de emergência solicitado pelo Santo Padre, neste momento tão importante e talvez decisivo para a sorte destes Países latino-americanos.

Os Bispos do Brasil deram o exemplo de como se acolhe a voz do Papa: reuniram-se, em princípios deste mês, nesta Cidade do Rio de Janeiro, em número jamais alcançado nas Assembléias anteriores (estavam presentes nada menos de 132 Prelados) para estudar a carta apostólica e elaborar um programa de trabalho, correspondendo deste modo aos desejos do Augusto Pontífice.

Sem faltar à natural reserva que deve cercar as reuniões episcopais, posso dizer aos Superiores aqui presentes que a atenção dos Bispos do Brasil se voltou principalmente para o clero, para o ministério paroquial, para os educandários católicos, para a colaboração dos leigos no apostolado, para as atividades económico-sociais, que a atual situação do País e do mundo reclamam com urgência.

Aliás, a "Declaração" publicada ao término da reunião é um belo testemunho da visão clara, que têm os Bispos deste imenso País a respeito dos problemas que interessam à vida e à atividade da Igreja.

Mas como poderíamos atribuir exclusivamente aos Bispos a responsabilidade de enfrentar os perigos e responder às exigências apontadas pelo Santo Padre?

Os Religiosos e as Religiosas são expressamente lembrados pelo Santo Padre quando, por exemplo, Ele se refere ao dever de ilustrar, com a palavra e o exemplo, as altíssimas virtudes da justiça e da caridade:

"A Vós e ao Vosso clero — diz o Santo Padre — aos religiosos e às religiosas, aos católicos que abertamente professam a fé e estão dispostos a colaborar na instauração do Reino de Deus, compete a gravíssima responsabilidade de apreciar e ilustrar não somente pela palavra, mas também e sobretudo pelo exemplo, o preceito da justiça e do amor fraterno, o qual constitui a alma e a base da doutrina social da Igreja, preceito este que é o único que pode satisfazer a angústia e as legítimas aspirações dos povos".

E, em outro lugar, o mesmo Santo Padre afirma que no exercício do seu apostólico ministério e na formação dos apóstolos leigos, os Bispos têm necessidade da ajuda do clero, dos Religiosos e das Religiosas.

Nas instruções da Secretaria de Estado, que acompanham a Carta do Santo Padre, é consagrado um largo espaço aos Religiosos e às Religiosas: é de tais instruções que, tendo presente a situação concreta do Brasil, o Nú-

cio Apostólico deve ser e deseja ser fiel intérprete nesta Assembléia, em que se encontram reunidos, juntamente com a Diretoria da C.R.B., os Superiores e as Superioras Maiores dos Religiosos do Brasil.

Que deseja, em substância, o Santo Padre dos Religiosos do Continente latino-americano neste momento tão grave para a Igreja e para os próprios ordenamentos civis destas Nações tão caras ao Vigário de Cristo?

1) O Papa quer, acima de tudo, que os Religiosos sejam religiosos, isto é, fiéis à sua vocação; que sejam homens e mulheres imbuídos do ideal da perfeição evangélica, e que trabalhem incessantemente para atingi-lo.

A nova terminologia hoje adotada para designar em bloco os Cônegos Regulares, as Ordens Monásticas e Mendicantes, os Clérigos Regulares, as Congregações Religiosas Clericais e Laicais, as Sociedades de vida comum sem votos, os modernos Institutos Seculares, é um chamamento claro e eficaz à própria essência, comum a todos: são chamados "estados de perfeição": como tais já aparecem no Anuário Pontifício, e como tais certamente serão denominados no Código de Direito Canônico, depois da revisão conciliar.

Bem convencidos desta verdade fundamental, a saber, que, ou se trabalha seriamente pela perfeição evangélica, ou se está fora do caminho, oportuno e fácil será um exame de consciência individual.

O Núncio Apostólico, que tem diante de si o quadro geral da situação religiosa do País, não é e não quer ser pessimista. Ele sabe muito bem que temos milhares de almas consagradas ao Senhor, que são exemplos luminosos de toda a virtude. Mas ele não pode deixar de relevar, com pesar e com preocupação, alguns sinais indicativos de uma certa crise espiritual, que acomete o clero secular e o clero religioso, as Congregações Religiosas masculinas e femininas.

Os tempos, sem dúvida, são difíceis; os perigos são numerosos e graves. E assim temos visto cair também um ou outro cedro do Líbano, de um e de outro clero.

Diz-se freqüentemente que Religiosos e Religiosas devem ser abertos às exigências do mundo moderno, devem atualizar-se. Sem dúvida. Mas o perigo consiste no esquecer ou subestimar o essencial e o permanente para se dedicar ao que é acessório e ao que passa. Somente tendo como base o essencial e o eterno, isto é, o espírito do Evangelho, as palavras de Cristo e da Igreja, a realidade de uma vida de consagração a Deus, a renúncia ao mundo, tendo como base tudo isto, que não pode e não deve jamais ser esquecido, é que se deve trabalhar para atualizar-se. Diversamente, constrói-se sobre a areia e toda a casa vem abaixo.

As vezes são os próprios ministérios, quero dizer, as próprias obras de apostolado que constituem um perigo grave e permanente para o religioso ou para a religiosa, impondo, por exemplo, sobretudo aos religiosos, a ausência freqüente aos exercícios da Comunidade, e o retorno à casa já tarde, muitas vezes à meia noite. Pois bem: "Se o teu olho ou a tua mão te escandalizam, priva-te de ambos: é melhor para ti entrar na vida eterna com um

ólho ou com uma mão, do que com dois olhos ou duas mãos ser lançado ao fogo eterno". A linguagem é hiperbólica, mas o significado é claro.

Eu chego a pensar que o clero, principalmente o clero regular, deve saber renunciar a certas formas de apostolado, particularmente expostas e perigosas. Ousaria dizer que para alguns ministérios o clero secular tem uma graça de estado mais abundante e mais eficaz: mas, também com tal graça, quantas deficiências e quantas quedas

Reverendíssimos Padres Provinciais, Reverendas Madres Gerais e Provinciais: o primeiro entre todos os vossos deveres é o de procurar a santificação de vossos súditos; não com o frio, severo exercício da vossa autoridade, mas com o exemplo vivo, com a oração ardente, com o sacrifício constante, com a exortação paterna e materna, com a solicitude cheia de amor e de abnegação.

2) Em segundo lugar, o Santo Padre deseja que todos os religiosos e religiosas sintam em si a ânsia do apostolado e se tornem instrumentos dignos e capazes para a dilatação do Reino de Deus nas almas. Aqui é necessária uma explicação. O Irmão porteiro ficará na portaria, e a Irmã cozinheira ficará na cozinha. Mas ambos devem saber que o seu trabalho, realizado com espírito sobrenatural e oferecido ao Senhor, pode ter e deve ter uma finalidade apostólica. Com maior razão diga-se isto das Comunidades de vida contemplativa: é neste sentido, que eu costume dizer, que as Carmelitas descalças do Brasil são as grandes auxiliares do Núncio Apostólico na sua difícil tarefa.

E' necessário, além disto, segundo os desejos do Santo Padre, que cada religioso e cada religiosa se torne apto ao desempenho mais perfeito de suas funções: por exemplo, que o professor seja um bom professor, munido dos necessários títulos de estudo; que a enfermeira seja uma ótima enfermeira, munida também ela, enquanto possível, do título correspondente; que a cozinheira seja uma ótima cozinheira (e quanto é importante também isto!); que todos, enfim, ponham o máximo empenho no cumprimento do próprio dever, convencidos, porém, de que na ordem sobrenatural cada sucesso vem da graça do Senhor, cuja efusão, as mais das vezes, fica envolvida para nós em mistério. Como é belo e consolador poder dizer no fim de cada dia; Senhor, hoje eu coloquei a Teu serviço o melhor que eu tinha, que eu sabia e que eu podia: agora, tudo está em Tuas mãos.

3) E' necessário, em terceiro lugar, que os religiosos e as religiosas não sejam apenas filhos ou filhas do seu Instituto ou Congregação, do qual devem, no entanto, conservar bem vivo e intacto o espírito. Mas sejam acima de tudo e principalmente filhos amantíssimos da Santa Madre Igreja, da qual o seu Instituto é uma pequena parte, que pode existir e pode também não existir, e que somente existe enquanto da mesma Igreja recebeu a vida.

Quantas vezes já nos foi recomendado que devemos "sentire cum Ecclesia". Por êste motivo, devemos pelo menos saber alguma coisa da sua história bimilenar; devemos conhecer hoje seus trabalhos, seus esforços missionários, suas dificuldades, suas lutas, seus triunfos e também seus insuces-

sos no plano humano; devemos com ela compartilhar as dores, as alegrias, as angústias e as esperanças; devemos fazer nossos os seus sofrimentos; devemos não só amar o Papa, mas conhecer também os seus ensinamentos e seguir com docilidade os seus conselhos e as suas diretrizes; devemos saber que o Bispo é sucessor dos Apóstolos e tem o mandato divino de apascentar o rebanho a êle confiado.

Aqui vem o problema da colaboração, a mais generosa possível, com a Hierarquia Eclesiástica: problema que será tratado oportunamente êstes dias, sôbre a base de uma exigência mais acentuada de unidade no campo do apostolado.

Devem ser lembrados, outrossim, as diretrizes que o Bispo traça em relação a campos particulares de trabalhos, e a ajuda que pede aos religiosos em determinados setores. Daqui nasce às vêzes o contraste com as Regras e os usos próprios das Ordens ou das Congregações. O importante então é expor o caso, digamos assim, em primeira instância, ao próprio Bispo, com sinceridade, respeito e lealdade. Depois, se as dificuldades perduram, poder-se-á recorrer à autoridade superior, que é a da Santa Sé, ou diretamente, ou por intermédio do Nuncio Apostólico.

Mas, por caridade, que os leigos jamais possam dizer que os religiosos são contra o Bispo, ou, pior ainda, que sublevaram o povo contra o Bispo.

São casos raros, muito raros, felizmente. Mas eu vi as lágrimas nos olhos de um Bispo, que me falava das tremendas dificuldades que lhe havia criado a Superiora de um Colégio da sua cidade episcopal.

4) E' impossível, neste momento, passar em revista os diversos campos de apostolado, próprio dos religiosos.

Mas não posso deixar passar completamente em silêncio o apostolado da educação da juventude, apostolado ao qual se consagram no Brasil dezenas de milhares de religiosos e religiosas.

Não obstante tôdas as deficiências e complicações da legislação civil em matéria de instrução, devemos reconhecer lealmente que a posição da escola católica no Brasil é certamente melhor que a de tantos outros Países da América e da Europa. Basta pensar na existência de 12 Universidades Católicas, reconhecidas oficialmente pelas competentes autoridades civis.

Mas, como é óbvio, a problemática em matéria é complexa: devemos, antes de mais nada, perguntar se as nossas escolas — que exigem da parte da Igreja um esforço colossal em pessoal, tempo, energias, edifícios, aparelhamento — estão produzindo os frutos, que seria lícito esperar?

Por quais motivos não podemos declarar-nos completamente satisfeitos com os nossos Colégios e Universidades?

O nosso pessoal é bem preparado? Somos apenas professôres, ou, também, e principalmente, educadores? E sob o ponto de vista social, que coisa podemos deduzir do quadro geral dos nossos Colégios? Vamos ao encontro do povo, ou ao encontro das classes abastadas?

— Eis as instruções que a Santa Sé me encarregou de transmitir aos Superiores Maiores, e que eu leio textualmente, com a advertência de que se

trata de adaptá-las à situação particular do Brasil:

“A Santa Sé deseja que a escola católica dos Países da América Latina se torne verdadeiramente uma escola para o povo; nesta ocasião a Sagrada Congregação competente recorda alguns pontos particulares de grande importância:

a) necessidade de elevar o grau de instrução dos mestres, munindo-os dos necessários títulos de estudo: onde se notasse a falta, fundem-se Escolas Normais particulares;

b) necessidade de reduzir as pensões, limitando ou suprimindo as despesas supérfluas, por exemplo, as despesas para uniformes, para dádivas ou coisas semelhantes;

c) necessidade de cuidar da profunda formação cristã e da sólida instrução religiosa dos alunos, mediante a escolha de pessoal idôneo para o ensino e de bons Diretores espirituais;

d) utilidade de atingir também as famílias e de obter a sua colaboração, mediante a organização e incremento das Associações dos Pais de família, ao lado das dos Ex-Alunos”.

Até aqui, as instruções da Santa Sé, no texto original.

A recente Assembléia Ordinária dos Bispos do Brasil dedicou particular atenção ao problema dos nossos educandários, traçando normas e dando conselhos que cada um dos Senhores Bispos fará conhecer a quem de dever.

5) Passando ao último ponto, a saber, ao campo econômico-social, é bom recordar, também nesta Assembléia, que é errônea a opinião daqueles que afirmam que — dada a preponderância do problema econômico social na América Latina — a Igreja deve concentrar todos os seus esforços sobre esta questão e quase limitar as suas atividades a tal campo.

Não! A ação própria da Igreja, na América Latina, como em qualquer outra parte do mundo, é essencialmente de ordem religiosa, espiritual e moral, e tem como fim a instauração do Reino de Cristo na terra e a salvação eterna das almas. Por isso, os meios específicos, de que se serve, são sobrenaturais, como sobrenatural é também o seu fim.

Exposto isto com clareza, é também verdade que grandes são as possibilidades e as responsabilidades da Igreja mesmo no campo social e no bem-estar terreno dos povos, seja quanto ao ensino dos princípios que devem reger as instituições próprias da vida social, seja quanto à própria ação.

Por outro lado, não se deve esquecer que, na base das inquietações e convulsões dos povos, mesmo quando as causas mais próximas podem ser indicadas nas condições de mal-estar ou de necessidade das massas, nunca faltaram fraquezas ou defeitos de natureza espiritual ou moral: a Igreja, portanto, ao intensificar a própria ação neste campo, sempre contribuiu, de maneira poderosa, para a tranqüilidade e progresso dos Países, na ordem e na justiça.

Pois bem, em concreto, parece-me que podemos resumir nos seguintes pontos a tarefa da Igreja (e, portanto, da Hierarquia, dos seus ministros, dos

religiosos, dos leigos militantes) aqui no Brasil, nesta hora grave para a vida nacional e internacional:

1) Caridade cristã, justiça social e amor à Pátria exigem a cooperação da Igreja no estudo e na atuação de tôdas as reformas estruturais, econômicas e sociais, destinadas a melhorar o nível de vida do povo brasileiro no campo material, econômico, cultural e social. Não é o caso de citar aqui cifras e cifras, já tantas vêzes repetidas.

E' certo que a situação é grave, verdadeiramente grave; é certo que a situação se vai agravando, por causa do grande aumento da população, por causa da falta de clarividência, de energia, de verdadeiro patriotismo de alguns homens públicos, por causa do egoísmo das classes mais ricas.

2) A atual situação econômico-social do povo oferece à propaganda comunista as melhores condições de sucesso: foi sempre assim em todos os Países. E' um motivo a mais para agir. Mas, note-se bem, também se o comunismo não existisse, caridade cristã, justiça social e amor à Pátria exigiriam da Hierarquia Eclesiástica e dos católicos, o interêssse mais vivo e a ação mais solícita para a solução dos problemas econômico-sociais.

3) Em concreto: o Santo Padre nos convida, nos exorta, de certo modo nos impõe o seguinte:

a) difundir, explicar, precisar os princípios da doutrina social católica, segundo os ensinamentos das grandes Encíclicas Sociais, praticamente resumidos e atualizados na "Mater et Magistra". Muitas vêzes tais ensinamentos são conhecidos apenas superficialmente, o que leva a interpretações arbitrárias. Um exemplo recente: há quem leu somente os títulos e os sub-títulos das traduções da "Mater et Magistra" e, tendo encontrado, entre os sub-títulos, a palavra "socialização", concluiu, sem ler sequer o texto, que o Santo Padre aprovou a "socialização", no sentido socialista da palavra.

b) dar o bom exemplo na aplicação concreta dos ensinamentos pontifícios: por outras palavras — e são palavras do Cardeal Secretário de Estado — "aquilo que se costuma chamar "a Igreja", isto é, os seus ministros, as suas organizações, as suas obras e instituições, sejam os primeiros a dar exemplo vivo".

A calúnia contra a Igreja, também neste campo, é inevitável; mas, vejamos se uma ou outra vez não damos ocasião ou pretexto com o nosso modo de tratar as pessoas de serviço, os inquilinos das nossas propriedades urbanas ou rurais, os próprios mestres e professores das nossas escolas.

E a êste propósito, recordemos também que não pode causar boa impressão nem dar bom exemplo o luxo excessivo de algumas construções destinadas a Comunidades Religiosas ou a Colégios dirigidos por Religiosos; nem, excetuadas as finalidades particulares do Instituto, é índice de bom espírito a procura de quarteirões mais ricos das nossas cidades ou dos Estados mais prósperos da Federação. Não passam despercebidas ao público as preferências e o cuidado que se dão aos Colégios e Escolas para as classes mais abastadas e, conseqüentemente, o pagamento e a negligência com que são mantidas as escolas para os pobres.

Devo dizer mais: o religioso e a religiosa, assim como o sacerdote secular, devem ter da virtude da justiça um conceito justo, e mostrar-se convencidos de que tal virtude se deve praticar com relação a todos.

Que a justiça, a prudência, a caridade resplandeçam em tôdas as vossas obras; que seja para todos evidente que a procura do Reino de Deus, a ser instaurado em nós e em nossos próximos, deve estar acima de tôdas as vossas atividades e de tôdas as vossas preocupações.



Revmos. Padres Provinciais,
Revdas. Madres Gerais e Provinciais!

Dentro de poucos meses estará reunido em Roma o Concílio Ecumênico Vaticano II. Segundo as intenções do Augusto Pontífice, que o convocou, êste Concílio deve dar um nôvo impulso, um nôvo vigor, quase uma juventude nova à Santa Igreja. Rezemos, rezemos, para que êste movimento de renovação, de frescura e de primavera beneficie copiosamente as Ordens, as Congregações e os Institutos, que da Santa Igreja são os corpos escolhidos e especializados, prontos a arriscar tudo, porque tudo deram ao Mestre Divino.



A PALAVRA DA HIERARQUIA

COOPERAÇÃO ENTRE A CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL E A CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (resumo)

por S. Excia. Revma. Dom Helder Câmara

Após a palavra do Exmo. Sr. Núncio Apostólico, compareceu ao Plenário o Exmo. e Revmo. Sr. Dom Helder Câmara que, como Secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, veio, em nome da mesma, dizer o que ela espera dos Religiosos. Neste sentido, Dom Helder deu as seguintes explicações:

Desde 1958, em face do que ocorria em Cuba, pedira o Santo Padre ao CELAM um plano de emergência para a América Latina. As grandes linhas dêse plano se podem enquadrar em dois pontos:

- 1.º — ministério pastoral;
- 2.º — campo econômico-social.

Ministério pastoral — Neste ponto ver quais as preocupações que merecem a prioridade de atendimento:

- a) **Renovação paroquial:** não que falta zêlo, mas, porque estamos aqui

para aprimorar, precisamos fazer as coisas de modo mais completo. No roteiro desta renovação, antes de apelarmos para os leigos, apelamos para a colaboração dos Religiosos;

b) **Renovação do ministério sacerdotal:** trabalhar para nosso aprimoramento sacerdotal. Querer santificar os outros, sem se santificar a si próprio, é ilusão, porque sem isto nada se consegue;

c) **Renovação educacional:** neste sentido, importa seguir o roteiro já existente e traçado pela Santa Sé, que sempre respeita o pensamento das Ordens e Congregações religiosas.

Campo econômico-social — Também neste campo é necessária uma renovação, de modo a promover reformas de estrutura que ofereçam a todos melhores condições de vida.

— Qual a colaboração desejada pelos Bispos e a ser dada pelos Religiosos?

S. Excia. apresenta algumas deliberações da Assembléia da CNBB, realizada de 1 a 5 de abril p.p.:

a) Instituir uma Comissão coordenadora composta de membros da C. N. B. B. e C. R. B., sob a presidência do Presidente da CNBB;

b) Fundação do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sócio-religiosas) com a colaboração de ambas as Conferências;

c) Fundação de um Instituto de Pastoral para ambos os cleros.

Para iniciar, a principal colaboração deve ser dada através da participação ativa dos Religiosos nos Secretariados Regionais, que vão ser organizados e terão sua sede em Belém, Natal, Goiânia, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Pôrto Alegre.

“Posso afirmar — disse Sua Excelência — que há, da parte da CNBB, atitude de inteira confiança na CRB e dela precisamos para executar nosso plano de emergência. E’ bom pensar que estamos caminhando na via da caridade. As duas Conferências estão maduras para êste entrosamento de forças”.

“... Concilio tem em vista fazer com que o clero se revista de nôvo fulgor de santidade; o povo seja eficazmente instruido nas verdades da fé e da moral cristã; as novas gerações, que crescem como esperança de tempos melhores, sejam educadas retamente; tem em vista fazer com que se cultive o apostolado social e os cristãos tenham um coração missionário, que é o mesmo que fizer fraterno e amigo para com tudo e com todos”.

S.S. João XXIII, Discurso à Comissão Central Preparatória do Concilio Ecumênico.

A COOPERAÇÃO DOS RELIGIOSOS NO APOSTOLADO DA HIERARQUIA

Pe. Jaime Snoek, C.Ss.R.

Não é a primeira vez que este assunto é abordado entre nós, e não será a última, estou certo. Os dois cleros, secular e regular, são grupos teológica, histórica e juridicamente bem definidos na Igreja, e a coordenação de ambos numa pastoral de conjunto terá que ser elaborada sempre de novo para cada época. É particularmente urgente nos nossos dias. Observadores qualificados são de opinião de que a sorte da América Latina será decidida nos próximos anos. Para a Igreja não se trata propriamente de conservar suas posições tradicionais neste continente, nem tampouco de improvisar uma defesa em face da ameaça de "cubanização". Está em jogo sua própria sobrevivência. Será ela capaz de dar sua contribuição indispensável na construção deste continente em ebulição? de implantar uma fraternidade humana que supere ódios, litígios e lutas de classes? de anunciar com convicção irresistível o mistério de que vive? de fazer crescer na verdade e na caridade o povo de Deus, como fermento evangélico nesta sociedade em convulsões? Eis o angustiante problema que deve alarmar a consciência de todo cristão, particularmente daqueles que, como sucessores dos Apóstolos, carregam todo o peso da responsabilidade que Cristo lhes impôs, e de nós que, pelo nosso sacerdócio, dela participamos. Sabemos como a Santa Sé está preocupada com a Igreja na América Latina. Um socorro em grande escala está-se articulando na Igreja de outros países, resposta pronta e generosa aos repetidos apelos feitos pela Santa Sé nos últimos anos. Seria um absurdo se ameaçada a Igreja da própria América Latina, objeto de tanta solicitude por parte de toda a mesma Igreja, não se empenhasse num extremo esforço de aproveitamento máximo dos recursos internos. É neste sentido que o Santo Padre se pronunciou na sua célebre carta de 8 de dezembro do ano passado. Nunca menos do que agora podemos nos permitir o luxo de rivalidades interpresbiterais, em contradição aliás com a nossa própria ordenação sacerdotal. Seria imperdoável, agora mais do que nunca, um desperdício das forças apostólicas já tão escassas por falta de unidade de comando, por falta de coordenação inteligente. Um espírito verdadeiramente eclesial nos deve inspirar numa tentativa paciente e perseverante de superar certos atritos, sensibilidades do passado e alergias do presente, para articularmos melhor cabeça e membros — laicato, religiosos e cleros em harmonia com o episcopado — na unidade do Corpo Místico.

É fácil formular esta exigência. Realizá-la é outra coisa. Não faltam os que propõem soluções extremas e simplistas, como p.e., a abolição da isenção. Mas aconteceu que o Espírito Santo não se deixa prender em esque-

mas humanos: **Spiritus ubi vult spirat**. Se o próprio Espírito suscita a variedade de funções e carismas na Igreja, deve esta ser respeitada sem prejudicar a unidade do Corpo. Por isto, para podermos proceder com segurança, parece-nos indispensável uma reflexão teológica sôbre hierarquia e estado religioso no mistério da Igreja. Evita conclusões precipitadas e ajuda a formar uma mentalidade, o que parece mais importante do que a elaboração de um nôvo estatuto jurídico. Nossa tentativa está nesta linha.

I — Aspectos teológicos do sacerdócio episcopal e presbiteral

Seria difícil estudar com seriedade o problema da nossa cooperação com o apostolado da hierarquia sem alguma atualização teológica a respeito da natureza do sacerdócio episcopal e presbiteral. A teologia contemporânea está focalizando muito o tratado "De Ordine", em conexão com a eclesiologia e a teologia do apostolado. Embora ainda em plena elaboração teológica, há algumas conquistas já mais ou menos pacíficas que nos parecem importantes para o nosso problema. Façamos uma tentativa de sintetizá-las.

Há duas correntes na tradição a respeito da relação entre episcopado e presbiterado. Uma, parte do presbiterado, e vendo nêlo um poder de ordem igual ao do bispo (**quid facit episcopus quod presbyter non faciat?** S. Jerônimo. Até o poder de ordenar presbíteros já foi autorizado pelo Papa a abades não bispos), considera o episcopado apenas como uma ligeira extensão do presbiterado, com um conteúdo dificilmente definível, mais na linha da jurisdição. É esta corrente que encontramos nos nossos manuais de Moral, onde sôbre o episcopado mal se fala, numa espécie de apêndice no tratado "De Ordine". A outra, mais antiga, parte do episcopado como sacerdócio essencial, do qual o presbiterado é apenas uma participação dependente, dependente até no próprio poder de ordem. E é em tórno desta corrente que convergem as pesquisas modernas de exegetas e historiadores, encaminhando-se para um consenso já quase unânime dos teólogos.

Ponto de partida nesta concepção não é precisamente o episcopado no sentido técnico da palavra, mas sim o "munus apostolicum" ou o "carisma apostólico". Uma vez terminada sua existência terrestre e visível, e glorificado como Kúrios, Cristo, agora cabeça invisível do povo sacerdotal que adquiriu pelo seu sangue, começou a exercer sôbre a Igreja seu poder messiânico e kurial, de um modo visível e sacramental, através do "carisma apostólico" dos doze, do qual o "ordo episcopalis" é o prolongamento post-apostólico. O "munus apostolicum" é, pois, a visibilidade terrestre e eclesial da ação salvífica do Messias glorificado, ação esta chamada pelo Apostólo de "diakonia" **in aedificationem corporis Christi** (Eph 4, 12).

Procuremos determinar o conteúdo dêste "munus apostolicum". Depende dos próprios elementos constitutivos da Igreja que os Apostólos são chamados a servir. Estes elementos são o **sacramento** e a **palavra**. **Sacramento**, pois a soberana ação salvífica de Deus só pode revelar sua presença histórica através de realidades visíveis: Cristo histórico e, depois da sua Ascensão, a Igreja visível e os sacramentos da Igreja. Mas o sacramento, como

revelação velada da realidade salvífica, requer como complemento intrínseco, a **palavra** da Igreja, pela qual ela proclama sua fé na realização "hic et nunc" desta realidade. A palavra especifica e completa o sacramento. Pelo sacramento e pela palavra, dupla revelação em unidade funcional, o povo de Deus, a Igreja se constrói. Por isto o "munus apostolicum", como sacramentalização de "Christus Caput", terá que ser uma **função autoritativa a respeito destes dois valores**, enquanto constitutivos da Igreja.

Precisemos agora o conteúdo do carisma apostólico. Sacramentalizando na terra o sumo sacerdócio de Cristo Glorificado, este carisma é essencialmente uma **função sacerdotal** a serviço do povo sacerdotal de Deus. É um pastoreio, um governo do povo de Deus naquilo que diz respeito ao ministério da palavra e do sacramento, pastoreio este que conduz a Igreja através dos tempos na sua ascensão até a Parusia do Sumo Sacerdote. O apóstolo, o bispo é, pois, o liturgo da comunidade eclesial. Ele é também o **pregador**, o "doctor ecclesiae". Ele é, afinal, o **chefe**, o "caput ecclesiae", o "pastor bonus". Tudo isto ele é em comunhão com o "ordo episcoporum" em torno do Papa, como "diakonia" com Cristo Glorificado e com a Igreja.

Falamos em "ordo episcoporum". Com efeito, o carisma apostólico foi confiado por Cristo ao **colégio dos Apóstolos**, fundado na rocha e, como tal, ungido pelo Espírito. O "ordo episcoporum" é o prolongamento do colégio dos Apóstolos. Uma vez integrado pela rocha no "ordo episcoporum" cada bispo recebe este Espírito, participa na plenitude do carisma apostólico, torna-se responsável pela Igreja Universal: "**Episcopatus unus est, cuius a singulis in solidum pars tenetur**", diz Cipriano. E ainda: "**omnibus apostolis parem tribuit potestatem**". Há, pois, no episcopado um duplo aspecto: a co-responsabilidade pela Igreja Universal (aspecto universal) e a solicitude pela Igreja local (titulus) ou particular onde representa toda a plenitude do carisma apostólico da Igreja Universal (aspecto particular). O aspecto universal é mais fundamental. O aspecto particular parece até dispensável. Também isto tem alguma importância para o problema que estamos estudando.

Partindo, pois, deste conceito do episcopado, procuremos agora definir a natureza do **presbiterado**. Desde os tempos apostólicos a hierarquia teve consciência de poder delegar certas funções do carisma apostólico a não-bispos, conforme as necessidades pastorais e nas mais variadas modalidades. Nos nossos dias há até leigos que participam, por delegação, no apostolado da hierarquia. A delegação principal é o prebisterado, instituído ainda no tempo apostólico. Por isto pertence à estrutura definitiva da Igreja. Nestas delegações a hierarquia, em geral, pode dar e tomar como julgar melhor, entretanto com esta restrição que, uma vez conferida, não pode mais anular a ordenação presbiteral, que está na base de várias delegações.

Focalizemos mais a natureza do presbiterado. As fontes nos revelam que o prebisterado é essencialmente um sacerdócio auxiliar, dependente do "ordo episcoporum". É um sacerdócio "secundi meriti", ou "Secundi ordinis" conforme a expressão cristalizada na liturgia. Uma vez ordenado, pode o presbítero exercer válidamente todas as funções apostólicas para as quais fôr autorizado pelo "ordo episcoporum." Em princípio não há restrição,

pois o sacerdócio é uno e indivisível. Quanto à base sacramental, em abstrato não há diferença na **amplitude** do sacerdócio episcopal e presbiteral. Tôda a diferença (e é fundamental!) consiste nisto, que o bispo o possui, em virtude da sua sagração para o "munus apostolicum", independentemente, podendo exercê-lo "virtute propria et ordinaria", ao passo que o presbítero, "in concreto", pôde exercê-lo válidamente tão somente se e enquanto age em nome do "ordo episcoporum" e em cooperação com êste, se e enquanto fôr autorizado. Esta dependência do sacerdócio "secundi ordinis" não está apenas na linha da jurisdição, não atinge apenas a liceidade, mas atinge o próprio poder de ordem, ao ponto de poder tornar inválido o ato sacerdotal realizado independentemente, em nome próprio, como se o presbítero tivesse o carisma apostólico. Na Igreja latina isto é evidente no sacramento da Penitência, da Crisma e da Ordem.

O presbiterado é, pois, um sacerdócio essencialmente dependente, e seus poderes concretos dependem da autorização concreta que pode variar desde o poder apenas de celebrar a eucaristia e de batizar, autorizações estas que sempre são dadas na própria ordenação sacerdotal, até os poderes de representante local plenipotenciário do bispo, embora sempre dependente. O ritual da ordenação sacerdotal ainda reflete as funções delegadas aos presbíteros da época da sua composição: "**sacerdotem oportet offerre, benedicere, praeesse, praedicare et baptizare**". Nada consta da absolvição sacramental, porque ainda não costumava ser delegada ordinariamente aos presbíteros. Quando também esta delegação se tornou praxe, sentia-se a necessidade de explicitar esta nova função a ser delegada no ritual da ordenação, pela "impositio manus" individual, no fim das cerimônias. Mesmo assim não se outorga o poder **concreto** de absolver pela própria ordenação, como se faz na Igreja Oriental. Sem delegação concreta posterior a absolvição ainda seria inválida.

Esta idéia da dependência litúrgica do sacerdócio presbiteral no próprio poder sacramental ficou um pouco apagada, no correr dos séculos, por uma superestrutura de relações jurídicas, reduzindo-se o episcopado muitas vêzes a uma função mais administrativa do que pastoral. Mesmo assim, ainda, há muitos pequenos detalhes que manifestam a verdadeira relação entre episcopado e presbiterado. A ordenação sacerdotal ainda é privativa do bispo, a crisma quase, penitência e pregação requerem delegação explícita; eucaristia, batismo e extrema-unção dependem ainda litúrgicamente do bispo pelas bênçãos reservadas dos santos óleos, pedra de ara e cálice. A Missa presbiteral no fundo é uma concelebração com o "ordo episcoporum". Antigamente era uma concelebração local em tórno do Bispo, como coroa. Mais tarde, com a extensão da Igreja e a descentralização correspondente, tornou-se uma concelebração à distância, conservando-se a União e dependência eucarística simbolicamente pelo "fermentum", matéria consagrada da Missa papal que o Papa mandava para os "tituli", onde era misturado no cálice. Hoje a mesma idéia é expressada quando, no cânon da nossa missa presbiteral, mencionamos nossa união com o Papa, com o Bispo do lugar e com todo o "ordo episcoporum" ("et omnibus orthodoxæ atque apostolicæ fidei cultoribus").

O presbiterado não é apenas um sacerdócio dependente; é também um sacerdócio **colegial**. Os presbíteros **em conjunto** ("ordo presbyterorum") constituem o "coadiutorium ordinis episcopalis". Isto supõe divisão de atividades e coordenação. Esta divisão encontramos-na na linha vertical de vigário geral, vigário forâneo, para vigário e vigário cooperador; na linha horizontal de paróquia para paróquia e entre as funções especializadas interparoquiais e interdiocesanas.

Como o episcopado, antes de ser local, é universal, assim também é o presbiterado, antes de ser diocesano, episcopal, isto é participação dependente e auxiliar do episcopado mundial. Entretanto, para o clero secular esta cooperação com o episcopado mundial se realiza concretamente pelo serviço em favor de determinada diocese. Mas é um aspecto secundário e, até certo ponto, contingente. Para o clero regular esta cooperação com o "ordo episcopalis" em geral é mais interdiocesana, mas não menos real.

Tanto no seu aspecto de dependência litúrgica, como no seu caráter colegial e universal, não há nenhuma diferença teológica entre o presbiterado do clero secular e regular. Pio XII declarou isto com muita clareza. Ambos os cleros constituem o clero diocesano, numa palavra de João XXIII.

Temos que estudar agora aquilo que o clero regular tem de específico em virtude do estado religioso.

II — Aspectos teológicos do estado religioso

O que nos interessa é a natureza da vida religiosa, seu lugar na vida da Igreja, sua posição frente ao mundo.

O **mundo**, o temporal, a civilização como esforço do homem por se realizar, sujeitando a si os recursos depositados na criação e em si próprio, tudo isto, todo êste movimento interno do mundo e da história, existem em virtude do ato criador de Deus. A **Igreja** não resulta dêstes recursos da primeira criação. Ela existe em virtude de uma nova iniciativa de Deus, essencialmente sobrenatural, na qual o próprio Deus se compromete. Ela é, no meio do mundo, uma instituição divina de santidade e de santificação, emanando da realeza sacerdotal, profética e redentora de Cristo. Instituição divina no meio do mundo, ela cria suas próprias instituições, de acôrdo com sua dupla missão: regenerar para a vida da graça os homens que, pelo batismo de penitência, ingressaram no seu seio materno, e — pela graça medicinal — agir no mundo, no temporal para que êste se desenvolva de acôrdo com o plano primitivo de Deus, na justiça e na verdade, no amor e na paz.

Uma destas instituições é a **vida religiosa**, suscitada pelo próprio Deus no seio da Igreja, como realização mais explícita da vida teológica e escatológica, enquanto faz da renúncia efetiva de alguns valores tipicamente temporais e intra-mundanos seu quadro normal de vida. Teve sua origem já naquele grupo de discípulos que abandonou tudo para seguir literalmente a Jesus. A comunidade cristã de Jerusalém representa a primeira expressão eclesial da mesma idéia. Êste modo diferente de viver a vida cristã chamava-se então "vita apostólica". Hoje, depois de uma evolução constante através

dos séculos nas mais variadas modalidades, este mesmo modo de viver é chamado vida religiosa.

Se — com Padre Congar — podemos considerar a Igreja sob duplo aspecto — a Igreja como santidade já realizada nos membros, como **Comunhão dos Santos**, ou então como instrumento de graça, como **Comunhão Hierárquica** — então o estado religioso, sem dúvida, tem sua origem e seu lugar na Igreja como Comunhão dos Santos. A pessoa do fundador é um figura tipicamente **carismática**. O instituto religioso é fruto imediato do próprio Espírito Santo na Comunhão dos Santos, e não resulta da Hierarquia, embora esta, como sacramento da graça, naturalmente sempre esteja na base de toda a santificação. Mas cabe à Hierarquia uma função indispensável de vigilância, provando se os espíritos realmente vêm de Deus... São as várias etapas da aprovação canônica. E nem sempre foi fácil para o Espírito Santo vencer certas resistências canônicas! Além disto recebeu o estado religioso na Igreja latina um estatuto público, sendo as respectivas regras consideradas "leis particulares" e os superiores representantes da Hierarquia, mesmo na chamada "potestas dominativa". Este entrosamento do estado religioso na Hierarquia, com a uniformização jurídica correspondente, não deixa de constituir certo perigo para a espontaneidade carismática do impulso do Espírito Santo.

Já pelo seu testemunho na cidade de Deus, o estado religioso representa uma pregação, um apostolado. Além disto podem os Religiosos exercer as mais variadas tarefas na Igreja e no mundo. Entre elas figura, como particularmente indicada, a do **presbiterado**.

São várias as incidências entre presbiterado e estado religioso. Nos contemplativos, p. e., o presbiterado, vivido principalmente como culto ascendente (opus Dei!), está mais em função da vida religiosa. Nos ativos a consagração dos votos é assumida para melhor devotamento às funções presbiterais no seu aspecto de culto descendente, como cura de almas. Entre estes, podemos distinguir ainda duas categorias. Na primeira, o elemento específico não está propriamente no apostolado mas numa espiritualidade ou devoção própria. Na segunda, a nota característica está no próprio apostolado específico que deu origem a sua fundação.

Quanto à **inserção** no apostolado da Hierarquia, os ativos sem apostolado específico não oferecem dificuldade especial: não há limite na gama das suas possibilidades e disponibilidades, em princípio. Enquadram-se com facilidade no clero diocesano e na cura de almas paroquial. **A fortiori** vale isto para aqueles institutos seculares que pretendem justamente servir a diocese onde estiverem e para o clero regular nas prelazias. Mas diferente é a questão quando no próprio patrimônio espiritual de um instituto prevalece uma forma especializada de apostolado, na cura de almas extraordinária. Esta especialização faz parte do caráter carismático do instituto e marca toda sua espiritualidade. Tal apostolado especializado, com a longa formação específica que requer, só pode se desenvolver e ser aproveitado plenamente quando é de âmbito **interdiocesano**.

Aliás, apostolado interdiocesano não é novidade na Igreja. Já a Igreja antiga conheceu os presbíteros itinerantes. Nem tampouco é privativo para

os Religiosos. Dentro do clero secular sente-se cada vez mais a necessidade de especialização com um campo de ação mais vasto, interdiocesano, regional, nacional, internacional, como na Ação Católica. Que isto inclui alguma restrição nos poderes pastorais dos bispos individuais, é evidente.

Podemos dizer que estes institutos interdiocesanos de ambos os cleros representam uma dupla bênção para a Igreja: possibilitam as especializações no apostolado hoje tão necessárias, e prestam um grande serviço de catolicidade, entrosando as Igrejas locais nas grandes correntes espirituais da Igreja Universal. Acontece, porém, que o clero regular está mais em condições para tais especializações: está sempre sob a vigilância dos seus superiores, e a especialização pode começar cedo.

Quando a Igreja aprova um instituto clerical com uma especialização pastoral nítida, reconhece que tal atividade corresponde a uma necessidade da Igreja, reconhece tal apostolado como uma ação da Igreja. E o bispo que aceita tal instituto na sua diocese, aceita também este apostolado especializado (can. 497) para sua diocese e como serviço à Igreja Universal.

Até agora tivemos oportunidade de apontar já vários aspectos teológicos do nosso problema. Na última parte entraremos um pouco mais no terreno prático.

III — A cooperação do clero regular com o apostolado da Hierarquia

Sob pressão das circunstâncias e sob o impulso do Espírito, surgiu nos nossos dias a chamada "pastorale d'ensemble", a pastoral de conjunto. Boulard, pioneiro e especialista no assunto, define-a da seguinte maneira: "São tôdas as forças apostólicas (de uma diocese), pessoas e instituições, integradas progressivamente numa ação de conjunto, sob a autoridade do bispo que tem a missão de coordenar e dirigi-las, no pleno exercício do seu ministério pastoral". As forças apostólicas **pessoais** são formadas pelos três grupos constitutivos do "ordo Ecclesiae": os dois cleros, religiosos e religiosas, e os leigos. Só quando estes três grupos, bem coordenados, se acham em plena atividade apostólica, podemos falar de uma Igreja vital e só assim o Bispo consegue exercer realmente a plenitude do seu ministério pastoral. E' de se notar que também o Santo Padre, na sua célebre carta ao Episcopado da América Latina de 8 de dezembro de 1961, insiste na mobilização destes mesmos três grupos em tôrno do episcopado (A.A.S. 1962, 28-31).

Nosso problema é o entrosamento do clero regular neste esforço comum. É um problema delicado. Ainda há alguma rivalidade entre os vários institutos religiosos, embora a Conferência tenha prestado um serviço imenso de mútua aproximação, de modo que uma coordenação de forças dentro do próprio clero regular já se tornou possível. Mais sérias são as rivalidades e os atritos entre os dois cleros, dificultando a plena harmonia e eficiência apostólica do único **corpo prebisteral**.

O erro doutrinário, segundo o qual o presbiterado do clero secular seria uma forma mais pura de sacerdócio do que o dos religiosos (Masure), embora vencido no plano dogmático (Pio XII), ainda persiste um pouco no

plano psicológico. Os religiosos às vêzes se sentem ainda tratados como "advenæ et peregrini" pelo clero secular. Da sua parte, os religiosos ainda não venceram por completo um sentimento sutil de superioridade coletiva, que já irritara grandes homens como os Cardeais Mannig, Vaughn e Mercier. E há os atritos entre episcopado e clero regular. Para citar apenas alguns: Os bispos sentem que os religiosos não são tão exclusivamente devotados à diocese como o clero secular. Fogem, às vêzes, atrás da muralha de uma isenção mal compreendida. As nomeações trienais costumam afetar também a diocese, principalmente as paróquias confiadas a religiosos. Por causa de uma permanência efêmera na diocese, às vêzes pouco se importam com as determinações episcopais, pouco comparecem à reunião do clero. Fazem-se de rogados. Temem os bispos que os religiosos, com todo o pêso da sua espiritualidade, das suas devoções, e associações, com suas igrejas, colégios e outras propriedades, com suas amizades e com seu recrutamento, constituam uma diocese dentro da diocese.

É claro que para um problema tão antigo e tão sutil, que envolve o próprio mistério da Igreja onde divino e humano estão inseparavelmente entrelaçados, não existe uma solução simples e pronta. Em duas coisas, pelo menos, devemos pensar. Devemos criar uma nova mentalidade e elaborar formas jurídicas mais adequadas.

Uma nova **mentalidade**. Isto está mais a nosso alcance, e é ao mesmo tempo mais fundamental. Trata-se de interiorizar, em estudo e meditação, os grandes temas da eclesiologia, da teologia do apostolado, do episcopado e do presbiterado, do estado religioso. A legítima preocupação de uma sólida formação religiosa não nos faz esquecer um pouco a espiritualidade sacerdotal? A "Sedes Sapientiae" exige explicitamente formação sacerdotal. O tratado "De Ordine", que já não está mais em dia, não costuma ser entregue muitas vêzes ao estudo particular dos nossos seminaristas?

A competência dos próprios professores não deixa, às vêzes, a desejar? Pois nem tôdas as congregações podem-se permitir o luxo de manter um corpo docente especializado. Aliás, a multiplicidade de pequenos escolasticados também não representa um desperdício de fôrças? E não poderia haver maior intercâmbio entre os seminaristas de ambos os cleros, maior abertura? Conventos e seminários não devem ser tôrres de marfim, se queremos chegar a uma verdadeira fraternidade sacerdotal em tôrno do Bispo. Em outros países já se conseguiu muita coisa. Entre nós há muitos indícios de que esta mentalidade já se está criando. Podemos, todavia, trabalhar, mais consciente e mais decididamente neste sentido.

Mais difícil será a elaboração de **formas jurídicas mais adequadas**. Um ponto em foco é o privilégio da **isenção**. Cremos que uma mudança radical não é nada desejável. Quando bem compreendida a isenção, é em benefício da Igreja Universal e das igrejas locais. Põe a igreja local em contato com as grandes correntes carismáticas da Igreja Universal, intensificando sua comunhão com ela e protegendo-a contra um insularismo atroficante. Possibilita as especializações e as atividades apostólicas interdiocesanas cada vez mais necessárias. Fornece ao bispo gratuitamente elementos devotados por consa-

gração religiosa à cura de almas, e ainda facilmente substituíveis quando forem infiéis a sua vocação. O caráter interdiocesano do instituto religioso é então um grande recurso do qual o bispo não dispõe a respeito do seu clero secular. Se existem religiosos tipo franco-atirador, é lamentável, mas também aqui vale o adágio que o abuso não deve impedir o uso.

Não negamos que na **modalidade** da isenção certas adaptações possam ser desejáveis, em função justamente de uma pastoral de conjunto. Mas esta adaptação, a nosso ver, dependerá de uma outra adaptação, a saber, na própria **estrutura da hierarquia**. No direito vigente, os bispos gozam de uma autonomia quase absoluta nas suas dioceses. Isto também prejudica a eficiência de uma "pastorale d'ensemble". Ora, como vimos, este aspecto particular do episcopado é antes secundário em comparação com seu aspecto universal. Está sujeito a modificações. A unidade e a eficiência da ação pastoral no plano regional requer, talvez, a renúncia de alguns direitos até agora diocesanos em favor de uma jurisdição mais concentrada. A inserção dos religiosos nesta pastoral de conjunto, também com algumas restrições em sua isenção, torna-se então mais fácil.

Eis-nos mais uma vez em face da coordenação das forças apostólicas, problema que procuramos elucidar nos seus vários aspectos. Caberá aos Padres conciliares julgar, em última análise, as sugestões de reforma estrutural da organização eclesíastica. Cabé a nós preparar um espírito verdadeiramente missionário. Numa comunidade de caridade em estado de missão, as relações entre clero regular e secular, entre religiosos e hierarquia, podem conhecer apenas uma forma: a colaboração desinteressada. E as soluções a serem procuradas, — estamos citando o Pe. Jérôme Hamer O.P. — serão tanto mais duráveis quanto uma boa vontade, esclarecida pela teologia, tiver conduzido não a algum compromisso vago, mas ao respeito pela autenticidade das coisas.

Bibliografia consultada

- H. SCHILLEBEECKX O. P. — Priesterschap, Theologisch Woordenboek III Roermond 1958, 3959-4003
- J. C. GROOT — De verhouding bisschop—priester, Nederl. Kath. St. 1958. 10/11/306-317
- H. BOELAARS C. ss. R., De plaats van de religieuzen in de Kerk, ib. 318-327
- B. VAN LEEUWEN O. F. M., Seculiere en reguliere priesters in de zielzorg ib. 328-346
- J. ERHAM O. P. Place des religieux dans l'apostolat de l'Eglise. Nouv. Rev. Th. 1959/3-271-281
- M. GIULIANI S. J., Vie religieuse et apostolat, Christus 1960/26 204-226
- GIOVANNI da S. Giovanni in Persiceto OFM Cap., O privilégio da isenção dos Religiosos, Rev. da CRB 1962/80 79-92
- J. TILLARD O. P., La vie religieuse dans le mystère de l'Eglise, Sciences Ecclésiastiques 1962/1 89-108
- Y. CONGAR O. P., Théologie du rôle de la religieuse dans l'Eglise. Suppl. Vie Soir. 1959/50 315-342
- F. BOULARD — Projets et réalisations de la pastorale d'ensemble (Masses Ourières, 1962;/182 27-37)
- (Importante mas inacessível: VERMEER, De plaats van de exempte priester (speciaal van de priester-monnik) in het hiërarchisch apostolaat Tijdschr. voor Theologie Oct-Dec. 1961/338-350)

ENTROSAMENTO DOS IRMÃOS COM A PASTORAL

Irmão João de Deus, F.M.S.

1 — Introdução:

Hoje mais do que nunca, e de múltiplos modos, está o religioso, como indivíduo e como membro de uma comunidade, envolvido nos imperativos sociais.

Esta realidade preocupou imensamente Pio XII, e foi ela que o levou a tanto insistir sobre a necessidade e a urgência de uma adaptação aos tempos modernos, a todos conglobando mas com especial apêlo, nesse sentido, aos religiosos de ambos os sexos.

Destarte, ficaram êles perante um verdadeiro reajuste de meios e de métodos, sem por isso, terem que alterar os fundamentos da vida religiosa.

E isto para serem soldados, com armas adequadas para as lutas que enfrentam, no campo da peleja, designado pela Igreja. Assim sendo, qual o caminho a seguir pelos Irmãos, nas suas múltiplas ocupações específicas e acidentais?

Antes de procurar desenvolver o assunto, observemos que somente nos referimos aos Irmãos de Congregações ditas laicais, em linguagem canônica, ou ainda a Irmãos de Congregações em que existem padres, mas que não têm a direção das mesmas. Excluimos, portanto, os chamados Irmãos "coadjutores", não porque sejam tidos em menos consideração, mas por fugirem ao objetivo de nosso estudo.

Consideraremos o Irmão, em relação à sua santificação pessoal e à santificação do próximo.

A — SANTIFICAÇÃO PESSOAL

2 — Dois objetivos em vista:

Para uma única finalidade, dois objetivos convergentes temos em vista: a glória de Deus, através de nossa santificação pessoal e a santificação do próximo, pelo grande mandamento da caridade.

Ora bem, como atingir êste duplo objetivo? Tomando os meios que a êle conduzem, nos diria o conselheiro Acácio.

Tratando-se, como se trata, de um objetivo eminentemente sobrenatural, será principalmente com meios sobrenaturais que haveremos de atingi-lo. Êstes meios sobrenaturais dizem-nos respeito antes que tudo. Temos, pois, que nos preocupar em obtê-los. Além do mais, é nossa obrigação trans-

mitir uma mensagem. Mas que efeito daria ela, se nós mesmos não a conhecêssemos, não a possuíssemos, não a fôssemos, de vez que é exato o rí-fão: "Ninguém dá o que não tem?".

Em nossa missão oficial, devemos santificar os outros. Então, não haverá como escapar, se pretendermos ser coerentes. Temos de nos santificar primeiramente a nós próprios, para, uma vez repletos do amor de Deus, esforçarmo-nos, por levá-lo a êsse próximo.

Por isso lembra Pio XII: "Com efeito, os religiosos, que têm por dever principal, procurando unicamente a Deus e a Êle se unindo, contemplar as coisas divinas e transmiti-las aos demais, estejam lembrados de que será absolutamente impossível cumprir bem e frutuosa e essa tarefa santíssima e elevar-se a uma sublime união com Cristo, se não possuírem com abundância aquêle profundo e sempre mais perfeito conhecimento de Deus e de seus mistérios, que só nas sagradas doutrinas se pode adquirir" (Carta Apostólica "Sedes Sapientiae", N.º 27).

3 — Enquadramento numa família religiosa:

Começar-se-á por estar enquadrado numa família religiosa que, naturalmente, terá um espírito próprio, uma finalidade específica, um campo de ação delimitado, tudo sancionado pela Igreja.

Quanto ao ingresso numa Congregação, não dependeu só do solicitante. Teve êle de se inteirar das condições apresentadas e, aceitá-las sem restrições ou retirar-se.

É que as Ordens ou Congregações religiosas existem de per si, uma vez sancionadas pela Igreja e não ficam a depender dos alvitres dos candidatos e, nem até, dos seus membros, salvo em determinadas condições, previstas pelo direito geral e particular e por intermédio dos que estiverem devidamente mandatados, para efetuarem qualquer alteração tida por oportuna.

Os superiores responsáveis das Congregações Religiosas é que devem, particularmente, empenhar-se em dispor de um pessoal devidamente preparado para a missão de que estão incumbidos.

Pressupondo o cultivo das virtudes teológicas e morais, num grau suficientemente elevado, julgamos que a formação de um Irmão deve basear-se numa ampla dupla fundamentação: a da liturgia e a da vida pastoral.

4 — Dupla fundamentação:

Assim formado, com o objetivo primacial da santificação pessoal e, em seguida, da do próximo, o Irmão que temos em vista, tudo deverá alicerçar em vivências litúrgicas e estas refletirem-se num espírito pastoral muito realista.

Seria, porventura, exagêro afirmarmos que todo apostolado, seja êle qual fôr, desde que exercido em função de um mandato, e por quem quer que o tenha, é forçosamente parte integral da pastoral?

Têm os Irmãos exercido constantemente verdadeira pastoral, embora

nem sempre se lhe tenha dado esta denominação.

Dissemos que a sua piedade será eminentemente litúrgica. Não de uma liturgia de compromissos ou de grupos, mas da liturgia segundo o pensamento da Igreja, cuja expressão mais pura vem definida na *MEDIATOR DEI* de Pio XII (20-XI-1947) sem falar de outros documentos pontifícios.

Sem desprezar, nem descuidar da chamada piedade "subjetiva", êle, como membro que é do Corpo Místico, estará sempre atento aos desejos de seu Chefe, porquanto "Cristo e o seu Vigário formam uma só Cabeça ensinou-o solenemente nosso Predecessor de imortal memória Bonifácio VIII". (Pio XII, "*Mystici Corporis Christi*", D.P. 24, N.º 40).

Ora bem, é assim que se expressa o mesmo augusto Pontífice de felicíssima memória: "É fora de dúvida que a oração litúrgica, por ser a prece pública da Inclita Espôsa de Jesus Cristo, tem uma excelência superior à das orações privadas; essa superioridade, porém, não significa oposição entre estas duas espécies de oração: ambas se fundem e harmonizam, pois são animadas por uma e mesma preocupação, segundo o lema "tudo e em tudo Cristo", e tendem à mesma finalidade: "até que Cristo se forme em nós" (Pio XII, "*Mediator Dei*", D.P. 54, N.º 34).

Será, pelo menos assim o julgamos, essa vivência litúrgica realmente compreendida e praticada, efficacíssimo anteparo contra a "heresia da ação", de que falou Pio XII, causa precípua de muitos fracassos e lamentáveis desastres: "Já dissemos em público documento que devem ser chamados a melhores sentimentos quantos presumam que se possa salvar o mundo por meio daquela que foi justamente designada como a "heresia da ação"; daquela ação que não tem os seus fundamentos nos auxílios da graça e não se serve constantemente dos meios necessários à obtenção da santidade, que Cristo nos proporciona" (Pio XII, "*Menti Nostrae*", D.P. 63, N.º 60).

Teremos na Santa Missa, o ato mais sublime dessas vivências litúrgicas, para nós como para os outros. "Nada pode substituir a missa. No meio de velho mundo pagão e sob as perseguições dos imperadores, era no altar do sacrifício que os cristãos hauriam a fôrça duma vida santa e a coragem do martírio" (Georges Chevrot, "*A Santa Missa*", pág. 238).

5 — Disposição de ânimo:

É raro que nas casas de formação ou nos tempos logo seguidos em que foram deixadas, os jovens religiosos não estejam cheios de entusiasmo, para trabalhar intensa e animadamente, no serviço do Senhor.

Mas é sabido como passam rapidamente os primeiros fervores. Aquêlê ambiente preservativo das casas de formação é geralmente substituído por outro muito diferente. Em vez do recolhimento, da paz, da convergência de todos os pontos do regulamento impregnado de espiritualidade, o jovem religioso gradativamente, mas em ritmo acelerado, vai entrando noutra ambiente cheio de materialismo, solicitando os sentidos, com tódo o ímpeto de um sensualismo apenas contido. Ainda bem, quando confrades não lhe dão o mau exemplo ou o não levam para o mau caminho.

Esta é uma das fases mais delicadas para o jovem que entra na vida normal de uma comunidade. As cautelas apregoadas anteriormente, os mais puros desejos formulados dentro da maior sinceridade, os propósitos mais santos, tudo fica ameaçado diante dessa ofensiva, se uma vontade bem formada e amparada pela graça não existir e não fôr acompanhada por uma humildade sincera.

Em tais circunstâncias, nada supera a abertura de consciência aos Superiores ou ao Diretor Espiritual.

Notemos que ao falar de "diretor espiritual", tocamos numa das deficiências mais graves em nossas casas de formação. É queixa geral: não dispomos de diretores espirituais.

Chega a impressionar a insistência com que os Estatutos de SEDES SAPIENTIAE, devidamente amparados pelo Direito Canônico, demoradamente se estendem (art. 28 § 2.º, 1-11) sobre as exigências relativas ao Prefeito ou Mestre espiritual. Lemos, por exemplo:

"Nos Institutos clericais:

§ 2 — 1.º. Nas sedes de estudos clericais, o cargo do Prefeito ou Mestre espiritual é tão necessário e importante, que jamais poderá faltar.

e

6.º — Se na casa de estudos, por causa do grande número ou por outros justos motivos, os alunos estiverem divididos em diversas secções, cada uma delas tenha oportunamente um próprio Prefeito ou Mestre espiritual".

E nós, Irmãos, já nos alegramos, quando podemos contar com um sacerdote que ouça as confissões e reze a Santa Missa.

Não acusamos ninguém, porquanto, ninguém talvez seja culpado, mas cumpre-nos assinalar esta grave lacuna de que decorrem seriíssimas conseqüências.

Felizes as comunidades que, sem contrariar o espírito do cânon 530, podem suprir em parte o caso, conforme é desejo do art. 28, item 11, § 3, — 1.º da "Sedes Sapientiae".

6 — Religioso maduro:

Estabelecidas as finalidades, indicados os meios a serem empregados, conhecido o campo de ação, é preparar os seus membros para o apostolado, de modo que o indivíduo esteja bem integrado, no meio em que vive e que ao lançar-se ao apostolado, esteja triplicemente maduro: fisicamente, psicologicamente, espiritualmente.

Com saúde suficiente, para o trabalho que terá de enfrentar. Corpos enfermiços encerram geralmente almas enfermiças. Donde a necessidade de uma boa alimentação, exercícios de ginástica, prática de esportes, horário bem distribuído, sono reparador e suficiente, excursões freqüentes. Contrôlo médico. Férias repousantes. É bom frisar que a graça não destrói a natureza, completa-a.

Com sossêgo de espírito, tranqüilidade d'alma, solução adequada dos problemas íntimos; equilíbrio afetivo; personalidade firmada; segurança pessoal e sentida.

Mas sobretudo, um homem dominado pelo amor de Deus, pelo desapego das vaidades terrenas, sob qualquer aspecto que seja, pela aceitação dos sacrifícios impostos pelo apostolado e, pairando acima de tudo, pelo amor objetivo na sua entrega a Deus sem reservas.

Teríamos, dêste modo, cumprido o desejo de Pio XII: "Ressalvada a hierarquia de valores nos métodos e nos meios, não se deixe de lado nada do que possa contribuir, de algum modo, para aperfeiçoar o corpo e a alma, cultivar tôdas as virtudes naturais e formar virilmente um modêlo humano completo, de sorte que a formação sobrenatural, tanto religiosa quanto sacerdotal, venha a apoiar-se neste silidíssimo fundamento da honestidade natural e de uma natureza humana aprimorada, visto que os homens encontram tanto mais fácil e seguramente o caminho para Cristo, quanto mais virem resplandecer no sacerdote "a bondade e o amor aos homens de Deus, nosso Salvador" (Carta Apostólica, "Sedes Sapientiae", N.º 22).

B — SANTIFICAÇÃO DO PRÓXIMO

7 — Aptidão profissional:

Com esta madureza, o religioso deve encontrar-se apto a cumprir integralmente a sua missão como homem, como profissional e como religioso.

Ninguém deve supor um Irmão, realmente integrado em sua vocação, como um diminuído, um irrealizado, e ainda menos como um fracassado.

Êle é um homem como qualquer outro, com tôdas as suas potencialidades. Êle também estuda e produz, êle também vive e cumpre um destino, êle também ama e cria.

Êle o fará, por vêzes, de modo diferente e, quase sempre, de modo sublimado. Seria êle, porventura um diminuído, se em vez de um ideal terrestre, escolhe um ideal celeste? Se em vez de uma beleza terrena, prefere uma beleza imperecível? Mas, para que tanto se possa afirmar, o Irmão há de ser igualmente uma pessoa profissionalmente bem preparada. Em categorias iguais, os religiosos devem, no mínimo, poderem comparar-se aos colegas. Na realidade, é-lhes moralmente imposta a obrigação de os superarem.

Em suas especialidades, os Irmãos devem poder dialogar sem receio. "Desejamos aqui, antes de tudo, recomendar que a cultura literária e científica dos futuros sacerdotes seja pelo menos não inferior à dos leigos que frequentam análogos cursos de estudos. Dêste modo não sòmente será assegurada a seriedade da formação intelectual, mas ainda será facilitada a seleção dos elementos" (Pio XII, "Menti Nostrae", D. P. 63, N.º 86).

Ê ainda Pio XII quem nos diz: "Tudo isso, como nos ensina a experiência, só pode realizar-se mediante homens escolhidos e de comprovada capacidade, que além de eminente saber, prudência, discernimento de espíritos, experiência variada das coisas e dos homens e demais qualidades huma-

nas, sejam ainda repletos do Espírito Santo e brilhem, pela santidade e pelo exemplo de tôdas as virtudes, diante dos jovens, porque êstes, como se sabe, em tudo o que se refere à sua formação, se deixam arrastar mais pela virtude e pelos exemplos do que por palavras" (Const. Apostólica, "Sedes Sapientiae", N.º 19).

8 — Exercício do apostolado:

Se o religioso está maduro, se se encontra profissionalmente preparado e realmente integrado em sua vocação, poderá o Irmão ser lançado ao apostolado. Auxiliar que é do clero, deverá participar oportunamente e consoante a orientação de seus Superiores, da pastoral paroquial.

Nunca deverá ser uma ação individualista, mas como membro de sua Congregação. Esta necessita dar a seus Religiosos a formação e as possibilidades, para que êles atuem na pastoral de modo eficiente, mórmente se se der no campo educacional. Há quem esteja levado a crer que a falta de indispensável entrosamento entre religiosos e religiosas e a paróquia, poderia explicar, em boa parte, a falta de clero e, sobretudo, a falta de perseverança, nas vivências cristãs, de muitos de seus Antigos Alunos.

Por outro lado, talvez, nem sempre êstes hajam recebido formação adequada a suas necessidades, por não se ter considerado o ambiente em que as crianças de então seriam os homens do porvir. Certos regulamentos mais pareceriam destinados a candidatos à vida religiosa do que a chefes de família, a que a grande maioria se destinava.

Seja pelo desconhecimento da liturgia, seja pela ausência de todo contato paroquial, as inteligências dos educandos não foram cultivadas com a suficiente motivação, para que a Igreja lhes aparecesse como Mãe, num lar espiritual reconfortante, para as diversas épocas da vida, com o seu lugar periódico de encontro que é a igreja matriz.

Poder-se-ia apontar o tremendo fracasso, muita vez repetido, de moços que, após vários anos de internato e ouvidas milhares de missas, pois que a elas obrigatoriamente assistiam, saíram sem nada saber de liturgia desenrolada durante o Santo Sacrifício.

Tal estado de coisas, é tanto mais latismável, quanto na maioria dêsses Colégios, havia capelães permanentes.

Subentenderia tudo isto que há métodos e processos inoperantes, que há lacunas e falhas graves, no trabalho apostólico e que deveriam ser prontamente sanadas.

Torna-se indispensável que as comunidades de Irmãos não pareçam quistos isolados no âmbito paroquial.

Mas, por outro lado, seria absolutamente indispensável que os senhores vigários compreendam que a colaboração dos Irmãos tem de ser necessariamente limitada.

Cumpre-nos lembrar ainda a orientação de Pio XII: "...os futuros ministros e apóstolos de Cristo, tendo por modelo o mesmo Cristo, procurem assimilar profundamente e exercitar sòlidamente o espírito e as vir-

tudes apostólicas, a saber: desejo intenso e puríssimo de promover a glória de Deus, amor ativo e ardoroso à Igreja, para defender seus direitos, conservar e difundir sua doutrina, zelo ardentíssimo em trabalhar pela salvação das almas, prudência sobrenatural no falar e no agir, unida a evangélica simplicidade, abnegação de si mesmo e **mui respeitosa submissão aos superiores: . . .**" (Const. Apostólica, "Sedes Sapientiae", N.º 37).

A melhor contribuição dos Irmãos na pastoral paroquial é êles cumprirem fielmente sua missão específica.

Se são educadores, procurem bem educar a mocidade; se são enfermeiros, cuidem bem dos doentes..

Fora disto, muito vai depender das possibilidades de tempo e de pessoal como do bom entendimento que reinar entre o pároco e a comunidade em questão.

Mas, talvez, o grande problema consista no espírito e na mentalidade com que se trabalha nas próprias obrigações específicas.

Os alunos de um colégio que ignorassem o nome do seu vigário, que desconhecessem as obras da paróquia, que jamais ou muito raramente participassem dos ofícios de sua matriz, poderíamos nós dizer que há nesse Colégio formação paroquial?

E se êles não recebem tal formação nessa época, quando irão recebê-la?

Entretanto, todos nós sabemos que as vivências cristãs devem ser impregnadas de forte espírito paroquial para que se mantenham, frutifiquem e testemunhem uma vez fora do âmbito colegial e através da vida.

9 — Adaptação:

Caimos de cheio, a esta altura, no grave problema da adaptação. Partindo do princípio de que os instrumentos devem estar adequados às suas finalidades, que pensaríamos então de nós mesmos, se verificássemos que não atendemos às necessidades das almas, no próprio campo específico de nossas atividades apostólicas?

Seria culpa dos Superiores? Seria culpa dos inferiores? Raramente se resolveriam tais questões, com a atribuição da culpabilidade ou da responsabilidade exclusiva a uma das duas partes.

Geralmente, todos participam dessa responsabilidade, uns porque não planejaram, não previram, não atuaram em tempo; outros porque não colaboraram, não aderiram, não se deixaram plasmar. Quase nunca houve má vontade por parte de quem quer que seja. Temos de reconhecer que a solução de tais problemas, nem sempre depende da vontade.

Não hesitaria, contudo, em afirmar, que, a maioria das vèzes, a falta de docilidade à graça, e frieza perante as necessidades das almas, o desconhecimento do pensamento da Igreja explicam tais situações.

Deficiência lamentabilíssima, facilmente verificável, é observar quão numerosos são os religiosos que desconhecem as encíclicas e outros importantes documentos papais. Quão poucos lêem os comentários que os especialistas lhes fazem. Pede-nos Pio XII: "Cumpre que a educação e a forma-

ção dos jovens religiosos sejam plenamente seguras, esclarecidas, sólidas, completas, sábia e corajosamente adaptadas às necessidades hodiernas, quer internas quer externas, cultivadas assiduamente e atentamente seguidas, não só no que concerne à perfeição da vida religiosa, mas também da vida sacerdotal e apostólica" (Const. Apostólica, "Sedes Sapientiae", N.º 18).

Como agem diferentemente os comunistas! Como eles aprendem os chavões de seus chefes e os repetem imperturbavelmente em qualquer circunstância que se apresente! Como impressionam pela teimosia de sua doutrinação!

Somos ainda por demais fechados. Há ainda Congregações que nada conhecem das outras. Dir-se-iam castas indianas, com medo de se contaminarem. É verdade que hoje, com a magnífica atuação das Conferências dos Religiosos, muito se tem modificado tal estado de coisas. Causa-nos imenso mal o "divisionismo" em que geralmente vivemos.

Temos de nos adaptar. Infelizmente o termo "adaptação" nem sempre tem sido bem compreendido e muita vez mal interpretado.

"Adaptação" deve estar em função da capacidade apostólica, para enfrentar as necessidades das almas de nossos tempos. Implica isto muito amor a Deus, muito desprendimento de si próprio, muita vida interior, além de profunda psicologia, espírito elevado e grandeza de alma.

Pelo contrário, contentaram-se muitos em abrandar certas regras, introduzir determinadas práticas menos rigorosas e inclinar-se a tudo quanto peça menos esforço. O critério, em certos casos, mais parecia atender a satisfações hedonísticas do que ao interesse das almas.

Estamos levados a crer que tal "adaptação" não é bem a que Pio XII tanto preconizou, porquanto o augusto Pontífice jamais poderia apontar, para chegarmos à santidade, como digno, um caminho medíocre.

Bem dizia o Beato Champagnat: "A cruz e as aflições constituem necessariamente a partilha de todo homem que faz a obra de Deus e que trabalha útilmente na salvação das almas".

Falando a um conjunto de peregrinos, a 7 de março deste ano, afirmou o Papa João XXIII: "Carregar a Cruz é penoso, exige sacrifício, mas se quisermos progredir é preciso aceitá-la".

Há na verdadeira adaptação riscos a correr e riscos de ordem vária. Mas tomadas as cautelas que a prudência humana dita e pondo-se a confiança em Deus, devem ser corridos.

Não será por causa de fracassos eventuais, ou por causa de temeridades de imprudentes de aspecto individual, que nada se deva tentar. Nesta altura, talvez valha a pena transcrever uma passagem de Thomas Merton: "São Bernardo serve-se dêsse argumento (que o homem apostólico fica mais exposto que o contemplativo) para fustigar os monges que criticam as faltas e fracassos dos seus irmãos envolvidos numa vida ativa. Se eles, os contemplativos, estão ao abrigo dessas faltas, é por causa do refúgio que a vida monástica representa, sua solidão e vantagens inerentes a seu retiro. O monge contemplativo, que critica seu irmão a braços com uma vida muito mais difícil é semelhante a uma mulher que criticasse os soldados de um exército em

retirada, enquanto está ela tranqüilamente sentada a coser à sua janela". ("Marta, Maria e Lázaro", pág. 61).

10 — Maior intercâmbio:

Já assinalamos a necessidade de um maior conhecimento recíproco, entre as diversas Congregações. E talvez fôsse agora o momento azado para perguntar: Por que não se reuniriam os Irmãos, para tratar de seus interesses comuns? Não ficariam dêste modo, mais bem coordenados nossos esforços esparsos? Não nos poderíamos comunicar experiências e resultados obtidos em nossas atividades? Não haveria até uma espiritualidade específica aos Irmãos e bem diferente da dos religiosos sacerdotes, dos sacerdotes seculares e dos leigos?

Não seriam essas reuniões comuns um dos meios de valorizar a vocação de Irmão, às vêzes tão mal compreendida, não sòmente por leigos mas até por sacerdotes regulares e seculares? Não foi sem motivos sérios que Pio XII advertiu: "Ninguém julgue inferiores os membros daquelas Congregações religiosas (Irmãos laicais) pelo fato de que não foram elevados ao sacerdócio e igualmente não julgue de pouco valor a fecundidade de seu apostolado". (Carta ao Cardeal Valério Valeri a respeito dos Institutos Religiosos de Educação, 31-10-1954).

Concretizemos ainda mais o pensamento. Por que não tentaríamos em reuniões, dessa natureza, debater amplamente, por exemplo, os quatro pontos seguintes:

- 1) Seria preferível dispensar os Irmãos, em mais obras onde se garantissem os pontos chaves, ou dirigir menos, porém, com uma atuação mais profunda?
- 2) Na falta de clero, tão generalizada, como encarar a idéia de alguns para que se ordenassem Irmãos?
- 3) Até que ponto, deveria ser levada a formação teológica dos Irmãos?
- 4) Não seria para desejar que houvesse, para os Irmãos, Estatutos paralelos aos da SEDES SAPIENTIAE das Congregações e Ordens Clericais, para a formação e conceituação pastoral, nas partes específicas de seu apostolado?

Eis quatro pontos que bem se prestariam a estudos demorados e que, talvez, estejam a inquietar mais de um espírito e cujo esclarecimento poderia tranquilizar certas consciências.

11 — Revitalização:

Essa disposição de ânimo fica a pedir contínua revitalização das energias humanas, intelectuais e sobrenaturais. Por isso é que não basta uma boa, uma ótima, uma esplêndida formação.

Há de seguir-se-lhe uma indispensável continuação e constante renovação de propósitos, alimentados por sólida piedade litúrgica.

Neste terreno nada mais oportuno do que relembrarmos a atuação de

três augustíssimos Papas, ao externarem seu pensamento, quanto aos meios de se manter a chama do ideal sacerdotal, para nós, o ideal religioso, através das vicissitudes por que passamos e apesar dos numerosos percalços trazidos pela vida ativa.

S. Pio X com a HAERENT ANIMO (4-8-1904); Pio XI com a AD CATHOLICI SACERDOTII FASTIGIUM (20-12-1935); Pio XII com a MENTI NOSTRAE (23-9-1950) todos êles à porfia, ao celebrarem o seu quinquagésimo aniversário de elevação ao sacerdócio, quiseram em documentos soleníssimos, concitar todos os membros do clero a serem e a se manterem santos.

Seguidamente, cada um a seu modo, mas unânimes a apregoarem a necessidade da oração, da leitura espiritual, do exame de consciência, do retiro anual e mensal, da prática intensa da vida interior, de uma especial devoção a Nossa Senhora, para poderem permanecer fiéis ao sublimíssimo ideal do sacerdócio, "poder formidando, na verdade, é êste, e tão próprio de Deus, que a mesma soberba humana se via forçada a negar que tal poder pudesse ser outorgado aos mortais: "Quem pode perdoar os pecados senão unicamente Deus?" (Mc 2, 7)" (Pio XI, "Ad Catholici Sacerdotii Fastigium", D. P. 8, N.º 26).

Dirigidos tais documentos a sacerdotes embora, aplicam-se êles plenamente aos religiosos, "mutatis mutandis" apenas em determinadas referências.

Chamados que fomos a uma vocação superior, pede ela correspondência condigna, por parte dos que por ela foram contemplados.

Submetida a desgastes contínuos, exige ela, para se manter à altura da sua dignidade, permanente compensação com o revigoramento do ideal e adequado alimento espiritual, tendo-se sempre em mente esta advertência do Mestre: "De que adiantaria ganhar o mundo inteiro, se se viesse a perder a alma?".

Estudado o tema proposto, mais sob o aspecto geral que particular, de vez que as Congregações de Irmãos são variadas em suas finalidades, cumpre a cada uma delas procurar situar-se nas realidades que lhe dizem respeito. E concluimos.

12 — Conclusão:

Creio na vocação de Irmão, como algo de especificamente sublime. Não sendo a vocação religiosa a resultante de uma dignidade e sim uma resposta a um apêlo, o que restará a fazer, é aceitá-lo com ufania e vivê-lo com esperança.

Cumpre ao contemplado compreender o alcance do convite divino e esforçar-se, com tôdas as veras de sua alma, por desenvolvê-lo num ambiente humano e sobrenatural.

Procurar ser o reflexo da Divindade, através da atuação no tempo, na obediência filial à Igreja, Mãe diletíssima, e segundo o espírito do Fundador.

Como o objetivo das almas, expandir ardorosamente essa atividade até o momento em que, fiel cumpridor do dever, haja merecido a coroa da perseverança, recompensa suprema, com a entrada na bem-aventurança eterna.

E para que tudo isso melhor possa suceder, propomos:

1.º — Cuide-se muito atentamente da formação do Irmão seja quanto à sua própria vida de consagrado, seja quanto ao apostolado que deve exercer, levando-se em conta as exigências humanas e os imperativos de sua missão.

2.º — Esteja o Irmão preparado para exercer eficientemente sua missão nos tempos em que vive, tendo-se em vista a necessidade das almas, segundo a orientação da Hierarquia interna e eclesiástica.

3.º — Leve-se em conta, na formação do Irmão, a noção do Corpo Místico e a da Comunhão dos Santos, despertando-se, dêste modo, agudo senso comunitário e esclarecido interesse pelo bem comum.

4.º — Haja especial cuidado em incutir profundamente o "sentire cum Ecclesia", através de um conhecimento bastante extenso da História da Igreja e um acurado estudo dos documentos pontifícios, particularmente as encíclicas.

5.º — Cultive-se intensamente a piedade litúrgica, com um estudo aprofundado da encíclica MEDIATOR DEI e outros documentos pontifícios.

6.º — Desperte-se o senso apostólico, através de alguma obra, a cargo da comunidade, no âmbito paroquial, por ex.: catecismos em bairros da cidade.

7.º — Haja verdadeira adaptação, com o critério de ter o bem das almas como escopo, antes de tudo, sem descuidar modalidades que facilitem melhor rendimento no trabalho, tais como modificações de horário, certas alterações no vestuário.

8.º — Efetuem-se reuniões periódicas em que os Irmãos estudariam seus problemas comuns e outros assuntos ligados a seu apostolado.

AGRADECENDO

Destas colunas queremos dar público testemunho de gratidão ao Rvmo. Irmão João de Deus F.M.S. que, depois de oito anos de colaboração ativa e plenamente eficaz ao serviço da Conferência dos Religiosos, deixa agora a Diretoria da CRB.

Eleito Tesoureiro no I Congresso dos Religiosos do Brasil, foi reconduzido ao mesmo cargo no II Congresso realizado em 1966 na cidade de São Paulo, e finalmente na III Assembléia Anual dos Superiores Maiores, em 1959.

Trabalhou ainda como Subsecretário da Conferência, na sede central da CRB, de 1959 até dezembro de 1961, tendo sido visitador das Secções Estaduais, prestando sempre seu valioso e abnegado contributo em várias tarefas pela causa da mesma Conferência, sem esquecer sua prestimosa e assídua colaboração nesta Revista. Tomou parte, também em todas as reuniões da CLAR, da qual é Tesoureiro.

Nomeado, desde o início do corrente ano, Diretor do Internato São José, no Rio de Janeiro, viu-se obrigado a deixar as atividades da Conferência, tendo sido substituído por um de seus Coirmãos.

A Sua Rvma. nossos mais sinceros e profundos agradecimentos.

COOPERAÇÃO DAS RELIGIOSAS NO APOSTOLADO PAROQUIAL

Madre Maria da Conceição Menezes MJCr.

Devo dizer-lhes, minhas Revdas. Madres, que recebi com prazer, da Diretoria da Conferência, o encargo de falar-lhes, nesta manhã, sobre o entrosamento das Religiosas na Pastoral Paroquial. O assunto é de palpitante oportunidade. Queira Deus possa eu ser útil à Santa Igreja cumprindo essa doce tarefa. Salve-nos, a mim e às senhoras, a presença amiga e a palavra orientadora do Exmo. Sr. Núncio Apostólico.

“Que perigo maior corre o mundo que o de não receber Jesus Cristo?”. — Palavras com que Santo Hilário nos alerta para o apostolado, para uma revisão mais consciente da nossa vocação na Igreja, para um exame das nossas responsabilidades de evangelizadores, de propagadores do Evangelho. S. João Evangelista, no cap. XVII de seu Evangelho, nos narra que, depois de realizada a Ceia, em que o Divino Mestre instituiu ao mesmo tempo dois Sacramentos — a Eucaristia e o Sacerdócio, — saiu Jesus do Cenáculo e, a caminho do Horto das Oliveiras, onde começou a sua Santíssima Paixão, e talvez no adro do Templo, por onde passou, foi rezando a sua magnífica e sublime oração sacerdotal. Em nenhuma passagem dos Santos Evangelhos, Nosso Senhor foi tão claro e insistiu tanto sobre a unidade da sua Igreja. Abriu pela última vez as arcas do seu Coração e deixou-nos seu precioso Testamento: “Eu já não estou no mundo, mas eles estão no mundo; e eu venho a ti, ó Pai Santo! Conserva-os no teu nome, os que me deste, para que sejam um, como nós... Por eles eu me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade. Não rogo somente por eles, mas por todos os que, pelos séculos afora acreditarão em mim, através deles. Que todos sejam um, como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti. Eu estou neles, e tu estás em mim, para que se consumam na unidade e conheça o mundo que tu me enviaste, e amaste a eles, como me amaste a mim...”.

E' nesta unidade da Igreja que está tôda a sua fôrça santificadora; una na sua doutrina, una nos seus mandamentos e na sua moral, una na sua autoridade, no seu govêrno, na sua eterna caridade, una nos seus sacramentos. E que o mundo reconheça que Cristo é o Salvador.

E' também nesta mesma unidade de ideal que, no momento, — disse-nos o Exmo. Sr. Núncio — a Igreja se preocupa com os praves problemas e males que assolam a humanidade e de consequências gravíssimas para a fé. E se preocupa com razão, pois, dizia Newman: “preocupar-se com uma lacuna qualquer a preencher, é indício de saúde; não ter inquietação, já é motivo de inquietar-se”. Por isso, bendita inquietação!

Ora, os grandes fenômenos sociais capazes de solapar pela base o 1.º grupo social em forma, que é a família, decorrem de quatro grandes denominadores comuns: o câmbio social, causado pela explosão demográfica, com a movimentação das massas e a desintegração das comunidades, a industrialização "a jato", o aperfeiçoamento de técnicas e a invasão comunista. Dêles surgiram os fenômenos todos que têm influência sobre o comportamento individual de cada homem, vindo a desaguar-se no grupo social em que êle vive ou a que pertence. Daí, o êxodo rural, com as conseqüentes superpopulações marginais como as favelas, as casas de cômodo, etc., a desagregação da religião e vida humana, com tôdas as conseqüências para a sobrevivência física, moral, social e religiosa do homem e da família. Constatamos bem profundamente esta situação que reflete nitidamente em nossas próprias obras, quando sofrem o reflexo do estado lá de fora. Antigamente dizíamos: o bom Colégio é aquele que continua a formação do lar; o bom Colégio é aquele que dá à estudante um ambiente igual ao da sua família. E hoje, nossos colégios devem suprir o que as alunas não têm no lar, inclusive apoio, instrução, educação doméstica, e até afetuosa e materna compreensão dos seus problemas de adolescentes, e daquelas, às vêzes, desesperadoras angústias de filhas de um lar desfeito... Nossos pensionatos, que primavam pela integridade do seu ambiente moral, hoje já se abrem tantas vêzes para as "orfãs de pais vivos"... E nossos asilos e orfanatos transbordam de meninas abandonadas, tudo conseqüência de uma sociedade desajustada e irresponsável pelos seus mais sagrados deveres.

Ora, são problemas que afetam o campo da Igreja: defesa dos princípios de fé e evangelização dos povos. Por isso, concluímos que ela, sem deixar de lado sua missão puramente espiritual, sobrenatural e apostólica, deve atacar, também de frente e com a necessária presteza e disciplina, os males sociais, que possam influir sobre as almas. O homem, corpo e alma, louva a Deus ou O ofende. E dos males sociais, o pecado é o de mais graves conseqüências: todo desregramento de paixões numa natureza essencialmente social, como a natureza humana, vai manifestar suas deficiências e sua desordem profunda nas relações com os demais. Quem não experimentou ainda os efeitos da preguiça, da ambição, do egoísmo que desviam o homem do serviço comunitário, para encerrá-lo em si mesmo?

Ora, se a desordem da natureza humana tem suas raízes no pecado original e é a causa de toda a nossa malícia, se a degradação do homem, como parte da sociedade, é causa dos males sociais, só a Igreja, com seu insubstituível papel, dispõe de meios sobrenaturais e, por que não dizer? naturais também, para arrancar o mundo do estado em que está.

O remédio mais eficaz, portanto, contra os abusos sociais, está no aproveitamento das forças morais do homem, e só a Igreja pode fazê-lo com direito.

As grande Encíclicas Papais, por sua vez, colocaram a Igreja no seu devido lugar, neste particular, e lhe traçaram diretrizes com relação aos gravíssimos problemas sociais, principalmente àqueles que incidem contra a família, para quem a mesma Igreja tem extremos de cuidados e dedicação, pelo

fato de ser ela a base da sociedade, a sua célula "mater", o primeiro grupo social em forma.

Leão XIII, Pio XI, Pio XII e atualmente o Papa da Bondade, João XXIII, que tanto se amargura com os problemas do mundo atual, abordaram intrêpidamente êsses assuntos, principalmente os que se referem às classes trabalhadoras. Pio XI, já com a admirável técnica da Ação Católica — elite sôbre as massas, fermento cristão para restaurar tudo em Cristo, aproveitamento dos leigos no apostolado de meio pelo meio, etc. — abriu novos horizontes ao apostolado da Igreja e preparou extraordinária e divinamente o terreno para Pio XII, que ateou depois o fogo, convocando todo o mundo para uma recuperação total.

Ainda vemos Pio XII aplaudindo muitas vêzes o trabalho de determinadas dioceses que faziam os maiores esforços para formar, entre os leigos da confiança do Pastor, mesmo no campo das atividades profissionais, técnicos ou liberais que pudessem ocupar cargos nos organismos internacionais, principalmente naqueles destinados a promover a renovação humana, moral, social e política do nosso tempo.

João XXIII, na sua magistral "Mater et Magistra" afirma claramente a existência de uma Doutrina Social da Igreja e recomenda, com urgência, o estudo da mesma nos Seminários, nas Universidades, nas Paróquias, na A.C. e até nos catecismos. Confessa seus grandes sofrimentos ante as injustiças sociais, principalmente com a exploração das classes trabalhadoras; também não deixa de louvar o que a Igreja já vem fazendo, na difusão de sua Doutrina Social, através dos Sindicatos cristãos, das Organizações dos Círculos Operários e das demais organizações operárias e patronais, que visam o mesmo fim. Incentiva os católicos a que estejam em tôda parte, a fim de que possam realmente colaborar com quem se aplica a soluções legítimas de problemas urgentes. Neste caso, refere-se muito particularmente aos operários cristãos, que militam em organizações mesmo neutras, desde que respeitem os direitos da consciência e as exigências da justiça. Louva efusivamente as instituições nacionais ou mundiais que envidam seus esforços pela paz social na justiça, pela promoção do operário, pelo desenvolvimento da instrução de base, pela supressão da fome. E quando a Rádio Vaticano anunciava a Encíclica, dizia: "O Papa João XXIII ama os humildes, os operários, os camponeses... Quando êles tiverem conhecimento da "Mater et Magistra", saberão que foram compreendidos, que a Cátedra de Pedro não ignora suas dificuldades, nem suas aspirações, nem seus direitos". Assim é que a Santa Igreja, pelos seus Pastôres, concebe os problema do povo.

Por isso, pode-se afirmar que o homem está sob o domínio do Espírito Santo não só quando empreende missões religiosas diretas, mas também ao desempenhar as tarefas mais visíveis de ordem profana e temporal, principalmente quando o profano e o temporal tem por objetivo o sobrenatural e divino. Foi assim que agiu o próprio Jesus Cristo. Para saciar a fome às multidões, não hesitou em fazer milagres. E dizia, neste mesmo sentido, o Papa Pio XI: "A Igreja não evangeliza civilizando, mas civiliza evangelizando". E ainda, diz-nos a êste respeito o apostólico Bispo Auxiliar de Malines: "Nada

mais humano do que o Cristo e nada mais prejudicial para o homem do que desconhecê-LO”.

Além dos grandes movimentos sociais, de influência, está a Igreja às voltas com a penetração comunista, que talvez não represente tanto pelo número dos adeptos nos seus quadros, como pela tenacidade e fanatismo das suas campanhas de conquistas. É verdade que 1/3 da humanidade já está sob o domínio comunista, e as perturbações de ordem social que cria o comunismo, só podem gerar um clima nocivo ao desenvolvimento da pessoa humana. Além disso, o materialismo ateu e o fanatismo pelo espírito que infiltra nas massas, principalmente nos grupos de classes, através de uma organização inteligente, atualizada e dinamizada técnica de conquista, só não nos desespera, porque confiamos: 1.º no poder sobrenatural da graça da redenção e 2.º na paterna, vigilante e dinâmica Autoridade da Igreja, que espregueira, vigia e defende o seu povo. Por isso, é certo que a vitória será de Deus!

Invade o comunismo, com invejável disciplina e coragem, por todos os lados, usando para isca, em suas investidas violentas ou em sua serena penetração nos espíritos, a exploração da miséria material das massas, principalmente nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, em que a população, em grande parte, vive em condições infra-humanas.

É lógico que, se a fome atormenta 60% da população do mundo e aparece alguém a prometer-lhe tudo o que promete o “Credo Vermelho”, a adesão se faz inevitavelmente, quase sempre, principalmente quando a formação cristã é falha, como em nosso caso. O comunismo com a insuficiência dos seus erros, do falso conceito da vida social que imprime e da falsa exaltação da liberdade humana, fanatiza o homem ou os grupos de classes por uma caridade ilusória, baseada na distribuição igual dos bens, e com isso ludibria a humanidade e avança como um exército em campo de batalha, perseguindo a Igreja violentamente como em muitos países da Europa, tentando pô-la a seu serviço, como em Cuba, ou conquistando de mansinho, como no Brasil e nos demais países da América Latina. Ora, sendo assim, a Igreja, no Brasil, se acha diante de um momento decisivo na sua história. Estatisticamente somos a maior nação católica do mundo! 95% da população brasileira é tida como católica. E assim nos olha o mundo. Mas, sem desprezar a extraordinária reserva da fé tradicional dos brasileiros, capaz de muitos sacrifícios, que dizer da facilidade com que tôdas as crenças se criam ou se implantam no Brasil? — Eis, no campo econômico-social a realidade brasileira: a movimentação interna da população à procura de recursos, de gravíssimas conseqüências sociais; a ausência quase absoluta de assistência à população rural, com o conseqüente êxodo do campo que provoca a desintegração das comunidades; e de outro lado, o grande desenvolvimento industrial do País, a abertura sempre crescente de meios de comunicação e de propaganda e, sôbre tudo isso, uma lentíssima promoção cultural das massas. As estatísticas no-lo provam: sôbre a população total do Brasil (censo de 1950) temos 63% de analfabetos; 32% com apenas instrução

primária; 4,5% com instrução secundária e 0,5% com instrução superior. E sobre a população infantil, freqüentando as escolas, temos: 74% no curso primário; 7,3% no secundário e apenas 0,4% nas Escolas Superiores

É próprio de cada geração ter sua vida própria, por isso também, seus conflitos e suas perturbações próprias. Logo, urge também a aplicação de métodos de recuperação e de recursos capazes de manter em equilíbrio a situação social das massas. Na sociedade civil, a democratização, como método de educação da comunidade, como recurso, vem dando os mais estupendos resultados. Consiste, em tese, na descentralização da autoridade e na delegação dos poderes, na formação dos grupos que devem atuar na recuperação do homem pelo homem, através de orientado aproveitamento dos valiosos recursos morais, culturais, econômicos e sociais de cada indivíduo, na comunidade, para o bem comum. Ora, se o homem é por natureza social e se o reflexo de nossa personalidade e de nossas atitudes influi tão poderosamente sobre a comunidade em que vivemos, só a recuperação do homem, através da comunidade em que vive, poderá promover o reajustamento das massas, como disse o Pe. Tiago: "nenhum homem resiste à fôrça do ambiente". Em última instância, comunidade é pois um foco de vida social, ou a vida em comum de seres sociais, ou ainda: é a vida em comum com seres guiados essencialmente pela consciência ou conhecimento dos seus problemas e aspirações, que mantém relações ativas, espontâneas e livres, uns com os outros, tecendo para si mesmos a teia complexa da unidade social. É, portanto, um tipo de educação social que visa promover o levantamento dos níveis e padrões de vida de uma comunidade inteira, através de um planejamento democrático, isto é, feito por todos, e do levantamento de recursos dentro da própria comunidade. Logo, as características essenciais da comunidade são: a consciência ou conhecimento dos problemas, a participação no planejamento e a ação em comum. É o esforço comum para atingir uma solução comum.

Para o mundo civil, é a família o ponto de partida para uma reforma de base, pois, é o conjunto de famílias que faz a comunidade. Para o mundo eclesiástico, é a Paróquia, o primeiro grupo social, em que o homem atua como parte de um todo — a Diocese — que é canonicamente a comunidade dos cristãos. Já a palavra nos diz isto, pois Igreja, "ecclesia", vem do grego, que quer dizer comunidade. — Considerando que o mundo civil já tenha atinado, como de fato já atinou (pelo menos em teoria) com as vantagens do método democrático na recuperação social das massas, pelo qual cada comunidade pode expandir-se e ter expressão, da mesma forma, a Igreja — que é **imutável**, sem dúvida, nos seus princípios e nas suas instituições essenciais, mas não é **imóvel**, tendo objetivos sobrenaturais, e atuando sobre o mesmo homem e as mesmas comunidades, sobre as quais atua o mundo civil — já acordou para a realidade e já está embalando uma verdadeira revolução nos métodos e processos apostólicos, adaptando a Pastoral, a fim de reconquistar terrenos perdidos ou ganhar para Deus aqueles que, por muitas razões, não tenha ainda sob seu báculo. É o mesmo homem desajus-

tado, infeliz, faminto e sofredor, física ou moralmente que constitue o objeto de suas aspirações. E é d'êle que a Igreja espera fazer o perfeito cristão, o santo. Ora, sem participar dos grandes problemas sociais da humanidade, sem fazer eco aos seus angustiosos gemidos, como poderia a Igreja tentar a evangelização dos povos ou exigir deles a perseverança nos princípios da fé? Não deve ter sido em vão que Nosso Senhor veio trazer fogo à terra e manifestado o seu profundo desejo de que êle se acendesse... É necessário, de fato, uma grande mudança de mentalidade e de estruturas para que alcancemos o fim almejado.

Começemos por ouvir com carinho e com interêsse o apêlo do Santo Padre, para uma ação conjunta, em que as forças da Igreja, Clero, Religiosos e leigos estejam profundamente unidos na mesma batalha, pelo mesmo ideal.

Já a criação das Conferências Nacionais dos Bispos e das Conferências Nacionais dos Religiosos, cujos fins são a organização e atualização do apostolado da Igreja, e a organização e atualização da vida religiosa em si, oferece-nos um campo imenso para uma ação conjunta, de grandes benefícios. Cabe, pois, à Hierarquia a elaboração e a dinamização de planos e métodos novos, como nos disse S. Excia. Revma. D. Helder Câmara, a fim de correspondermos às exigências da hora presente. Cumpre-nos porém, dar, desde já, nossa dedicada e ampla colaboração à Igreja, seja em plano nacional, regional, diocesano ou paroquial. — A Paróquia é uma comunidade viva, uma coletividade, em que todos pensam, todos decidem e todos agem, apenas orientados e conduzidos pelo Chefe — o Pároco — com o objetivo de se encaminharem todos para Deus. É ainda uma comunidade em que, dentro da ordem, tudo se faz com todos, dando à Autoridade paroquial ou diocesana o lugar que lhe compete. Neste mesmo espírito confirma-nos Pio XII, em sua Encíclica "Mystici Corporis Christi" que devemos afirmar que tanto mais unidos estaremos com Deus em Cristo, quanto mais formos membros uns dos outros; e de outra parte, tanto mais viveremos entre nós unidos e estreitados pela caridade, quanto mais ardente fôr o amor que nos unir a Deus e à nossa Divina Cabeça".

Não é pois, a Paróquia, um grupo de cristãos justapostos, indiferentes ou alheios aos interêsses comuns; mas é um corpo formado de membros vivos, que incorporados a Cristo tem por dever trabalhar pela salvação de todos. O mesmo pode-se dizer da Diocese. E o Religioso que quiser viver com a Igreja, incorpore-se verdadeiramente à sua Paróquia e à sua Diocese. Se, no Convento tivermos verdadeiro espírito comunitário, então, é certo que facilmente o comunicaremos à nossa Paróquia. Não o tendo, como contribuir para fazer da Paróquia uma Comunidade? O Religioso que quiser pois sentir com a Igreja, há de sentir também com a Paróquia.

Como entrosar, pois, as nossas obras no movimento paroquial ou diocesano?

Dentro do sentido de paroquialidade já aludido, nossas obras são ele-

mentos vitais dentro da Paróquia, são membros de um corpo e devem participar de toda a sua vida própria. Como obras, deverão ser um foco de vida espiritual, de esforço para novas conquistas apostólicas, mas dentro do plano comum de apostolado da Paróquia ou da Diocese, na forma e na direção do objetivo também comum. Além disso, como obra, deve realizar-se plenamente a fim de dar à sua paróquia e à sua Diocese a contribuição valiosa do seu apostolado, plenamente no campo profissional ou educacional, e plenamente no resultado apostólico.

Outra forma de colaborar, ou melhor de participar da vida da Paróquia, é abrir-lhe com largueza as nossas portas para os movimentos coletivos como os retiros espirituais, as exercitações do Mundo Melhor, as manhãs, tardes ou dias de recolhimento da A.C., para as Páscoas coletivas, etc. Que nossas casas e nossas obras se transformem em extensões da Igreja paroquial e o Pastor da Diocese tenha coragem ou liberdade de nos pedir tais ou outros sacrifícios semelhantes. Se fôr necessário, para isso, sacrificar parte secundária de horários da comunidade, inclusive, sem abusos, manter a casa aberta até um pouco mais tarde, ou permitir, por exemplo, que seculares estejam até um pouco mais tarde sob o nosso teto, façamos este sacrifício com generosidade, pois, vale a pena sacrificarmo-nos por este motivo. Imitemos, para nosso conforto, a fundadora das Missionárias Servas do Espírito Santo que dizia, quando alguma coisa lhe custava: "A Deus a honra, ao próximo o proveito e a mim o sacrifício". Ela já vivia, naquele tempo, o espírito do Mundo Melhor!

Outra forma de colaborarmos com a comunidade em que vivemos — Paróquia ou Diocese — é dar à nossa própria obra um verdadeiro espírito comunitário, dentro do qual todos se sintam bem e sejam felizes, todos vivam uma vida normal, para que tenham as mais ricas disposições para uma vida sobrenatural bem equilibrada.

Mais uma forma de participação de nossas obras na vida da Paróquia ou da Diocese, é a organização de campanhas de orações e sacrifícios, pelos grandes movimentos da Paróquia, como: Congressos, Semanas de estudos, missões populares, etc., como também resolver graves problemas dos próprios paroquianos, membros da comunidade paroquial. A troca de orações, como ajuda coletiva, além de atrair os favores divinos, tem ainda o condão de unir mais estreitamente as almas. Dar àqueles que estão nas nossas mãos o verdadeiro senso do apostolado, o verdadeiro sentido do outro, no campo espiritual, encarecendo-lhes a eficácia da oração, como meio de atrair de Deus todos os bens.

Outro tipo de colaboração é ainda a participação direta da obra nos movimentos da Paróquia: que as alunas ou assistidos tomem parte frequentemente nas cerimônias da Sede da Paróquia, principalmente aquelas que instruem, ou incentivem o espírito de piedade através da liturgia. Isto facilitará grandemente o entrosamento de nossas alunas, mais tarde, com a Paróquia, quando deixarem as nossas obras e voltarem à sua Paróquia de origem. Na Catequese, o que poderíamos fazer em favor da Paróquia? Transformar nossas obras, sejam quais forem, em centros de instrução religiosa, verda-

deira, vivida, prática, a fim de formarmos catequistas, de fato, para o futuro apostolado paroquial ou escolar. Acompanhar êsses grupos a estágios catequéticos, enquanto se preparam e, depois, oferecer aos Vigários elementos aptos para a tarefa tão delicada da Catequese.

Até aqui fizemos o entrosamento da obra com a Paróquia. Relativamente à colaboração direta da Religiosa, veremos em que campos poderíamos colaborar e como. A experiência nos mostra que cada comunidade reflete o espírito mais ou menos especial que identifica a sua Congregação. Há Congregações mais sociáveis, mais vibráteis, mais sensíveis às modulações da Igreja. Logo, cada comunidade sofre as influências da sua formação de berço, e com ela modela seu espírito.

Não temos dúvidas de que a soma de generosidades e de sacrifícios de nossas dedicadas Religiosas venha sendo uma inestimável força na renovação da Paróquia e da Diocese. Em geral, os Srs. Bispos têm encontrado nelas tanta dedicação e tanta energia espiritual, que os encoraja a pedir-lhes novos e grandes trabalhos. Sendo numerosas como somos, se tivéssemos uma formação um pouco mais completa, sobretudo mais ampla, mais aberta, seríamos, sem dúvida, positivamente, um dos maiores recursos da Igreja e uma das suas maiores forças. Há uma reserva imensa de dotes morais e de santidade que não se mede e nem se pesa no campo cultural. Um dos recentes levantamentos do D.E. nos surpreendeu com o número extraordinário de Religiosas, no Brasil, portadoras de diplomas de Escolas Superiores, o que representa, para o apostolado de hoje uma grande arma de combate. Nas 15 Províncias mais numerosas, que perfazem um total de 3.736 Irmãs, 586 têm diplomas de Escolas Superiores; e dos 130 questionários até agora recebidos, há 1.225 diplomadas nas mais variadas matérias; pedagogia 178; Serviço Social 116; Ciências Sacras 3; Línguas clássicas 33; medicina 3, Sociologia 7, etc.

Em âmbito nacional, que sentido teria a nossa colaboração? — Só o que as Religiosas têm dado na organização e desenvolvimento da Conferência dos Religiosos, na sede central e nos seus Departamentos, na Associação de Educação Católica, no Ensino Religioso, na formação da equipe nacional do Mundo Melhor, etc. é algo grande e de profundamente construtivo. Naturalmente que uma revisão da realidade brasileira, neste particular, poderia nos pedir mais e mais, principalmente em pontos chaves de orientação e coordenação. No âmbito regional e diocesano, sim, há mais possibilidade e de fato, há também mais colaboração. A A.C., em quase tôdas as Dioceses tem uma Religiosa como adjunta técnica, principalmente da J.E.C.; como também os Departamentos Diocesanos de Ensino Religioso estão sempre sob a responsabilidade de uma Religiosa. Assim como também, a organização de Cúrias, a preparação de missões populares, a preparação espiritual do povo para as visitas pastorais, costume já em diversas Dioceses; ainda a colaboração das Religiosas no Movimento de Educação de Base, através das Escolas Radiofônicas, treinamento de líderes e missões rurais... É digno de menção especial o generoso trabalho de nossas Religiosas nos Semi-

nários, para os serviços domésticos; e atualmente já em muitas Dioceses, como professoras dos Seminários Menores ou Pré-Seminários, onde prestam um valioso serviço. E, finalmente, a colaboração das Religiosas na Paróquia, portanto numa ação mais restrita, porém, não menos valiosa, como: na direção da catequese paroquial e escolar; na catequese de adultos, em muitos casos já; a direção e orientação de Associações paroquiais...

Tudo isso, que ainda não é tudo, deve confortar muito a Sagrada Hierarquia que deseja ver-nos cada vez mais solícitas e mais dispostas a colaborar naquele trabalho, com aquêlê método e àquela hora, na obra evangelizadora da Igreja.

Tive, certa vez, o prazer de encaminhar a Roma a documentação de uma Congregação que pedia à Santa Sé a divisão da mesma em Províncias; e tôdas as cartas comendatícias que passaram pelas minhas mãos iniciavam com estas palavras ou equivalentes: "é uma Congregação que está sempre à disposição da Sagrada Hierarquia". — Espera ainda de nós a Santa Igreja, alguma coisa a mais, em que lhe possamos ser mais úteis? Espera êste espírito de disponibilidade, esta disposição de servir com alegria, pois, de fato, servir à Igreja é para nós grande honra. Espera ainda a nossa integração no plano de conjunto de renovação da pastoral paroquial, em que poderemos, com a nossa boa vontade, prestar serviços mais eficientes e em menos tempo.

Concluindo,

Deixaríamos como sugestão:

1) que nossas Superiores Maiores, preocupando-se em preparar suas Religiosas para as obras da Congregação, não se esqueçam de preparar também outras, com o fim de tê-las à disposição da Igreja para apostolados da época. Religiosas não menos equilibradas ou menos capazes do que as primeiras;

2) que acompanhem de perto as grandes alegrias da Igreja, como o Concílio Ecumênico e também seus graves problemas;

3) rezemos e façamos rezar, muito especialmente pelo Concílio, mas de modo particular pela Comissão de Religiosos, a que cabe tratar dos nossos interesses;

4) cultivar em nós e em nossas Comunidades o espírito **católico** da Igreja, pelo qual aprendamos a renunciar com alegria aos nossos métodos de trabalho e aos nossos projetos, para aceitar, de coração aberto, os da comunidade social a que pertencemos, seja a Paróquia, ou a Diocese.

Enfim, sejamos membros vivos de uma comunidade viva.

PROBLEMAS EDUCACIONAIS (resumo)

Dom Cândido Padim OSB

Seria útil uma apresentação de dados estatísticos da situação do Ensino no Brasil. Não contamos, porém, com dados estatísticos precisos e atuais, porque ainda não se introduziu o costume de obter rapidamente os dados solicitados. Os Superiores devem exigir rapidez e exatidão nas informações. Os dados de que dispomos, datam de 1956. Acabam de ser elaborados os dados até 1959, mas não os temos em mãos. Temos os seguintes:

Ensino Oficial	— Ensino Primário	1956	— 88 %	da população	escolar
	Ensino Médio	"	— 29,9%	"	"
	Ensino Superior	"	— 51,5%	"	"
Ensino particular					
não católico	— Ensino Primário	"	— 5,8%	"	"
	Ensino Médio	"	— 42,6%	"	"
	Ensino Superior	"	— 27,9%	"	"
Ensino particular					
católico	— Ensino Primário	"	— 6,2%	"	"
	Ensino Médio	"	— 27,5%	"	"
	Ensino Superior	"	— 20,6%	"	"

Conforme dados de 1960 — População alfabetizada: 54%.

Problemas da evasão escolar

Dos alunos matriculados no 1.º ano, atingiram o 4.º Primário somente 12%.

A população escolar no ensino Médio é de 18% da população do ensino Primário.

No ensino Superior 1,5% do ensino Primário e 9% do ensino Médio.

Quanto aos tipos do ensino Secundário e Normal: 95,5%. No ensino Industrial, Comercial, Agrícola e outros, vamos encontrar 2,5%.

Dêstes dados todos podemos tirar algumas conclusões:

- 1.º — A formação cristã da infância e da juventude não pode contar com as escolas católicas. Em nosso país o ensino religioso pode ser dado nas escolas públicas, mas, embora garantido pela Constituição, êsse ensino não é dado.
- 2.º — Mesmo em relação ao nível médio, se levássemos em conta o número de ginásios dirigidos pelos leigos católicos, a instrução religiosa é nula. O canal próprio da catequese é a paróquia, mas esta também não dá.
- 3.º — Se é verdade que o ensino particular cobre mais de 2/3 do nível médio, as escolas católicas só se distribuem por três ramos: pelas Escolas Nor-

mais, Secundárias e Técnicas. Porém, neste último ramo, raros são os matriculados nos ensinos Comercial e Industrial.

A Igreja não está, praticamente, tomando nenhuma iniciativa em relação ao ensino médio. Agora que temos flexibilidade com a Lei de Diretrizes e Bases, devemos pensar nisto.

Sugestões

- a) — Revisão de estrutura das escolas, estendendo às necessidades da situação local e regional. Desenvolver a capacidade de iniciativa. Basta um equipamento mínimo nas escolas, aproveitando para despertar as tendências vocacionais.
- b) — Colaboração que poderia ser prestada nas instalações para o ensino primário. A escola média estaria disponível para a instalação de classes primárias.

Contratar leigos com a supervisão do ensino religioso primário. De qualquer modo, ofereceríamos uma ampliação da área católica no ensino primário. As escolas paroquiais seriam inexistíveis sem a colaboração dos Religiosos.

- c) — A nova lei exige uma modificação em todos os setores. Em relação aos fundos públicos, ela exige que a distribuição seja equitativa. No Ensino Superior deve ser de 74% da verba; no Primário, 12%; no Médio, 16%.

Uma vez que a Constituição estabelece que o Ensino Primário é obrigatório, a Lei de Diretrizes e Bases introduziu que, em relação ao Primário, só serão concedidas Bolsas quando não houver vagas nas Escolas Públicas.

A conjugação dos esforços das três áreas do Poder Público (Federal, Estadual e Municipal) dará uma imensa possibilidade de aplicação. Em contato com os Poderes Públicos, não havendo mais vagas em Escolas Públicas, oferece vagas ao Governo. Que esta conjugação de forças se faça por meio de subvenção e não de Bolsas.

- d) — Problemas em relação às escolas católicas de nível médio únicas na localidade: surgem problemas de alunos de famílias não católicas, candidatos à matrícula nessas escolas. Não aceitar essa atitude de hostilidade. É aconselhável compreensão, o que será mais produtivo.
- e) — É desaconselhável a criação da faculdade onde o professorado é pequeno. É melhor concentrar esforços e ter escola superior de alto nível. Não se compreende em área de fácil comunicação tantas escolas de nível superior.
- f) — Para atender a exigência da Lei de Diretrizes e Bases, quanto aos Orientadores Educacionais, propomos: **se enquadre na solução do exame de suficiência.**

A Escola precisa de Orientador nesta nova fase de flexibilidade. Para que o aluno se adapte, precisa ser orientado. Podemos esperar que Diretrizes e Bases vai permitir um grande aprimoramento educativo.

FORMAÇÃO DAS JUNIORISTAS

O JUNIORATO DAS RELIGIOSAS (Resumo)

Relator: **Pe. João Corso SDB**

Abordando o tema, o Relator diz que, quando há nove meses passados o estudara na Assembléa anterior, resultara como sugestão que se organizasse uma equipe para estudar o assunto mais praticamente, de modo a facilitar a organização dos Junioratos. Assim, uma equipe se organizara em São Paulo, onde 10 Congregações puderam, através de seis reuniões realizadas, chegar a algumas conclusões e realizações. Concordaram em que os grandes princípios apresentados pela Santa Sé, referentes à criação dos Junioratos, são realmente de atualidade e devem ser aceitos e realizados.

I — PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

Dêsses encontros resultaram as bases cuja exposição apresentava como sugestão a ser discutida. Passou então ao tema que dividiu em duas partes: princípios e objetivos do Juniorato.

A) Princípios

a) **O apostolado oficial das Religiosas** — O fundamento dêsse novo tipo de organização, no que se refere à formação das Religiosas, é o fato de que também elas foram chamadas pela Santa Sé a participar oficialmente do apostolado da Igreja, atualmente empenhada em movimentar as forças capazes de acionar o mundo, levando-o para Deus.

b) **As exigências dos tempos atuais** — Estamos no século do apostolado leigo, apostolado êste que é função especial também dos Religiosos não clérigos. Antigamente a vocação religiosa não trazia em si a noção do apostolado, mas agora a traz. Normalmente quem se torna Religioso, deve pensar em apostolado. Portanto, na preparação de uma Religiosa, deve levar-se em conta esta nova faceta; apostolado para o tempo atual, com exigências especiais. A formação antiga não é mais suficiente; exige-se o **aprimoramento** dessa formação.

c) **Formação para a unidade** — O mundo de hoje pede trabalho **em conjunto**. Precisamos nos unir para salvar o mundo. Os Religiosos não foram formados para o trabalho em equipe; precisamos quebrar barreiras para levar avante êste trabalho, porque a Santa Sé o pede, apontando-nos um sentido de unidade e de colaboração.

d) **Formação em profundidade** — E, já que isto não é fácil, insiste em que se dê às Religiosas **formação em profundidade**. Não se pode improvisar o apostolado. O próprio Nosso Senhor ficou muito tempo recolhido.

e) **Formação necessária: religiosa, apostólica, proporcionada, integral** — A formação a ser dada no Juniorato deve ser: integral, completa e bem intencionada. Completa, apostólica e especializada para o trabalho a realizar, dada sob regime de tempo integral.

f) **O Juniorato nas disposições da Santa Sé** — A Santa Sé quer formação: formação necessária para que estejamos à altura dos tempos. Ela não obriga a criar Junioratos, mas dá a entender que o está planejando. Não deu ordem taxativa, mas quer que se comece a fazer, antes que ela ordene. Quer recolher experiências para aplicá-las depois.

Esta é a ordem natural e lógica a seguir: reunir as experiências realizadas no Brasil, conhecer seus resultados e deficiências, para as ter em conta no futuro.

g) **Responsabilidade das Congregações Religiosas** — Embora a Santa Sé não tenha ainda ordenado, manifesta o desejo, e é preciso que as Congregações o atendam, porquanto grande é a sua responsabilidade. Disse um especialista no assunto: "Aquele vocação foi entregue por Deus à Comunidade para que renda o máximo, e seria injustiça não fazê-la aproveitar". Formação também **para tôdas**. Tôdas são esperanças quando saem do Noviciado. E' necessário que, logo após o Noviciado, tôdas tenham dois anos de Juniorato ou, pelo menos, um ano. Não dar logo especialização técnica: esta virá depois.

B) Objetivos

Seriam quatro: a) Formação espiritual; b) Formação intelectual; c) Formação humana; d) Formação técnico-apostólica.

A) **Formação espiritual** — E' a primeira mencionada, por ser fundamental. O importante é que seja dada de modo organizado. A improvisação é perigosa; daí a importância de planejar métodos e meios.

1) **Objetivos especiais:** A obrigação principal é ampliar a **visão apostólica**. Ninguém se improvisa em apóstolo; de contrário, vêm os muitos fracassos a lamentar. Esta formação deve ser dada através de aprendizagem prática, com motivação constante, na qual sejam aplicados os princípios teológicos do apostolado e dada intensa formação litúrgica. A Teologia do apostolado é necessária para uma motivação, sempre renovada. Conhecer as formas e valorizar a vocação em vista do sentido de doação. Cabe às professoras do Juniorato insistir em que as junioristas adquiram esta formação apostólica. Assim, cuide-se que tôdas procurem dar sempre esta instrução espiritual com visão apostólica.

Ensinar a **conciliar a iniciativa com a obediência**. Dar às formandas o verdadeiro sentido da obediência, que é o de entregarem-se ao apostolado com responsabilidade. Dar-lhes o sentido da obediência, enquanto é iniciativa. Não formar eternas crianças, mas formar para a iniciativa, dentro da obediência.

Ensinar a **trabalhar em equipe**, o que não é fácil, porque este trabalho precisa de treino e de experiência. Seria bom estudar em conjunto, p.ex.,

uma questão da Congregação.

Procurar também **desenvolver o espírito do Instituto**. A experiência ensina que a vivência é que dá o espírito. Nossa atualização deve ser a de conformização com o Santo Fundador.

Realizar a **prática dos exercícios espirituais nas condições da vida de professa**. Colocá-las em situação de exceção para que saibam cumprir as obrigações religiosas fora do normal.

De outro modo, ao exercerem certos trabalhos poderão vir a esquecer-se de seu estado de vida religiosa. Ajudá-las a adaptar-se a certas circunstâncias. Ensinar os esquemas fundamentais da vida religiosa que deverão aplicar na vida prática. Se dermos formação de princípios, saberão adaptar-se mais tarde. Visar a adaptação à realização, pois a inibição interfere na vida religiosa, dificultando-a. Fazê-las sentir que são Religiosas; portanto, devem sentir-se à vontade para mostrar que o são. É o sentido da natureza que devem possuir.

2) **Algumas medidas para a formação espiritual**. As medidas necessárias para a obtenção da dita aprendizagem são:

1) Articulação das professas em todo o período de formação. Despertar o problema da formação espiritual e a consciência de que a formação deve ser vista em conjunto. Organizar bem o Juniorato, tendo em vista toda a formação e cuidando que tenha interferência com o noviciado.

2) Disciplina do Juniorato. O Juniorato não é mais o Noviciado. Neste a noviça deve viver a vida religiosa, tendo a assisti-la cuidados especiais. A "Sedes Sapientiae" recomenda que se dê a primazia à observância. A disciplina é que forma os Religiosos. Não afrouxar os laços, porque isto poderia significar relaxamento, o que não é admissível. A disciplina é que forma de fato. Entretanto, nesta disciplina do Juniorato, não deve haver as injunções do Noviciado. Ela tem de ser fácil, favorável, atraente.

B) **Formação intelectual** — É de todo necessária. Uma excelente formação intelectual deve ser dada a todas, porque "uma mente bem formada é elemento fundamental na vida de uma Religiosa". Produz-se pouco, porque faltou a formação intelectual.

Deve-se procurar chegar ao descortínio, pelo menos do nível ginásiano. Noutros termos, chegar a uma formação intelectual que dê **objetividade de visão** do mundo natural e sobrenatural. Isto não é fácil, mas é necessário, porque precisamos de uma formação coerente com a realidade, o que facilitará que se viva com sinceridade, eliminando a fraude e o engano bem como a incapacidade de aproveitar as coisas boas, e levando ao conhecimento da realidade de nossas próprias limitações.

Nesta formação não dar só noções teóricas, mas em conformidade com a ação.

Ao dar a formação intelectual, preocupar-se em ligá-la com a formação espiritual, porque assim a vontade receberá maior iluminação da inteligência.

C) **Formação humana** — Preocupar-se com ela. O sacerdote, a reli-

giosa, o cristão, pressupõem o homem; portanto, formação humana e ética mais aprimoradas. Muitas vezes falta na Religiosa a apresentação ética, e uma porta excepcional de entrada para o apostolado é a polidez.

Temos não só alma, mas também corpo; portanto, formação física para que se tenha boa saúde. Ginástica, diversão, passeio, férias, são exigidos para um bom equilíbrio psico-físico.

D) Formação técnico-apostólica — No início algumas especializações não comprometem a formação espiritual e intelectual. Pequenas experiências devem ser levadas em conta para a especialização futura: portanto, intensifique-se a formação nos últimos tempos do Juniorato, mas que a jovem Religiosa não tenha ainda responsabilidades.

II — PROGRAMAS E NORMAS

Os programas aqui apresentados constituem meras sugestões; são um mínimo que deve ser dado, devendo, por isso, ser ampliados.

A) Programas

a) Formação espiritual — Precisamos formar a espiritualidade dos Religiosos de modo organizado, com programas bem premeditados, estudados e aplicados por pessoal competente. A Mestra das Junioristas deve conseguir delas a maturidade espiritual e, para isso, usará quatro tipos de conferências:

- 1) conferências em particular, com a Mestra;
- 2) conferências em equipe, com a Mestra;
- 3) conferências de formação intelectual, aproveitadas para a formação espiritual;
- 4) conferências de instrução formal.

Nas **conferências particulares**, a Mestra deve orientar a Juniorista na leitura espiritual, consolidar a sua formação, servindo-se do desencanto que lhe causa o exemplo das outras. Orienta-a também nas relações com a sociedade.

Nas **conferências em equipe**, aproveitar-se-á dos fatos que ocorrem acidentalmente para proporcionar sua instrução.

De modo particular, as professoras devem acompanhar em suas aulas a formação espiritual. Tudo isto ajuda na formação espiritual da Juniorista, mas a Mestra é a mais responsável e não deve confundir a formação que ela dá com a leitura espiritual; esta não pode substituir a conferência.

A motivação desta vida espiritual é a aprofundação do dogma e da história da espiritualidade. Aproveitar a espiritualidade de outras Congregações, cuja raiz é a mesma para todas: o Evangelho.

Além disso: **História da vida religiosa**, para ver como se formaram as diversas espiritualidades; **Teologia do apostolado**, em função dos movimentos apostólicos da Igreja, principalmente da Ação Católica (é o estudo desta Teologia que dá experiência; pode-se, então, começar a apresentar alguma técnica de apostolado); **Estudo das pequenas virtudes** da vida comum; **Direito**

Canônico, que fornece matéria para a formação moral, já que as leis da Igreja obrigam em consciência; **Liturgia**, que garante a formação litúrgica, de modo que possam viver de fato uma vida mais eclesial.

b) **Formação intelectual** — É difícil a vida religiosa sem base, pelo que são necessárias para o amadurecimento: **Filosofia** e **Teologia** (a Filosofia ensina a pensar e a Teologia a tomar conhecimento da realidade cristã); **Humanidades**, literatura e línguas; **História** — a religiosa apóstola vai ensinar e deve saber o que vai ensinar e a quem ensinar; **Ciências sociais** — a Sociologia religiosa e cristã é uma necessidade para todos; **Psicologia**, para o aprimoramento da formação individual; **Cursos profissionais**, nos quais se vai predispondo a Religiosa para uma determinada forma de apostolado. Preocupar-se mais em formar mentalidades do que especialistas.

c) **Formação humana, ética e física.**

d) **Formação apostólica**, com a organização das primeiras experiências. É interessante que façam experiências oportunas, mas que estas não as desorientem em seus estudos. Atender às tendências, para que não se desloquem, e aproveitar os valores humanos ao máximo. Ensinar a obedecer de acordo com as nossas tendências. Atender às tendências naturais, eis o ponto de atualização da obediência.

B) Normas para a direção do Juniorato

a) **Direção** — Haverá nêle um regime: 1) hierárquico, 2) espiritual, 3) temporal.

O Juniorato deve funcionar junto a uma Casa complexa que servirá de campo de experiência. É preciso marcar bem as funções da Mestra do Juniorato, que se deve ocupar, sem preocupações de administração, da formação das Junioristas. Daí a necessidade de uma Administradora e a conveniência de ser o Juniorato enquadrado numa Casa que tenha Superiora. A Mestra deve estar livre para formar e instruir.

b) **Formação** — Seus meios mais importantes na formação espiritual são: a direção espiritual, a confissão, a conta de consciência.

c) **Magistério** — As professoras devem ter a cultura necessária para o ensino de suas matérias. Professoras capazes, competentes e que amem o seu trabalho e gostem de ensinar. É necessário também que conheçam bem não só a matéria que vão ensinar, mas todo o programa do Juniorato.

d) **Subsídios** — Entre os mais importantes podemos citar:

Biblioteca — para formá-la, gastar muito e o necessário, com a ajuda de todas as casas;

Tempo — inteiramente dedicado à tarefa de formação. Pode-se aproveitar os domingos para outras atividades, contanto que estas visem sempre à formação. Artigos referentes à formação das Junioristas, bem como elementos bibliográficos para a formação de bibliotecas para Junioristas, serão publicados na Revista da CRB.

Conclusões:

Após os debates, foram aprovados os seguintes pontos:

a) Estudar a possibilidade de um Juniorato comum para diversas Congregações, sob regime de externato, com meio expediente para a formação intelectual, em comum, e outro expediente para a formação direta pela Mestra.

b) Louvada a aprendizagem da língua mais em uso no Instituto, para possibilitar melhor comunicação com as Superiores Maiores, e solicitada cautela quanto à aprendizagem da literatura, porquanto foi apontado o perigo das excessivas leituras de romances, causa dos grandes fracassos de vocações sacerdotais e religiosas.

c) Cursos por correspondência e Cursos intensivos podem ser utilizados para superar as dificuldades de início, porém, sempre que possível, procurar atingir o máximo, na organização de Junioratos.

A Diretoria da CRB incumbiu o Pe. João Corso, que já muito faz pela Conferência, de mais o seguinte encargo:

- 1) Organizar o elenco bibliográfico para a biblioteca das Junioristas;
- 2) Coordenar os Cursos para Mestras de Noviças, em outubro vindouro e, possivelmente, nos anos seguintes;
- 3) Estudar a possibilidade de organização de Cursos por Correspondência para Junioristas.

II Encontro de Redatores de Imprensa Católica

A Conferência dos Religiosos, pelo seu Departamento de Imprensa, convida os redatores da imprensa católica e os radialistas das emissoras católicas para o II Encontro a ter lugar de 24 a 25 de julho próximo no Colégio Arnaldo de Belo Horizonte. As inscrições podem ser feitas na Seção Estadual da CRB, Rua Guaajaras, 37 sobre-loja, Belo Horizonte.

Visa este encontro manter os homens da imprensa católica a par dos problemas atuais, havendo os seguintes temas no programa:

- A doutrina social da Igreja — Prof. João Camilo de Oliveira Tórres;
 - A Juventude e a tentação das ideologias — Prof. Edgard de Godoi Mata;
 - Reforma de bases — Prof. Antonio Augusto de Mello Cançado; Machado;
 - O Conselho Ecumênico — Prof. Pe. Analdo Ribeiro;
 - O Problema da Imprensa Católica e apresentação da UNCI — Prof. João Etienne Filho;
 - A imprensa católica perante a política — Dr. José Mendonça;
 - Problema da imprensa semanal — Côn. Isnar da Gama;
 - Encerramento — Dom Serafim Fernandes de Araujo.
- Abertura às 9 horas; encerramento às 17 horas;
Taxa de inscrição, inclusive almoços e lanches: Cr\$ 1.290,00.

AS ATIVIDADES DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS

O Revmo. Pe. Secretário Geral fez, perante os Superiores e Superiores Provinciais, um relato do que a Conferência dos Religiosos está atualmente realizando. Além da comunicação sobre o "Movimento de Natal", que publicamos a seguir na íntegra, damos aqui um breve resumo das comunicações feitas durante a Assembléia.

Colaboração com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

a) Está em fase de conclusão a preparação do funcionamento do Centro de Estatística Religiosa e de Investigações Sociais (CERIS), a ser mantido pelas duas Conferências. O nosso Departamento de Estatística, com sua equipe de 19 Religiosos, das Missionárias de Jesus Crucificado (11 para o trabalho propriamente estatístico, 4 para os serviços domésticos e 4 para a indústria doméstica), passará a fazer parte do CERIS.

b) A pedido do Exmo. Secretário da CNBB, a Diretoria da CRB apresentou à CNBB um plano de cooperação entre as duas Conferências, discutido na Assembléia dos Bispos do Brasil.

c) A CRB colaborou, através de Religiosos e Religiosas de todos os Estados do Nordeste, no planejamento do plano de pastoral de conjunto para essa área, elaborado em janeiro e fevereiro, com a presença de 14 Arcebispos e Bispos do Nordeste.

d) A CRB está colaborando, de modo particular, na execução deste plano de Pastoral de conjunto, com secretariado executivo em Natal (RN), promovendo o entrosamento do apostolado dos Religiosos e Religiosas, já existentes nessa região, com a pastoral da Hierarquia, e dirigindo novos Institutos religiosos, quer brasileiros, quer estrangeiros, para os pontos geográficos mais estratégicos e os setores mais vitais de ação apostólica e social do Nordeste.

Formação

a) A fundação de um Curso Superior e de Institutos Superiores de Ciências Religiosas para Irmãos de Institutos não clericais e para Religiosas, a serem agregados ao Pontifício Instituto "Regina Mundi", constitui indiscutivelmente uma das mais importantes atividades apostólicas da CRB neste ano. Os Institutos têm três anos de curso ordinário e mais um ano de didática. São eles: 1) o Instituto "Deus Sapia" de Porto Alegre; 2) o Instituto "Mater Christi" de São Paulo; 3) o curso diurno no Instituto Superior de Ciências Religiosas da Universidade Católica de Recife. Destinam-se estes Institutos sobretudo à formação de pessoal dirigente e docente dos Junioratos das Províncias religiosas femininas.

b) Em vista da progressiva introdução do sistema do Juniorato nas

Congregações femininas no Brasil, a Diretoria da CRB instituiu, conforme voto da Assembléia das Superiores Mães do ano passado, um "grupo de trabalho" de Religiosas categorizadas em São Paulo, para, sob a orientação do Revmo. Pe. João Sorso SDB, em reuniões mensais estudarem a situação brasileira quanto ao Juniorato e prepararem a solução progressiva de problema, conforme as necessidades e possibilidades no Brasil. No corrente ano, o "grupo de trabalho" continuará seus estudos e incumbir-se-á de preparar um elenco bibliográfico que oriente, periodicamente, a formação da biblioteca de Junioratos e Casas de religiosas em geral, e estudará a viabilidade de contribuir para a formação das Junioristas através de cursos por correspondência.

c) A CRB organizou a Segunda Semana de Mestres de Noviços e a V de Mestras de Noviças. Realizou um curso intensivo de suas semanas sobre a Doutrina Social da Igreja para Sacerdotes. Está preparando um curso intensivo para Sacerdotes (em entendimento com a Hierarquia local, também para o clero secular) sucessivamente em São Paulo, Rio de Janeiro e B. Horizonte, sobre a organização da didática da catequese, com sessões sobre a organização, pelo Revmo. Pe. James McNiff do CELAM, sobre a metodologia, pelo Exmo. Sr. Presidente do Secretariado de Catequese da CNBB, e sobre a didática pela Diretoria da Escola nacional de formação de dirigentes diocesanos do Ensino Religioso. Em julho próximo haverá, no Rio de Janeiro, um curso intensivo sobre a Doutrina Social da Igreja para Religiosas.

Novas Ordens e Congregações para o Brasil

a) Intensificou-se o trabalho para conseguir novos Institutos religiosos para o Brasil, particularmente para o Nordeste, através do Comitê internacional "Pro Mundi Vita". A CRB preparou, orientando e acompanhando, o estabelecimento de quatro novas Congregações e está encaminhando mais três. Várias outras Congregações estrangeiras manifestaram já à CRB o interesse em virem para o Brasil, pedindo informações, orientações etc. de todo o gênero.

b) a CRB está colaborando no desenvolvimento de um amplo projeto de assistência à saúde, com sede em Campina Grande-(PB), para o qual conseguiu: 1) dois especialistas, com formação universitária, para dirigirem o projeto, com a viagem e salário pagos pelo país de origem: um especializado em assistência à saúde e em serviço social, e outro em economia social; 2) duas Congregações femininas (e brevemente mais outra), para o serviço de enfermagem, estando previsto, para o fim do ano, a vinda de uma Congregação de Irmãos para o ensino profissional e técnico.

c) A CRB colaborou na elaboração de um plano de prioridades pastorais da América Latina em geral e do Brasil em particular que, a pedido da Conferência dos Religiosos dos Estados Unidos e do Canadá, será apresentado aos Superiores Mães e Superiores Mães destes países, como também aos dos vários países da Europa. Isto quadra perfeitamente com a finalidade do "Pro Mundi Vita" que visa contribuir para uma mais inteligente distribuição das forças apostólicas disponíveis e aproveitá-las mais eficientemente em áreas de "emergência pastoral" e em setores mais vitais do apostolado da Igreja.

Outras atividades

a) A CRB acaba de estabelecer com o Governo do Estado da Guanabara um convênio sobre o internamento e semi-internamento de menores abandonados, a serem assistidos em instituições apropriadas, dirigidas por Religiosos e Religiosas do Rio de Janeiro. A CRB, através do Departamento de Serviço e Assistência Social, está organizando um trabalho de serviço social junto às mencionadas instituições e junto aos pais ou responsáveis dos menores. A verba do convênio do presente ano prevê a colocação de aproximadamente 250 menores. Se as experiências do primeiro ano forem satisfatórias, a Conferência estará disposta a renovar o convênio e estendê-lo a maior número de crianças. É a primeira concretização de um voto da Assembléia dos Superiores Maiores do ano passado, à qual o Governo da Guanabara fez um apêlo neste sentido.

b) Através do Departamento de Estatística a CRB realizou: 1) para a Sagr. Congregação dos Religiosos, a confecção de uma exposição de quadros estatísticos e de gráficos para o Congresso Internacional de Vocações Religiosas, realizado em Roma no mês de dezembro; 2) para o CELAM, um inquérito vocacional — com ficha individual — junto a todos os seminaristas maiores diocesanos do Brasil (semelhante inquérito junto aos noviços e seminaristas maiores de Religiosos já tinha sido realizado anteriormente); 3) para a Associações de Educadores Católicos (AEC do Brasil), um levantamento completo do ensino médio, secundário e superior de estabelecimentos, dirigidos pela Igreja, levantamento este que mereceu uma menção honrosa na recente reunião da UNESCO em Santiago do Chile; 4) para a Nunciatura Apostólica, vários órgãos da Santa Sé e numerosos Bispos do Brasil, trabalhos de todo o gênero.

c) O Departamento de Vocações atuou particularmente através de publicações vocacionais para Sacerdotes e Religiosos nas várias Revistas católicas do Brasil, como ainda para o público em geral através de séries de artigos em jornais e periódicos do Brasil. Organizou semanas de estudos vocacionais nos Seminários Maiores de Belo Horizonte e Mariana, no Instituto Pastoral da CRB em São Paulo, e para 250 Religiosas no Rio Grande do Sul.

d) O Departamento de Imprensa realizou ultimamente cinco cursos de jornalismo. Este Departamento passou a organizar encontros de redatores e radialistas (São Paulo e Pôrto Alegre e, próximamente, Belo Horizonte), dada a urgência e precipitação dos acontecimentos e problemas atuais. Os efeitos já se notam na melhor coordenação da imprensa católica e nas agências noticiosas, máxime, porém, na atualização dos órgãos católicos que, na sua quase totalidade, tratam de esclarecer e alertar a opinião pública quanto à perigosa situação que o País está atravessando, enquanto até há pouco tempo se notava muito "igrejismo" e egoísmo nas colunas da imprensa católica.

UMA EVANGELIZAÇÃO EM EXTENSÃO E EM PROFUNDIDADE

O "MOVIMENTO DE NATAL"

Pe. Tiago G. Cloin Csr

Natal está se tornando, cada vez mais, um centro de atração para os estudiosos de ação social e de Pastoral. Bispos e Sacerdotes, leigos e leigas, não apenas brasileiros mas também estrangeiros dos vários países latino-americanos, dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa, afluem, em numero sempre maior, à Capital do Rio Grande do Norte para tomar conhecimento daquilo que podemos chamar o "Movimento de Natal" e que constitui, sem dúvida nenhuma, a mais bem sucedida experiência pastoral de grande envergadura, em extensão e em profundidade, realizada no Brasil.

I — Origem

O "Movimento de Natal" tem sua origem na atuação de Dom Eugênio de Araújo Sales, atualmente Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal, modestamente iniciada, uns doze anos atrás, na Capital do Rio Grande do Norte. Nomeado Bispo Auxiliar de Natal em 1954, com apenas 33 anos de idade, conseguiu Dom Eugênio estender o "Movimento" à Arquidiocese toda e, paulatinamente, às dioceses sufragâneas de Mossoró e Caicó. Atualmente o "Movimento" já se faz sentir em uma grande série de arquidioceses e dioceses dos vários Estados do Nordeste. Esta expansão culminou nas três reuniões, recentemente realizadas em Natal, durante as quais respectivamente 60 Religiosas, 50 membros de ambos os cleros — com a presença de 12 Arcebispos e Bispos — e 50 leigos elaboraram um plano de Pastoral de conjunto para todo o Nordeste brasileiro.

O gigantesco plano governamental da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) — que abrange todos os Estados do Nordeste e mais os de Sergipe e da Bahia — foi para os Bispos nordestinos o motivo de incluírem no plano de Pastoral também estes dois Estados. Pois, sendo o plano da SUDENE de inspiração materialista, para não dizer esquerdista, de forma que visa quase exclusivamente a promoção econômica da região, requer êle indispensavelmente, da parte da Igreja, um enorme esforço para lhe corrigir os erros e completar as lacunas, não apenas no campo da formação religiosa e moral, mas ainda no setor de educação social e de promoção verdadeiramente humana.

A Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada recentemente no Rio de Janeiro-GB, de 1 a 5 de abril, aplaudiu o plano apostólico dos Bispos do Nordeste e, dividindo o Brasil em 7 regiões pastorais, com secretariado executivo próprio, incluiu os Estados do Nordeste, de Maranhão até Bahia inclusive, no Secretariado regional do Nordeste, com sede em Natal. Esta região pastoral é, até o momento, a única que tem

um plano de pastoral de conjunto elaborado e um secretariado executivo em funcionamento.

II — Natureza

O "Movimento de Natal" é uma ação conjugada de evangelização e de ação social, de grande envergadura em extensão e em profundidade. É um movimento cristão integral, abrangendo no setor da evangelização os movimentos catequético e de ensino religioso, bíblico, litúrgico, de renovação do ministério sacerdotal, de vocações sacerdotais e religiosas; no setor da ação social, os movimentos de educação de base através de escolas radiofônicas, de ensino médio, sindicalização, colonização, artesanato, cooperativismo, treinamento de líderes, maternidades, centros sociais, clubes agrícolas, migração interna, imprensa e rádio. É um movimento conjugado de Bispos, de Sacerdotes de ambos os cleros, de Religiosas, de leigos e leigas, em cujo planejamento das atividades todos se fizeram representar.

Na base do "Movimento" está o sistema de educação de grupos e de comunidade, uma transposição de técnica da moderna ação social para o campo da evangelização. Já é ponto incontroverso que não apenas para o comportamento social mas também para a vida religioso-moral vale o princípio: o indivíduo em geral não resiste à influência, quer construtiva quer destrutiva, do ambiente da família; e a família, por sua vez, não resiste, via de regra, à do ambiente do grupo ou comunidade. A educação cristã dos indivíduos reclama indispensavelmente uma educação cristã de grupos ou de comunidade.

III — As realizações

O "Movimento de Natal" conseguiu realizações surpreendentes. Antes de mais nada, destaca-se o grupo de aproximadamente 250 pessoas, parcialmente remuneradas, parcialmente voluntárias, que integram a equipe de Natal, o nervo do "Movimento". Com exceção de umas vinte Religiosas (principalmente da Obra "Bom Pastor"), são todos leigos e leigas, rapazes e moças, homens e mulheres, entre os quais vários diplomados em universidades e um número notável de assistentes sociais. Uma centena trabalha nas 9 obras da Arquidiocese, espalhadas precipuamente pelos bairros proletários da Cidade. A equipe da Emissora de Educação Rural abrange 39 pessoas, a da Tipografia 31, e a do Serviço de Assistência Rural (SAR) 73. A impressão que o pessoal em seu conjunto me causou, foi a de um pequeno exército de inspiração profundamente apostólica, do qual o próprio Dom Eugênio é o chefe e a alma.

O Serviço de Assistência Rural tem equipes volantes que percorrem a Arquidiocese para darem orientação e assistência técnica às atividades nas paróquias do interior, e viajam, a convite dos Bispos de outros Estados, pelo Nordeste a fora, para darem cursos, assessorarem reuniões de clero e leigos, iniciarem atividades, nos múltiplos setores, acima mencionados, ajudando paróquias

e dioceses a entrosarem-se no "Movimento de Natal". Os cursos de âmbito regional são, em geral, dados no Centro de treinamento de líderes, em Ponta Negra, perto de Natal.

As escolas radiofônicas, que no interior da Arquidiocese de Natal são 1027, já se tornaram o indispensável meio para fomentar, aprofundar e expandir o "Movimento", principalmente no que diz respeito à educação de comunidade. É desta forma que a paróquia de São Paulo de Potengi — com mais de 140 escolas radiofônicas — sob a inspiração do Vigário, Mons. Expedito de Medeiros, se tornou uma paróquia-modêlo que está atraindo visitantes, bispos, sacerdotes e leigos de outros continentes, rivalizando com a famosa paróquia de Fômeque na Colômbia.

O espírito comunitário do clero da Arquidiocese de Natal é mais outra realização notável (45 seculares e 17 regulares — êstes últimos, Capuchinhos, Missionários da Sagrada Família e Salesianos — residem exclusivamente na Capital do Rio Grande do Norte). Todos os meses, reúne Dom Eugênio o clero em Ponta Negra, junto à praia, para um dia de recolhimento, estudo e descanso. Embora a participação seja livre, acorrem os sacerdotes de todos os recantos da Arquidiocese. É que Dom Eugênio, desde os seus anos de simples sacerdote, revelou-se um verdadeiro líder entre seus colegas, liderança esta que êle continua a exercer na sua função de Bispo. O clero da Arquidiocese de Natal constitui uma verdadeira "família sacerdotal". No interior formam os vigários vizinhos pequenas equipes de três ou quatro, ajudando-se mutuamente nos trabalhos apostólicos e atividades sociais. Dom Eugênio testificou que, desde sua nomeação para Bispo Auxiliar de Natal, nenhum sacerdote da Arquidiocese apostatou, e, comovido, acrescentou que os sacerdotes, também os do interior, se amparam entre si nas dificuldades de ordem moral e espiritual.

O sistema das monitoras das escolas radiofônicas, que são o elemento de ligação entre o locutor da Rádio e os alunos da "escola" — freqüentada por crianças e adultos — favorece, de modo particular, a educação de comunidade. São elas, não obstante sua deficiente formação escolar — muitas nem sequer chegaram a terminar o curso primário — as verdadeiras líderes das pequenas comunidades em zona rural. Com seus 16 ou 17 anos, são, muitas vezes, além de líderes de clubes agrícolas e de clubes domésticos, as catequistas da vizinhança, legítima e cândidamente orgulhosas de sua função. A promoção humana na zona rural realiza-se, em parte notável, através destas monitoras.

IV — Algumas experiências vividas

Tive recentemente a felicidade de, durante uma semana, estudar de perto o "Movimento de Natal" e de viver pessoalmente algumas experiências. Dom Eugênio, que me tratou como um príncipe, preparara-me o programa, itinerário e horário.

No Domingo de Ramos celebrei a Santa Missa na ampla capela de um hospital de Natal. A capela estava super-repleta, com povo aglomerado fora, no pátio. Um seminarista de uns quinze anos desempenhou-se do papel de

dirigente do povo de uma maneira que não é fácil esperar-se de um menino. O povo todo — e não apenas algumas almas pieçosas — cantou um salmo de Gélineau à entrada do celebrante, um cântico apropriado no momento do ofertório e outro no fim da Missa. Todos, em voz alta, dialogavam com o celebrante no Santo Sacrifício. Lembrei-me da expressão de São Jerônimo: "Quando o povo responde "Et cum spiritu tuo", é como se fôsse um trovão!". O conjunto me comoveu de tal forma que, querendo depois da Missa manifestar ao povo a minha profunda edificação, não consegui proferir palavra. Garanto que não costumo chorar por qualquer motivo! Tal participação na Santa Missa poder-se-ia esperar de um grupo seletivo da Ação Católica ou de uma Comunidade religiosa, mas eu não a tinha esperado do povo simples, no extremo Nordeste brasileiro. Esta foi uma experiência de verdadeira vivência litúrgica.

Dom Eugênio incluiu no meu programa uma visita ao Colégio das Neves, dirigido pelas Religiosas do Amor Divino, e ao Instituto Bom Pastor. Inicialmente não compreendi o porquê desta visita, pois, não era minha intenção gastar tempo com visitas a conventos. Durante a visita, porém, o enigma desapareceu. Eram duas obras de Religiosas que se tinham magnificamente entrosado no "Movimento de Natal", particularmente quanto à evangelização. As Religiosas do Amor Divino me contaram como haviam tomado a iniciativa de darem às alunas, primeiro do Científico e, depois, às do Comercial Técnico, um curso sobre participação na evangelização. As alunas, cujo sentido de responsabilidade pela evangelização fôra despertado, persuadiram as Religiosas a darem semelhante curso aos pais. Durante duas semanas, deram as Religiosas, à noite, um curso a um grupo de pais que se reuniam cada dia em uma residência diferente. A Superiora cedera três Religiosas a tarefas apostólicas extra-colegiais, quer paroquiais, quer diocesanas. A comunidade comprara uma camioneta, que está à disposição de tôdas as Religiosas da cidade que trabalhem em cargos apostólicos fora de suas casas. O Instituto Bom Pastor, situado na periferia da cidade, conseguiu da Superiora Geral a necessária licença para aceitar a direção de várias escolas radiofônicas, manter outros tantos centros de catequese e supervisionar uma escola primária vizinha.

Visitei, em um paupérrimo bairro de Natal, uma das obras sociais da Arquidiocese, iniciada pelo próprio Dom Eugênio, quando ainda simples sacerdote, e dirigida por uma única Filha da Caridade, assistente social, que está desenvolvendo uma espantosa ação missionária no meio desta aglomeração de marginais. Além de supervisionar o grupo escolar e a creche — esta última em condições precaríssimas — ela organiza cursos de toda a espécie de formação religiosa e social, para mães e mães, casais e juventude, na base da educação de comunidade. Está prevista, para breve, a criação de uma paróquia neste bairro, para a qual o futuro Vigário encontrará, graças à atuação desta Irmã, o terreno mais ou menos preparado pelo espírito comunitário desta gente humilde...

Num domingo, à tarde, visitei no interior a paróquia de Goianinha,

onde surpreendi o jovem Vigário, na varanda de um modesto mas bem construído centro social, em uma reunião com uns oito homens e rapazes, líderes das paróquias vizinhas, tratando assuntos de promoção humana. No pequeno salão encontrei a coordenadora regional do movimento dos clubes agrícolas que estava encerrando um curso intensivo de três dias para uns vinte líderes rurais, rapazes e moças, oriundos de diversas paróquias. O povo — ou, conforme se expressou o Vigário, a comunidade de Goianinha — encarregara-se da hospedagem e refeições gratuitas dos cursistas. A maioria eram monitores de escola radiofônica, e vários destes já tinham freqüentado cursos no centro de treinamento de líderes em Natal.

O Vigário me contou que sua paróquia tinha tido muita falta de sorte pela apostasia, em época não muito remota, de sucessivamente dois vigários. Um destes tinha filhos morando na paróquia. Esta tragédia traumatizara de tal forma o povo, particularmente a parte masculina, que os homens se afastaram quase todos da prática da religião. Com legítimo orgulho constatou que, depois de alguns anos de apostolado no espírito do "Movimento de Natal", acentuando de modo particular a educação de comunidade, o elemento masculino estava voltando, em ritmo acelerado, a freqüentar a Igreja e a receber os Sacramentos.

O ponto alto das minhas experiências do "Movimento de Natal" foi a visita à paróquia de São Paulo de Potengi-RN, a uns 70 quilômetros da Capital, com 30.000 almas, das quais pouco mais de duas mil na sede da matriz. Aparentemente a localidade não merece nenhuma atenção especial, pois, quanto à parte material, ruas, casas, prédios, matriz e urbanização, não há nada que possa impressionar. Não obstante, é a sede desta paróquia visitada, como já mencionamos, por estudiosos de pastoral e de ação social, bispos, sacerdotes, sociólogos, nacionais e estrangeiros. É que o Vigário, Mons. Expedito de Medeiros, intimamente ligado a Dom Eugênio, conseguiu realizar, de um modo global, os objetivos do "Movimento de Natal", particularmente a educação cristã de grupos e de comunidade. Fora as funções estritamente sacerdotais, reservadas ao Vigário, tôdas as atividades nesta paróquia são decididas, planejadas, executadas, dirigidas e financiadas pela "comunidade", através dos diversos grupos. A tarefa do Vigário se limita a orientar. Assim funcionam o secretariado da paróquia, o Movimento Familiar Cristão, a Juventude Agrária Católica, as escolas radiofônicas, o centro social, a escola de comércio, a maternidade, o serviço de ambulância, os postos de gêneros alimentícios, os clubes agrícolas, a sindicalização etc. Até a urbanização! Pois, a Prefeitura é a única instituição que não entrou no "Movimento de Natal". Conseqüentemente, tomou a "comunidade" a iniciativa de arborizar progressivamente as principais ruas da localidade. A "comunidade" resolve tudo. Através de um "grupo", ela organizou a maternidade e, através de outro, o serviço de ambulância que atende a todos os doentes e parturientes da extensa paróquia. Não gastaram quase nada no prédio da maternidade, que é uma simples casa do interior, reformada para esta finalidade, com duas salas, cada uma com seis leitos, é uma divisão para sala de operações. Treze grupos, cada um composto de quatro famílias, se encarregam, em rodízio, de fornecer

gratuitamente as refeições para as parturientes indigentes. A maternidade é dirigida por um médico, com a assistência de duas parteiras. Não haverá no Brasil grande número de localidades de apenas 2.000 almas que disponha de um médico próprio. A comunidade de São Paulo de Potengi o conseguiu do seguinte modo: oferecem a êle Cr\$ 7.000,00 mensais, a serem pagos pela dita comunidade, acrescentando que deveria tratar gratuitamente as parturientes indigentes, podendo cobrar uma taxa das demais, conforme as possibilidades de cada uma. Ninguém estranhará que o médico, a princípio, não julgou viável a proposta. Quis, porém, fazer, durante alguns meses, uma experiência. Os resultados foram tais que se convenceu da viabilidade e acabou por se estabelecer definitivamente em São Paulo de Potengi, entusiasmado pelo espírito comunitário do "Movimento de Natal".

A fundação da escola de Comércio é outra eloqüente prova do que uma comunidade é capaz de realizar. Sentindo a necessidade de um curso de ensino médio, um grupo movimentou a comunidade paroquial inteira. Com o esforço conjugado de todos, conseguiram levantar um modesto prédio e organizar o corpo docente pela colaboração gratuita dos poucos intelectuais da localidade: médico, farmacêutico, agente da ABCAR e outros. No ano passado diplomou-se a primeira turma da escola.

O costume de não gastar senão o mínimo necessário em construções aplicou-se também à matriz. A antiga, pequena demais, foi transformada em Centro Social, sede de tôdas as obras sociais da comunidade. A nova ampla matriz está apenas coberta, e não será terminada tão cedo. Há vários anos que as obras estão paradas. O Vigário me explicou: "Nosso Senhor e a comunidade paroquial estão protegidos contra sol e chuva. Isto nos basta, por enquanto. Outros empreendimentos da comunidade estão agora reclamando prioridade na aplicação dos nossos poucos recursos".

Embora paupérrima, a paróquia apresenta uma atividade espantosa, financiada pela própria "comunidade paroquial". Tive a oportunidade de examinar o balanço de 1961 que acusou despesas num montante de aproximadamente Cr\$ 1.200.000,00. Foram cobertos Cr\$ 180.000,00 por subvenções dos poderes públicos; o restante, num total de um milhão de cruzeiros, foi angariado entre os membros da comunidade paroquial. Mais uma eloqüente ilustração do valor da educação de comunidade: vitória de um lado sôbre a passividade do povo e, de outro, sôbre o paternalismo, quer civil, quer eclesiástico.

O Vigário, que estava percorrendo as capelas em preparação para a Páscoa, foi avisado por Dom Eugênio, através da Emissora das escolas radiofônicas, sôbre a minha chegada. Por tôda a parte onde êle passava, recebia das monitoras a notícia de que eu o estava esperando na sede. Às sete da noite chegou. Conversamos pela noite adentro acêrca do apostolado e da ação social da comunidade paroquial. No dia seguinte, às oito, voltou para uma das capelas, acompanhado pelo secretário paroquial. Enquanto o Vigário catequiza e confessa o povo, o secretário sindicaliza os lavradores da zona rural.

Contou-me o Vigário que, alguns anos atrás, viajara até a França a fim

de participar num congresso nacional da JAC francesa. Durante sua prolongada ausência de mais de três meses, as variadas atividades apostólicas e sociais da "comunidade paroquial" continuaram com perfeita regularidade, como se ele tivesse estado presente. Para compensar a interrupção da administração dos Sacramentos e celebração da Missa, a comunidade tinha tomado a iniciativa de intensificar e multiplicar as reuniões de caráter religioso. De volta da Europa, foi recebido em triunfo pela comunidade paroquial, tocando a banda musical os melhores dobrados da seu repertório.

Particularmente Impressionante é a celebração do Dia do Senhor na zona rural. Quando Dom Eugênio, aos domingos, às cinco da tarde, celebra em Natal a Santa Missa e faz uma breve prática, irradiada pela Emissora Rural, as escolas radiofônicas se transformam em centros de culto católico. As monitoras lideram este movimento. O povo, todo de joelhos, em redor do minúsculo receptor, canta, com os participantes na Missa em Natal, o salmo da entrada, o cântico do ofertório e o do fim do Santo Sacrificio. E, quando Dom Eugênio saudá seus diocesanos com o "Dominus vobiscum", o povo da zona rural de São Paulo de Potengi, reunido nas 140 escolas radiofônicas, responde em voz alta a seu Pastor diocesano, "Et cum spiritu tuo". Visitantes do estrangeiro, que presenciaram esta cena, ficaram comovidos até as lágrimas. Uma pesquisa tecnicamente organizada demonstrou que, todos os domingos, em média 40.000 pessoas da zona rural da Arquidiocese participam desta forma na Missa celebrada por Dom Eugênio em Natal. As várias "comunidades paroquiais" celebram então, com seu Bispo, a "comunidade diocesana".

V — O segredo do êxito

Podemos indicar vários elementos que constituem o segredo do êxito do "Movimento de Natal".

Um dos fatores que impressionam mais é o costume generalizado — parece uma lei tácita — de investir o menos possível em construções e o mais possível em educação. Quantas vezes visitamos obras, assim chamadas "modelos", cuja grandeza material transcende de longe o alcance espiritual. O espírito parece sucumbir sob o peso da matéria. No "Movimento de Natal" acontece exatamente o contrário. A proporção entre o valor material e o espiritual das obras é inversa. Aqui o espírito sobrepuja a matéria, dispensando as construções, pois construções, propriamente ditas, em rigor não as há! As obras, cheias de vitalidade humana e cristã, funcionam em prédios de proporções e condições modestísimas. Na paróquia modelo de São Paulo de Potengi, isto chega ao extremo. Se — Deus não permita — um regime esquerdista se implantasse na nossa Pátria, deporariamos que os magníficos prédios, em que investimos fortunas e fortunas, viessem a servir perfeitamente, sem ser necessária nenhuma adaptação ou reforma, para os fins do mesmo regime. Nada, porém, daquilo em que o "Movimento de Natal" investiu seus recursos, o comunismo poderia aproveitar. Construções grandiosas a serem ocupadas não as há. E a educação humana e cristã em que o "Movimento" aplicou todo o seu potencial, o comunismo deverá, primeiro, arrancá-la da alma do

povo, mesmo antes de poder aproveitar o elemento humano.

Outro elemento que se destaca é que o "Movimento de Natal" atinge o povo — porém, como já frisamos, mais a população rural do que a urbana — de um modo integral e homogêneo, sob o aspecto tanto natural como cristão. É uma verdadeira promoção humana no pleno sentido. Basta lembrar os setores em que o "Movimento" atua, indicados sob II, quando falamos de sua natureza. A homogeneidade provém da fonte única que inspira o "Movimento": a evangelização. O "Movimento" começa evangelizando, e termina evangelizando. Dá a primazia à ação estritamente apostólica, ao ministério da Palavra e dos Sacramentos. Mas Dom Eugênio declarou que, desde muito tempo, abandonou a idéia de que a evangelização, junto às classes desfavorecidas, na zona rural em particular, se realiza exclusivamente através do catequese, administração dos Sacramentos e celebração da Missa. A promoção humana, através de uma ação social integral, de inspiração católica, deve necessariamente completar a ação estritamente apostólica, sob pena de esta não alcançar o objetivo.

O "Movimento do Natal" é, além disto, um eloqüente desmentido do preconceito de não poucos elementos de ambos os cleros, de que para um apostolado de leigos em grande escala, o Brasil ainda não está maduro. O "Movimento do Natal" é simplesmente inconcebível sem a participação ativa e maciça dos leigos, pois sua direção e execução estão quase exclusivamente nas mãos dos mesmos. Isto vale não apenas para os 250 que constituem a equipe de Natal, mas também para a zona rural. Nas paróquias do interior, os 26 vigários não seriam capazes de sustentar o "Movimento" se não dispusessem de centenas e centenas de colaboradores leigos, principalmente entre os líderes das inúmeras pequenas comunidades rurais e as mais de mil monitoras das escolas radiofônicas. A Juventude Agrária Católica (JAC) e o Movimento Familiar Cristão são os dois movimentos dos leigos que, com sua espiritualidade, dinamizam o "Movimento de Natal" na zona rural.

VI — A grande lição

O "Movimento de Natal" está no momento dando uma grande lição ao Brasil inteiro. A zona rural constitui atualmente a zona mais explosiva do País, e mais do que a urbana. O comunismo está tramitando e agitando a zona rural, tentando conquistá-la através da sindicalização das Ligas camponesas. Para quem acompanhou de perto os acontecimentos, não é revelação que a batalha pela sindicalização no Estado do Rio Grande do Norte — portanto, não apenas na Arquidiocese de Natal — está definitivamente decidida em favor da sindicalização de inspiração católica. Através da sindicalização, o comunismo não entrará mais aqui. Como explicar este fato, até o momento, singular e único entre os Estados da Federação?

Uma assistente social confessou-me: "Eu tinha abandonado a esperança de a Igreja poder "salvar" o homem do Nordeste, e começava a inclinar-me para a esquerda, esperando encontrar ali a solução. Quando, porém, descobri, através de contatos com Dom Eugênio, a extensão e intersidade do "Movimento,

de Natal", convenci-me de que este "Movimento" era capaz de "salvar" o Nordeste". Ela descobriu, que o "Movimento de Natal", que é essencialmente um movimento da Igreja, estava atingindo o homem rural, mediante não apenas uma ação estritamente apostólica mas também uma promoção humana social integral.

Aqui está a resposta à pergunta por que no Estado do Rio Grande do Norte a questão da sindicalização está decidida em favor da sindicalização cristã. A organização que consegue liderar efetivamente a promoção humana do homem rural, seja a Igreja, seja o comunismo, tem a zona rural nas mãos. Para isto, não adianta pregar a promoção humana e reclamá-la, como o comunismo faz. O que apenas importa é instigá-la, suscitá-la, organizá-la, realizá-la e liderá-la efetivamente, como o "Movimento de Natal" está fazendo no Rio Grande do Norte. Quando o povo se torna cômico, por experiência própria, de sua real promoção humana, educacional, social e econômica, e de que esta promoção lhe vem de determinado movimento, êle se entrega ao mesmo, pois sua confiança neste está garantida. E' o que aconteceu no Rio Grande do Norte, quando o "Movimento de Natal" lançou a campanha da sindicalização, da qual a mencionada assistente social é atualmente a coordenadora para todo o Nordeste brasileiro.

Esta experiência do Rio Grande do Norte contém uma grave lição para o Brasil inteiro. O comunismo, não obstante sua febril agitação, não conseguiu, até o momento, realizar em escala notável a promoção humana na zona rural e muito menos liderá-la efetivamente. Porém, tampouco a Igreja a conseguiu em escala nacional. A liderança desta promoção em âmbito nacional continua até agora campo aberto e ainda não tem dono, com a exceção da área sob influência do "Movimento de Natal". A Igreja tem, sem dúvida nenhuma, até o momento, as melhores "chances", pois, na zona rural continuam seus ministros com uma ascendência sobre o povo, que político ou agitador algum pode igualar. Se a lição fôr bem compreendida e seu exemplo rapidamente seguido, a zona rural da nossa Pátria, embora atualmente a mais ameaçada e explosiva, não será a primeira a cair nas mãos dos esquerdistas.

VII — A C.R.B. e o "Movimento de Natal"

A CRB não poderá deixar de dedicar tôda a atenção ao "Movimento de Natal" que, recentemente, redundou no plano de Pastoral de conjunto do Nordeste inteiro. A Conferência pretende ajudar o mais eficientemente possível na extensão e intensificação deste "Movimento", primeiro, estimulando os Religiosos, já existentes nesta região, Padres, Irmãos e Religiosas, a entrosarem-se com o mesmo e, segundo, chamando a atenção dos novos Institutos religiosos que vierem para o Brasil, a fim de atenderem a excepcional oportunidade de um fecundo apostolado que ali se lhes apresenta.

Dois motivos, em feliz conjugação, determinaram esta atitude da Conferência. De um lado, a situação trágica, por causa das necessidades espirituais e sócio-econômicas desta área com seus 25.000.000 de habitantes, reclama prioridade pastoral para esta zona; de outro, a oportunidade não comum que

o "Movimento de Natal" oferece para um apostolado de particular eficiência, pleiteia também esta prioridade. Fortalecendo o "Movimento de Natal", contribuirão os Religiosos o mais eficientemente possível para o triunfo da influência da Igreja no Nordeste, que talvez venha a ser a melhor contribuição que se possa dar para o aprimoramento do Catolicismo no Brasil inteiro.

Para podermos proceder à execução dêste nosso propósito, deveremos estudar quais os pontos geográficos mais estratégicos da região nordestina e quais os setores funcionais mais vitais do "Movimento" que determinam a expansão e intensificação do "Movimento de Natal". Muitos dêstes setores vitais são da alçada tipicamente dos leigos como a realização, inspirada pelas normas evangélicas, da sindicalização (à qual os Bispos do Nordeste dão absoluta prioridade), do cooperativismo, do treinamento de líderes etc. Entre os setores mais indicados para a atuação dos Religiosos e Religiosas figuram: a colaboração na educação de base, no ensino secundário (com curso secundário gratuito anexo), escolas no interior para resolver o problema da falta de professoras primárias, a assistência à saúde através de maternidades e assistência aos doentes em domicílio, cursos de formação religiosa para líderes de grupos e comunidade, etc.

Essencial para a contribuição dos Religiosos é que entrem no espírito do "Movimento de Natal" pela abertura de apostolado. Quando ofereci os serviços da Conferência na consecução de Religiosos para determinadas obras (paróquias, colégios, escolas normais, maternidades etc.), o próprio Dom Eugênio e vários párcos do interior me disseram: "Estamos precisando de Religiosos, porém, sob a condição que estejam abertos para o "Movimento de Natal" e se entrossem com o sistema de educação de comunidade. Se não se entrosarem no espírito comunitário e quiserem antes constituir uma comunidade religiosa tipicamente fechada, melhor será não virem. Não nos parece boa política introduzirmos na nossa comunidade arquidiocesana um corpo estranho".

—oOo—

O "Movimento de Natal" destaca-se por uma série de características, herdadas de seu grande chefe, as quais, além de explicarem sua eficiência, lhe imprimiram um cunho particular de autenticidade. É um movimento que visa sempre o essencial, nada sacrificando às aparências; de uma modéstia quase exagerada, evitando cuidadosamente qualquer alarde; de uma simplicidade e naturalidade próprias das grandes soluções. O "Movimento" não tem nada de forçado, de violento ou agitado (o lema da campanha sindicalizadora é: "**sindicalização sem agitação**"). Seu espírito transcende de longe suas realizações materiais, e sua admirável ação social está perfeitamente entrosada com o apostolado privativo do clero que tem a primazia.

Fazemos votos por que Professôres de Pastoral e dirigentes de importantes obras sociais tenham brevemente a oportunidade de visitar Natal e mais ainda de fazer ali estágio, pois, o "Movimento de Natal" é uma verdadeira "escola" de apostolado.

Natal docet!

CENTRO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE PETRÓPOLIS (resumo)

Pe. Frei João Batista Vogel OFM

É com prazer que venho explicar alguma coisa a respeito do Centro de Formação Intercultural de Petrópolis.

A Instituição central situa-se nos Estados Unidos. O Provincial dos Franciscanos, Pe. Frei Celso Wheeler, conhecedor das atividades da organização pela filial que funciona em Cuernavaca, no México, concluiu que uma experiência congênere daria resultado no Brasil. O nome é indiferente: não diz que é católico, nem que é dirigido por pessoal católico.

Finalidade — Receber alunos do estrangeiro — sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos — e prepará-los para o ambiente brasileiro; transferi-los para uma nova cultura, que aqui é bem diferente da dos Estados Unidos e de outros países.

Podem os mesmos possuir e possuem competência, mas lhes falta a formação para viver em nosso meio, o que é indispensável para obtenção dos benefícios que se espera dessa cooperação.

Cultura é tudo que recebemos na vida: modos de agir, costumes, mentalidade. A Igreja deve também caber em nossa cultura. Devem, porém, os estudantes saber distinguir o que é de fé e o que é apenas da civilização e situar uma coisa e outra nos devidos limites. Tem importância o que é de fé.

Esta transferência, esta adaptação não é fácil.

Programa — Em primeiro lugar o ensino não individual do idioma, mas em grupos de 2 ou 3. Usam-se textos para obter grupos homogêneos. Tais grupos foram ideados pelo que de interessante oferece a correção em presença de outrem: reduz-se a pessoa, abdica-se do próprio "eu", do egoísmo. Realizado este trabalho, torna-se capaz de desfazer-se de sua própria cultura para ser o irmão nosso. Não irmão maior, idéia com que chega imbuído, mas irmão de mesmo nível, total e verdadeiramente irmão.

Essa aprendizagem se realiza em 16 semanas. Em seguida dão-se duas séries de conferências: a) sobre o Brasil, geografia, história, etc.; b) sobre sua cultura.

Os fins de semana são assim programados: as Irmãs visitam Conventos e observam a organização, os costumes, as diversas atividades; os Padres vão ajudar nas Paróquias; os Irmãos vão aos Educandários.

Não podemos silenciar, infelizmente, a parte financeira, que é alta: 750 dólares pelas 16 semanas que é quanto dura o Curso.

Somos uma entidade de serviço; orientamos pedidos de habilitação pessoal para trabalho no meio brasileiro.

Temos em mira somente esta finalidade; percebemos meios escassos, mas não desprezamos a prudência e não deixamos de confiar na Providência. — Não se aconselha o Curso aos que se acham há mais tempo no Brasil. Encontrariam dificuldades que... só um santo superaria.

DEPARTAMENTOS DA CONFERÊNCIA

O DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

Madre Maria da Conceição Menezes, M.J.Cr.
Diretora do Departamento

O Departamento de Estatística é um serviço técnico posto nas mãos da Igreja como instrumento de apostolado. E é justamente êste sentido apostólico dado à frieza do número, que transforma um serviço técnico em ideal missionário. Daí, fomos obrigadas, até para que aceitássemos mais plenamente a troca de profissão: apostolado genuinamente missionário, no contato direto com as almas, pelos números, a descobrir êste sentido apostólico do trabalho, o que nos dá coragem e entusiasmo pela tarefa que a Conferência dos Religiosos do Brasil nos confiou.

Sentimo-nos missionárias multiplicadas, pois, a aplicabilidade dos resultados estatísticos do Departamento em favor do apostolado é tão extensa, que cada uma de nós se sente perfeita e missionariamente realizada!

Nesta exposição, que há de ser rápida, veremos:

1. Criação do Departamento de Estatística e sua história
2. Finalidades
3. Situação atual
4. Situação próximo-futura dentro do CERIS
5. Realizações

HISTÓRICO — FINALIDADES — SITUAÇÃO

Convocado pela Sagrada Congregação dos Religiosos, para 1954, o I Congresso Nacional de Religiosos, no Brasil, o Secretário Geral da Comissão Organizadora, Revmo. Pe. Irineu Leopoldino de Souza, não tendo meios de pôr-se em contato com as Províncias Religiosas, a fim de, por elas, atingir as Casas Religiosas, organizou e convocou comissões formadas de Religiosos e Religiosas do Rio de Janeiro, encarregando-as das diversas tarefas do Congresso, entre as quais, uma comissão de Estatística, cuja direção confiou a nós. A primeira pesquisa de enderços para identificação das diversas Ordens e Congregações existentes no Brasil, foi feita através do fichário de enderços da Associação de Educação Católica (AEC) e do "O Brasil Católico", publicação da Editôra "Lar Católico", elaborada pelo Revmo. Pe. João Lehmann, sobre a Igreja Católica no Brasil. E como não tínhamos possibilidade de adquirir fichários, sistematizamos as fichas de enderço dos Superiores Maiores e das Casas Religiosas em caixas vazias de marmelada "Colombo", até que pudéssemos ter um equipamento mais decente... Já para o 1.º Congresso pudemos comunicar-nos com quase tôdas as Sedes de Governó, e através delas, com as Casas Religiosas. Por isso, tivemos a "coragem" de tentar um pri-

meio levantamento estatístico sobre a situação da vida religiosa no Brasil e das obras mantidas pelos Religiosos. A adesão foi tão satisfatória, que a Comissão Organizadora do Congresso resolveu fazer uma Exposição para os Congressistas, na qual apareceram 35 gráficos e mapas, entre os quais viu-se, pela primeira vez, o Brasil dividido em Dioceses. Terminado o Congresso e criada com êle a CRB, a Diretoria nomeada resolveu transformar a Comissão de Estatística do Congresso em Departamento de Estatística, integrando-o no quadro dos demais departamentos criados.

A primeira providência, então, foi a de preparar pessoal técnico, capaz de fazer um trabalho mais perfeito e de desenvolver, com acerto, os objetivos do Departamento, dizendo à CRB **quantos são os Religiosos no Brasil, onde estão e o que fazem**. Duas Irmãs foram para a Escola Brasileira de Estatística, onde fizeram o Curso intermediário, enquanto já trabalhavam no Departamento recém-nascido.

Em 1955 publicou o Departamento de Estatística o 1.º Anuário dos Religiosos do Brasil, pobre, falho, mal feito, mas foi um admirável ensaio para a publicação de 1958, já em sua forma definitiva.

Em 1956, o Departamento trasladou-se de Botafogo para Santa Teresa, onde nossa Congregação ofereceu para o seu funcionamento uma pequena casa, ao lado da Casa Provincial; logo, tivemos possibilidade de alargar um pouquinho mais seu equipamento: mais algumas máquinas de escrever, mais fichários e arquivos.

A fim de facilitar a coleta e descentralizar o trabalho, como para manter atualizados os fichários de novas Congregações entradas ou fundadas em cada circunscrição eclesiástica, o Departamento conseguiu, em cada uma delas, a designação de uma Religiosa para o cargo de Agente de Estatística, tarefa que exercem com verdadeira dedicação e pontualidade, comunicando ao Departamento de Estatística a abertura e fechamento de casas Religiosas, mudanças de endereços, transferências de obras, etc.

No início desse ano mais uma das Irmãs foi matriculada na Escola Brasileira de Estatística, a fim de fazer o Curso Superior de Estatística que a habilitaria para a secção de Análises e Pesquisas do Departamento.

Em 1957, a convite da Sagrada Congregação dos Religiosos, na pessoa do seu então Secretário Exmo. e Revmo. Sr. Pe. Arcádio Larraona, o Departamento foi convidado a ir a Roma por ocasião das Bodas de Ouro Episcopais do Emmo. Sr. Cardeal Valério Valeri, Prefeito daquela Sagrada Congregação, com o fim de preparar e fazer uma Exposição estatística sobre a situação religiosa do Brasil e da C.R.B.; dentro do Congresso das Conferências de Religiosos de todo o mundo, celebrado naquela oportunidade, o Secretário Geral da C.R.B. falou longamente sobre a nossa organização e explicou os gráficos expostos.

Encerrando a sessão daquele dia, o Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos teve uma palavra muito especial de simpatia para a C.R.B., recomendando insistentemente às demais Conferências que, à imitação do Brasil, criassem, tôdas, o seu Departamento de Estatística, como traço de ligação entre as Conferências nacionais e os Religiosos de cada País.

Em 1958 o Departamento passou a funcionar em uma Casa independente, já com um grupo de seis Irmãs. Aí pudemos definir melhor as Divisões de Serviço e as Secções técnicas, da seguinte forma:

— Secção de levantamento fazendo a coleta de dados estatísticos, a apuração e a apresentação dos resultados.

— Divisão de Religiosos, abrangendo toda a Estatística das Sedes de Governo, das Casas Religiosas, do movimento de pessoal religioso e das obras.

— Divisão das Religiosas, com as mesmas características.

— Divisão de Cartografia e Desenho, atendendo aos trabalhos do próprio Departamento e à Nunciatura Apostólica, nos planos de criação de novas Dioceses.

Ainda em 1958 o Departamento fez uma coleta geral de dados em todas as Sedes de Governo e Casas Religiosas, preparando o II Anuário dos Religiosos do Brasil que foi elaborado e publicado naquele mesmo ano.

O ano de 1959 foi todo dedicado à atualização de fichários. Também neste ano o Departamento esteve muito em contato com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que através de alguns de seus ótimos técnicos muito concorreu para a nossa organização.

Em maio daquele ano, por insinuação do próprio I.B.G.E. o Departamento de Estatística foi filiado àquele Instituto, tornando-se, por isso, oficial a nossa estatística religiosa.

Em 1960, a convite do Centro de Pesquisas Sociais da Colômbia e Sede Latino-Americana da Federação Internacional dos Institutos Católicos de Investigações sociais e sócio-Religiosas com sede em Friburgo, Suíça, a Madre Diretora do Departamento de Estatística e a Irmã Diretora da Secção técnica de levantamentos foram à Colômbia, a fim de criar dentro do mesmo Centro um Departamento de Estatística religiosa, que de início, já deveria elaborar o Anuário Católico da Colômbia, como também criar em colaboração com a equipe de sociólogos encarregados de publicar uma série de estudos sobre a América Latina, um sistema de estatística religiosa para toda a América Latina.

Nesta ocasião foram feitas quatro conferências a Sacerdotes e religiosos sobre a estatística, como instrumento de apostolado, e dado um curso a 150 Sacerdotes e Religiosas, Secretários de Cúrias Diocesanas e Provinciais, Diretores de Obras, etc.

De Bogotá passaram a Caracas, a convite do Secretariado Nacional da Conferência dos Bispos, realizando o mesmo trabalho, porém, com esforço mais acentuado no sentido de atualização da vida religiosa e do apostolado, segundo o objetivo das Conferências de Religiosos, e na preparação do 1.º Anuário Católico da Venezuela.

O ano de 1961, prevendo a criação do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) conforme desejos da Nunciatura Apostólica e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o Departamento de Estatística dedicou-se a sua reestruturação, desde que passaria a funcionar como um dos Departamentos do CERIS, portanto, fazendo pesquisas não só no campo dos Religiosos, como das Dioceses, das Paróquias e das Obras da Igreja, em geral.

CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS

Que será o CERIS? — Como indica seu próprio nome, será um Centro de Estatística Religiosa e investigações sócio-religiosas. A pesquisa sócio-religiosa é atualmente um poderoso instrumento de apostolado, uma vez que os fenômenos sociais influem sobre todo o homem, inclusive sobre seu procedimento religioso. E o Brasil, como outros países da América Latina, entre os quais, Colômbia, Argentina e Chile, despertou-se para esta realidade e vai agora criar seu Centro, porém, com uma vantagem, a de ter já um Departamento de Estatística organizado que oferece um rico e precioso material para estudos ao Departamento de pesquisas sócio-religiosas. Portanto, dentro do CERIS, o Departamento de Estatística terá a seguinte organização:

- Secção técnica de levantamento: coleta estatística
apuração dos dados
exposição dos resultados
- Divisões de serviços:
 - I — Especial: Hierarquia eclesiástica
Organizações Católicas de âmbito nacional, latino-americano, internacional.
 - II — Circunscrições eclesiásticas no Brasil, com movimento de paróquias.
Ordinariato para os católicos do Rito Oriental
Vicariato Militar.
 - III — Sedes de Governo dos Religiosos e das Religiosas, com as respectivas Casas e Residências.
 - IV — Movimento e Formação do pessoal eclesiástico e religioso, inclusive Seminários e Casas de Formação.
 - V — Apostolado dos leigos e formação dos fiéis.
 - VI — Recursos Sociais da Igreja, incluindo estatística de todas as Obras educacionais, assistenciais e apostólicas da Igreja, sob as mais variadas formas.
 - VII — Ideologias e Religiões não católicas no Brasil.
(Estatísticas do protestantismo, espiritismo, etc. no Brasil).

De início o CERIS funcionará só com dois Departamentos, podendo mais tarde criar outros se as necessidades apostólicas o exigirem.

O de Estatística ampliado, modificado, organizado em plano diocesano e não mais só em função da Província Religiosa; e o de pesquisas sócio-religiosas com as seguintes secções:

- de planejamento geográfico: Estudos para a divisão de Dioceses, criação de paróquias e para a localização de Igrejas, Escolas, Hospitais, etc.
- de investigação direta: sobre as práticas religiosas e para a avaliação da ação pastoral.
- de estudos das estatísticas religiosas: interpretando os dados coletados pelo Departamento de Estatística e explorando sociologicamente os fichários paroquiais.

— de estudos de documentos econômicos, interpretando-os para a ação da Igreja.

Os dois Departamentos usarão conjuntamente dos Serviços auxiliares:

Biblioteca

Arquivo de documentos

Correspondência e mecanografia

Desenho e cartografia

e dos Serviços de Divulgação e Intercâmbio, através dos quais serão divulgados boletins e fornecidos todos os informes, pedidos pela Santa Sé, pela Nunciatura Apostólica e pelos demais órgãos ou entidades interessadas; também publicarão regularmente o anuário católico do Brasil.

REALIZAÇÕES:

Além do objetivo principal do Departamento de Estatística ser a promoção da coleta de dados que depois de sistematizados se prestem a estudos e interpretações que visem planejamentos de ordem apostólica ou a adaptação da ação apostólica, muitos outros serviços vem prestando à C.R.B. e a toda à Igreja o Departamento de Estatística. Alguns exemplos apenas, para que os Religiosos dêem valor ao esforço com que nos fornecem tão prontamente os seus dados estatísticos:

1. Complemento ao projeto de criação de novas Dioceses, fornecendo à Nunciatura Apostólica para cada caso, a relação das Casas Religiosas, número de Sacerdotes, paróquias e obras de Religiosos, existentes no âmbito da Diocese a ser criada.

2. Relatório estatístico anual à Santa Sé, através da Nunciatura Apostólica sobre a situação da educação católica no Brasil, no plano primário, médio e Superior.

3. Indicação das zonas mais fecundas em vocações, às Congregações recém-chegadas ao Brasil ou àquelas que estejam em crise de vocações.

4. Habilitação de processos para recebimento de verbas federais, com a complementação de dados estatísticos da Província ou das Casas em questão; idem, para liberação de equipamentos das casas ou das obras na alfândega.

5. Indicação em relatório pedido pelos Governos estrangeiros, das Obras dirigidas por Religiosos do seu País, para envio de ajuda financeira no Brasil.

E um número quase infinito de outros casos!

Entre as realizações mais notáveis do Departamento de Estatística podemos indicar as seguintes:

I — Levantamentos Especiais:

- sobre a localização dos Religiosos Alemães no Brasil, tipos de obras, número de religiosos e número de assistidos, (para envio de donativos do Governo Alemão, através da Embaixada da Alemanha no Brasil).
- sobre a aceitação das vocações de côr no Brasil, para orientação de conferências na Assembléia de Superiores Maiores.

- sobre a situação da catequese, ministrada pelas Religiosas na Arquidiocese do Rio de Janeiro, para orientação dos Cursos de Catequistas nos Colégios.
- sobre a situação do Ensino Superior no Brasil, para orientação da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades de Estudos, relativamente à criação de novos Institutos de Ensino Superior no Brasil.
- sobre a situação da Educação e Ensino Católico no Brasil, em nível primário, médio e superior, para a Associação de Educação Católica.
- sobre os Seminários Maiores do Clero Secular e Regular do Brasil, para o Conselho Episcopal Latino-Americano.

II — Exposições Estatísticas:

- 1954 — Sobre a situação dos Religiosos no Brasil, para o 1.º Congresso Nacional dos Religiosos.
- 1955 — Estatística Religiosa do Brasil em geral, com alguns aspectos da América Latina, para o encontro dos Prelados da América Latina no Rio de Janeiro.
- 1956 — Sobre o aumento das Congregações Religiosas no Brasil e atuação da C.R.B., para o 2.º Congresso dos Religiosos do Brasil, realizado em São Paulo. Nesta oportunidade o Departamento de Estatística recebeu a honrosa visita do Emmo. Cardeal Valério Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos.
- Outubro — sobre o movimento de vocações sacerdotais e religiosas no Brasil, com alguns aspectos da América Latina, para o Congresso Nacional de vocações sacerdotais em S. Paulo.
- 1957 — sobre a vida religiosa no Brasil, na América Latina e no Mundo; sobre as Conferências de Religiosos no Mundo; exposição feita em Roma, a convite da Sagrada Congregação dos Religiosos, para o Congresso Internacional dos Estados de Perfeição.
- 1959 — Abrangendo todos os aspectos importantes da Igreja no Brasil: educação, apostolado, movimento de vocações, imprensa, etc. etc., para o Congresso Eucarístico Nacional de Curitiba.
- Exposição especial sobre a situação do Ensino Superior no Brasil e na América Latina, para a Associação de Educação Católica do Brasil, por ocasião do Congresso Internacional de Educação Católica no Rio de Janeiro.
- 1961 — Clero e Vocações Sacerdotais e Religiosas masculinas no Brasil, para o Congresso Internacional de Vocações Religiosas em Roma.
- 1962 — Ensino Médio no Brasil, para o Ministério de Educação e Cultura.
- Para 1963, o Departamento de Estatística já se comprometeu com o CELAM, para uma Exposição Vocacional em Bogotá, por ocasião do encontro dos Prelados da América Latina, em que tratarão do problema das vocações sacerdotais na América Latina.

III — Cursos:

O Departamento de Estatística promoveu no Brasil, dois Cursos: um

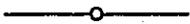
em 1957, de desenho de propaganda, para Religiosos e Religiosas, em geral; outro de Estatística religiosa e Arquivística para Secretários Provinciais, em 1960, e mais um de Estatística em 1960, na Colombia, para Secretários de Cúrias e de Províncias, graças a Deus, todos com muito proveito para os cursistas.

Mantém ainda o Departamento um curso regular de Estatística para os seus funcionários, a fim de prepará-los bem para os seus próprios serviços.

Terminando, gostaria de ouvir as Revdas. Madres com relação a uma proposta que queríamos fazer-lhes. Até agora todos os inquéritos encaminhados às Casas Religiosas para coleta de dados, foram enviados diretamente, não só com uma despesa imensa, mas também com um trabalho desumano, para conseguirmos que tôdas respondam. Agora, queremos saber se não seria mais fácil fazê-lo através das Sedes de Govêrno, procedendo da seguinte forma: o Departamento de Estatística enviará todos os questionários destinados às Casas Religiosas e às Obras, em duplicata, e diretamente à Sede de Govêrno respectiva. A Secretaria Geral ou Provincial se encarregará de distribuir a correspondência entre as casas que lhe pertencem. De volta, êstes inquéritos à Sede de Govêrno, um exemplar ficará a seu uso para o arquivo, e o outro voltará ao Departamento de Estatística.

Ora, haverá dois benefícios: um, é que teremos respostas mais completas; outro, é que diminuiremos enormemente o trabalho do Departamento, assim descentralizado em tantas agências de estatísticas, quantas são as Sedes de Govêrno de Religiosos e Religiosas no Brasil.

Juntas, faremos muito pela causa da Santa Igreja no Brasil. Se Deus "dispôs tudo com pêsso e medida", segundo a Sagrada Escritura, também a medida do quanto devemos fazer pelo apostolado, através da estatística, deverá ser preenchida...



DEPARTAMENTO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Falou a Diretora do Departamento, Dona Aracy Cardoso:

1. O que é o DSAS.

Fundado em 2-4-1954.

Lema: "Quantas coisas poderemos fazer unidos que não poderíamos fazer sòzinhos" (Palavras do Pe. Arcádio Larraona, Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos em discurso pronunciado na 1.^a Seção Plenária do 1.^o Congresso de Religiosos do Brasil).

Finalidades: **Geral** — Atualizar o apostolado dos Religiosos no campo Social. **Particulares:** a) Encaminhar casos de Serviço Social que se apresentem ao próprio Departamento ou a êste por comunidades religiosas que não tenham elementos técnicos capazes de solucioná-los. b) Prestar Assistência às Escolas de Serviço Social mantidas por Religiosos e Religiosas, mediante es-

tudos, sugestões, planos, projetos e consultas. **c)** Atualizar o apostolado dos Religiosos neste campo mediante cursos, palestras, reuniões, etc. **d)** Atualizar o apostolado dos mesmos no campo de Economia Doméstica. **e)** Assistência Técnica aos pensionatos femininos dirigidos por Religiosas. **f)** Prestar assistência às Obras Sociais dirigidas por Religiosas mediante estudos, sugestões, planos, projetos, atendimento de consultas.

2. O que já fez o Departamento até agora:

- I — Cursos de Administração de Obras em quase todos os Estados.
- II — Ajuda Técnica às Escolas de Serviço Social.
- III — Ajuda Técnica às Escolas de Educação Familiar e Economia Doméstica.
- IV — Encaminhamento de casos inclusive uns de 6 ex-religiosas.
- V — Reuniões com os Pensionatos do Rio.
- VI — Reuniões com as Escolas de Economia Doméstica.
- VII — Início de Trabalho de Menores no Rio:
Pesquisa no SAM em 1959.
Convênio com o SIM em 1962 e cujo trabalho está a cargo de uma Religiosa Assistente Social, Filha da Caridade.

3. O que faz o DSAS.

O que está acima continua-se fazendo e tem-se como plano para 1962 organizar um curso por correspondência de "Introdução ao Trabalho Social" com especialização em Menores. Só funcionará em 1963.

O DSAS mantém os seguintes setores: de Escolas de Serviço Social; de Planos; de Casos Sociais, de Serviço Social Especializado; de Educação Familiar e Economia Doméstica; de Divulgação.

A Diretora fez veemente apêlo às Congregações que mantêm Escolas em que funciona o 2.º cíclo secundário, que despertem vocações para o serviço Social, frisando: "o Assistente Social é o auxiliar imediato do Pároco e que na grande obra pastoral de Natal, os Assistentes Sociais Diplomados e alunos da Escola de Serviço Social de Natal têm sido a fôrça de Dom Eugênio Salles".

Finalizou com dois apêlos às Reverendas Madres:

1. Auxílio de religiosas Assistentes Sociais para reforçar o Trabalho do Departamento, que é modesto por falta de pessoal.
2. Empenho em despertar vocações para o Serviço Social.

DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Abordando os problemas hospitalares e de enfermagem que atualmente mais preocupam as Religiosas, a Revda. Irmã Margarida Villac F.d.C., Diretora do D.A.S., fez várias recomendações, entre as quais salientamos as seguintes:

1) — Pedimos às Revdas. Madres que continuem os esforços feitos nestes últimos anos para darem:

- a) As Escolas Superiores de Enfermagem o corpo docente que requerem;
- b) Ao Hospital Escola, um departamento de enfermagem constituído por membros que correspondam às exigências de uma escola superior;
- c) A Biblioteca da Escola, novos livros e revistas que cada dia mais necessita possuir, para facilitar às alunas fazerem trabalhos de pesquisas.

2) — Só aceitarem abertura de Escolas de Auxiliares de Enfermagem quando dispuserem de três enfermeiras de tempo integral para a Escola e de uma planta física em condições.

3) — Incentivarem a formação do pessoal de enfermagem, principalmente dos hospitais do interior, que não podem cursar uma escola, dando-lhe um bom treinamento em serviço.

4) — Que as Madres de Hospitais esclareçam bem suas companheiras sobre a responsabilidade moral e social que a Comunidade assume pela sua presença no hospital.

5) — A C.R.B. deseja organizar em tôdas as cidades onde funciona um Departamento de Assistência à Saúde da Conferência, um curso de administração hospitalar para as Religiosas, pelo que pede às Revdas. Madres para inscreverem suas religiosas.

"Todos os que são eclesiásticos, de qualquer grau, desde há tempo sabem por que vias se ascende à familiaridade com o Senhor, fonte de tôda graça e de santificação. A eles foi feito o convite a antessourem riquezas que se ocultam no cotidiano sacrificio Eucarístico do altar: e, mais recentemente, à recitação, digna, attente ao devoto, desse poema sacro e encantador que é o Breviário, recomendação pela qual de todos os pontos da terra temos recebido expressões agradecidas e comovidas. Nem é preciso acrescentar o quer que seja acêrca da eficácia suavíssima e poderosa da comunicação íntima com Jesus no Sacramento, com Jesus adorado, invocado, bendito pelas almas consagradas ao culto da pureza, do sacrificio, do bom apostolado para a difusão de sua caridade no mundo inteiro, para o pacífico triunfo do seu Evangelho. O êxito de um Concílio como êste que se acha em preparo, em concórdia ativa e sábia de energias, indubitavelmente assegura dias melhores não só para a Igreja como também para a humanidade tôda".

PESSOAL QUE TRABALHA NA CONFERÊNCIA

Pessoal Religiosos

São atualmente seis Sacerdotes-religiosos e três Irmãs que trabalham com tempo integral na Sede Central da CRB. Os 6 sacerdotes constituem a Comissão Executiva da Conferência, assim constituída:

- 1) Secretário Geral, chefe da Comissão, Redentorista da Província do Rio de Janeiro;
- 2) Sub-Secretário, Salesiano da Província de São Paulo;
- 3) Diretor do Departamento de Imprensa, Franciscano da Província de Recife;
- 4) Diretor do Departamento de Vocações e Formação, Jesuíta da Província do Rio de Janeiro;
- 5) Redator-chefe da Revista da CRB, Capuchinho da Província do Rio de Janeiro;
- 6) Auxiliar, da Congregação do Verbo Divino da Província de Juiz de Fora.

Um Irmão Lassalista, com meio expediente, auxilia na Procuradoria.

As 3 Religiosas, da Congregação de Jesus na SS. Eucaristia, estão encarregadas da capela interna e da copa e refeitório.

Fora da Sede Central trabalham, na própria casa religiosa, com tempo integral, para a Conferência:

- 1) 19 Irmãs do Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado no Departamento de Estatística, das quais 11 nos trabalhos propriamente estatísticos, 4 nos serviços domésticos e 4 na indústria doméstica com que se sustenta o Departamento;
- 2) 2 Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, no Departamento de Assistência à Saúde;
- 3) 2 Irmãs, uma da Congregação das Filhas do Coração de Maria e outra das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, no Departamento de Serviço e Assistência Social.

Continua urgente a necessidade de aumentar o número de Sacerdotes que integrem a Comissão Executiva da CRB. Os cargos que aguardam titular são os seguintes:

- 1) Ecônomo da CRB (espera-se a vinda de um Religioso para breve);
- 2) Canonista de profissão (tivemos promessa de um Superior Maior, talvez para o fim do ano).
- 3) Encarregado de planejar e supervisionar os numerosos cursos, encontros, semanas de estudo, reuniões, congressos e assembléias que a Conferência costuma organizar;
- 4) Encarregado de supervisionar as Secções Estaduais fundadas em tôdas as Capitais dos Estados;
- 5) Encarregado de orientar e assistir as Congregações brasileiras e estrangeiras na preparação de novas fundações, conforme os critérios de prioridade pastoral apresentados pela CRB.

Pessoal leigo

O número do pessoal leigo que trabalha na Sede Central continua a crescer com regularidade. Em 1960 havia 47, em 1961 52 e em 1962 60 funcionários, dos quais 54 na Sede e 6 no depósito da CRB. São todos homens e rapazes. Constitui esta turma de funcionários uma verdadeira equipe de trabalho, cuja eficiência e delicadeza em atender aos inúmeros visitantes que diariamente freqüentam nosso escritório — Exmos. Bispos, Provinciais, Sacerdotes de ambos os cleros, Irmãos, Irmãs e leigos — são notórias.

Conforme o princípio da Conferência, de não ocupar um Religioso aquilo que pode ser feito por um leigo, a CRB tem um contrato com o Sr. Laércio Leopoldino, Diretor dos Serviços da Conferência, quer na Sede Central, quer nas Secções Estaduais. Com a aprovação da Diretoria, o mesmo associou a si seu irmão, Sr. Sebastião Leopoldino, como Vice-Diretor. O contrato em questão foi renovado em 1959, depois de três anos de experiência, em que o Sr. Laércio mereceu tôda a confiança dos Religiosos quanto à capacidade, honestidade e delicadeza em tratar assuntos e lidar com pessoas. Desde muito tempo o mesmo vem insistindo junto à Diretoria e à Assembléia, à qual apresenta anualmente o relatório sôbre os Serviços, no sentido de a Conferência colocar a seu lado um Religioso competente para acompanhá-lo diariamente nas suas práticas de ordem comercial e financeira. Uma Província acaba de nos ceder o Ecônomo Provincial que, brevemente, virá trabalhar com tempo integral na Sede Central na função de Ecônomo da CRB.

A Conferência não pode deixar de se interessar pela formação religiosa e moral desta grande equipe. De fato, o Secretário Geral celebra na capela interna da Sede, às quintas e sextas feiras, durante a primeira hora do expediente, a S. Missa na qual os funcionários leigos participam em dois turnos, devido ao pouco espaço. Depois de evangelho o Secretário Geral faz-lhes sempre uma apropriada instrução religiosa.

A ALMA DE TODO APOSTOLADO

por D. Chautard

Valiosa obra de espiritualidade, agora em 2.^a edição brasileira. Prefácio de D. Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina.

O livro pode resumir-se no lema preferido do grande ascético circerciense: "Viva a alegria de se dar aos trabalhos pelo bom Deus".

Pedidos à Coleção FTD

Cx P. 15.176 -- São Paulo (12) -- SP

Serviço de reembolso postal

NA UNIÃO TÔDAS AS VANTAGENS

Os Serviços da Conferência funcionam desde seu início com a aprovação da Sagrada Congregação dos Religiosos, tendo como Secretário o então Revmo. Pe. Arcádio Larraona CMF. Através do relatório anual e da entrevista que todos os anos o Secretário Geral da CRB vem tendo com Oficiais da Sagrada Congregação, a Diretoria informa anualmente êste Discatério Romano pormenorizadamente sôbre o funcionamento dos Serviços.

Várias circunstâncias estão contribuindo para o contínuo desenvolvimento dos mesmos, precipuamente a generalizada falta de honestidade no comércio de que os Religiosos são fãcilmente vítimas, e a rápida e contínua desvalorização monetária. E' sob a pressão desta conjuntura que os Religiosos, Superiores e Superiores Maiores, como ainda o Clero secular, estão recorrendo cada vez mais freqüentemente aos Serviços da Conferência, esperando que a mesina lhes resolva, pelo menos parcialmente, suas dificuldades temporais.

Embora criados para os Religiosos, os Serviços estão abertos também aos Exmos. Srs. Bispos e ao clero secular.

Há, atualmente, quatro ramos de Serviços:

- 1 — de Procuradoria
- 2 — de Viagens
- 3 — de Fornecimentos
- 4 — de Depósitos e Financiamentos.

1 — Serviço de Procuradoria

Êste Serviço é cronologicamente o primeiro que a Conferência criou e foi inicialmente o único. Destina-se a proporcionar às Comunidades ou Províncias religiosas a expedita possibilidade de fazer processos de todo o gênero junto aos Ministérios Federais: registro de diplomas, naturalização etc., mas precipuamente recebimento de subvenções federais. Está aberto, como os demais serviços, aos Exmos. Srs. Bispos, clero secular e ainda a entidades leigas, que amplamente se utilizam do mesmo.

O Serviço tornou-se indispensável face às exigências da intrincada burocracia ministerial para recebimento de verbas votadas no orçamento, e sobretudo pela presença indispensável, quer pessoal, quer por procurador, nos Ministérios. A tabela de remuneração da CRB, cobrando menos da metade de procuradores leigos, vem favorecer sobretudo as famílias religiosas. Além disso os procuradores leigos pouco se interessam por subvenções pequenas pois, sendo o trabalho praticamente o mesmo, êsses processos não lhes são suficientemente lucrativos.

De tudo isso se deduz a utilidade do Serviço de Procuradoria. Presta notáveis serviços às Comunidades religiosas, precipuamente às do interior.

Além de economizar-lhes o dinheiro de viagem e hospedagem, precioso tempo e não poucas energias, julgamos ser úteis à vida religiosa evitando o espetáculo nada edificante de numerosos Religiosos e Religiosas freqüentarem diàriamente os Ministérios públicos para tratarem assuntos temporais, devendo lidar com todo gênero de funcionários públicos, o que torna o trabalho não poucas vêzes humilhante.

A Conferência tem para este Serviço, na sede central, uma equipe de cerca de vinte funcionários leigos especializados que, com exemplar dedicação e delicadeza, atendem aos Religiosos, quer por correspondência, quer oralmente, e dos quais um bom número passa cada tarde nos vários Ministérios, tratando dos processos dos Religiosos.

A garantia do pagamento das subvenções depende da condição de os Religiosos, nos primeiros três meses do ano, enviarem à Conferência a documentação completa do processo. No fim de cada ano, precisamente na última quinzena de dezembro, o Serviço prepara o fichamento das subvenções, concedidas em orçamento para o exercício seguinte, possibilitando o envio, nos primeiros dias do ano, das cartas circulares, comunicando a cada Instituto as verbas que lhe foram destinadas nos diversos Ministérios, com a relação dos documentos necessários para habilitar o processo. Dois meses após a primeira circular segue outra reiterando a comunicação, para salvaguardar a responsabilidade do Serviço.

No ano passado (1961) encaminhamos 2.815 novos processos de subvenção que, somados aos não concluídos dos anos anteriores, somam aproximadamente a 4.000. O número de processos, encaminhados a pagos em 1961, é de 70% do total, resultado que podemos chamar de "ótimo". Se 30% dos processos de subvenção não foram pagos, isso se deve parcialmente ao "Plano de Economia" do Governo que decidiu não pagar as subvenções, embora o processo burocrático estivesse concluído, parcialmente ao fato de que as Instituições religiosas não nos entregaram tempestivamente todos os documentos indispensáveis para a conclusão do processo.

E' nossa convicção de que este Serviço de Procuradoria é o mais apostólico entre os demais da Conferência, porquanto: a) assiste particularmente às modestas obras dos religiosos do interior, que lutam com particulares dificuldades; b) é o menos rendoso para a Conferência; c) contribui notavelmente para evitar a excessiva freqüência dos Ministérios pelos Religiosos e Religiosas.

2. — Serviço de Viagens

O Serviço de Viagens, iniciado em 1955, é em ordem cronológica o segundo da Conferência, e tem dois ramos: serviço nacional, exclusivamente para transportes aéreos; serviço internacional para transporte aéreo e marítimo.

A imensa extensão do território nacional, com rãde ferroviária e rodoviária apenas regionais, explica a conveniência do serviço nacional aéreo. As freqüentes viagens internacionais, particularmente para a Europa, de muitos

Religiosos e Religiosas estrangeiros visitando suas províncias de origem, e dos Superiores Maiores, viajando periodicamente para a casa generalícia e para Roma, justificam o serviço internacional, quer marítimo, quer aéreo.

Para o serviço nacional aéreo tínhamos, até o fim de 1960, convênios com praticamente tôdas as Companhias aéreas nacionais. Depois da Portaria Ministerial de fins de 1960, cortando as vantagens permitidas por lei e de que beneficiavam os Religiosos, o movimento ficou bastante reduzido.

Em quase tôdas as cidades brasileiras servidas por avião, a CRB mantém uma filial do Serviço, que funciona sob a responsabilidade de pelo menos dois Religiosos autorizados. O número dessas filiais excede atualmente de muito a centena. A Conferência costuma autorizar Superiores Maiores a usufruírem pessoalmente das vantagens das filiais.

Quanto ao tráfego internacional, tínhamos convênios com as Companhias marítimas "Chargeurs Réunis" e "Transportes Maritimes". Passando os dois navios da T. M., o "Bretagne" e o "Provence", para outra companhia, o convênio continua só com a "Chargeurs Réunis".

Recentemente trabalhamos com a Panair do Brasil-T.A.P., que instituíram o "Vôo da Amizade", por oferecer aos Religiosos notáveis vantagens assistenciais.

No período de 1960-1961 a economia realizada pelo Serviço em favor dos Religiosos e Clero em geral, alcançou a soma de Cr\$ 11.000.000,00.

3 — Serviço de Fornecimentos

Em 1955 a Conferência criou o Serviço de Fornecimentos para facilitar aos Religiosos a compra de artigos, conseguindo vantagens especiais, quer quanto ao preço, quer quanto à forma de pagamento, quer quanto à entrega. Pela lista de preços publicada periodicamente pode-se constatar qual o material fornecido. Entre os artigos fornecidos, há alguns de cuja venda a CRB se encarregou para vir ao encontro de Comunidades religiosas que os confeccionam, por não lhes ser fácil colocar seus artigos à venda. Mencionamos o fornecimento de paramentos, confeccionados por conventos do Rio e de Juiz de Fora, de meias e bolas fabricadas por uma escola de menores dirigida por Religiosos. Dessas vendas não auferimos vantagem nenhuma.

Dos descontos conseguidos das fábricas, através de convênio, o 80% é atribuído ao Religioso, enquanto o restante fica para as despesas de manutenção do Serviço.

Este Serviço de Fornecimentos funciona não apenas na sede central, mas ainda nas Filiais de Pôrto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza e, brevemente, Salvador, Recife, Natal. A fundação de tais Filiais está condicionada às seguintes circunstâncias: dispor de um ou vários leigos de comprovada competência e honestidade para a execução do serviço, e de um Religioso que supervisione o funcionamento.

Também este Serviço está aberto aos Exmos. Srs. Bispos e ao clero secular, que dêle se utilizam com freqüência.

4 — Serviço de Depósitos e Financiamentos

É o último Serviço criado pela CRB, no intuito de servir o mais possível os Religiosos.

É um serviço de ajuda mútua que vem beneficiar tanto os depositantes quanto os outros que precisam de financiamento em suas compras. O dinheiro depositado pelos Religiosos na Conferência é empregado integralmente no financiamento de compras de artigos, fornecidos pela CRB. O financiamento é concedido, em pé de igualdade, a membros de ambos os cleros. O plano é o seguinte.

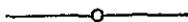
a) Para compras superiores a Cr\$ 40.000,00 concede-se financiamento de 70% do valor total da mercadoria, com o prazo máximo de 10 meses. É ao financiamento destas compras que se destina em primeiro lugar a disponibilidade dos depósitos.

b) Para financiamento de veículos, há um duplo plano, com prazo de 24 meses, financiando respectivamente 50% ou 60% do total do valor. Não se financiam carros senão a entidades jurídicas, casas ou províncias religiosas, paróquias ou dioceses, nunca a pessoas físicas. Em caso de compra por parte de casa religiosa ou paróquia, as 24 promissórias devem ser endossadas pelo Superior Maior ou pelo Bispo Diocesano.

O Serviço de Depósitos está tomando um impulso cada vez maior: de 52 depositantes em junho de 1960 passamos a 167 em 1961, e a 246 em março do corrente ano.

Os pedidos de financiamento por parte de Religiosos como do Clero secular são inúmeros, e são centenas os casos de fornecimento financiado de veículos, máquinas e material necessário às Casas Religiosas, Paróquias, Colégios, etc.

Na Assembléia foram dadas normas tanto a respeito de depósitos como de financiamentos.



Além destes quatro ramos de Serviços, mantém ainda a Conferência vários outros de grande importância e alcance:

- a) Serviço de Assistência Canônica;
- b) Serviço de Assistência Jurídica, na redação dos Estatutos civis de Províncias, casas e obras de Religiosos, na preparação de toda a espécie de contratos, na orientação em casos de contenda civil;
- c) Serviço de Assistência aos Institutos Religiosos que vêm estabelecer-se no Brasil;
- d) Serviço de transferência de intenções de Missas.

CONCLUINDO

A Carta Apostólica de S.S. João XXIII, datada de 8 de novembro de 1961, dirigida ao Episcopado da América Latina, foi para o Exmo. Sr. Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, ensejo para pedir à Diretoria da CRB a antecipação da Assembléia Anual para a última semana de abril (assim como a Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos).

A Assembléia realizou-se de 24 a 28 de abril, em sessões conjuntas (Padres, Irmãos e Irmãs) no Colégio Notre Dame de Sion, do Rio de Janeiro. Participaram 103 Padres e 236 Religiosas, um recorde na história das Assembléias anuais da CRB.

Além do Exmo. Sr. Núncio Apostólico, que presidiu a tôdas as sessões, honraram-nos com sua presença o Exmo. Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Presidente da CNBB, Dom Jaime de Barros Câmara, e o Exmo. Sr. Secretário da CNBB, Dom Helder Câmara.

As Conferências

Nos dias 24 e 25 as Madres Gerais e Provinciais trataram assuntos práticos das Religiosas. O Revmo. Pe. João Corso SDB, continuando o trabalho iniciado na Assembléia do ano passado, tratou problemas relacionados com o Juniorato. O Secretário Geral expôs vários aspectos de apostolado da Conferência que dizem respeito às Religiosas.

Os dias 26 e 27 foram dedicados a assuntos de revisão da vida religiosa, à luz da mencionada carta do Papa. O próprio Núncio apresentou a carta e dissertou sobre o aprimoramento da vida religiosa. O Revmo. Pe. Jaime Snoek CSSR tratou do entrosamento do apostolado dos Institutos Clericais na Pastoral da Hierarquia. O Revmo. Irmão João de Jesus FMS e a Revda. Madre Maria da Conceição Menezes MJCr. falaram do entrosamento do apostolado dos Irmãos e das Irmãs com a Pastoral paroquial. O Revmo. Dom Cândido Padim OSB fez uma exposição sobre problemas educacionais.

No dia 26, durante a sessão da manhã, o Exmo. Sr. Dom Helder Câmara, Secretário da CNBB, comunicou as deliberações da Assembléia dos Bispos, celebrada de 1 a 5 de abril no Rio de Janeiro, enquanto dizem respeito aos Religiosos.

No dia 28 de abril o Revmo. Pe. João Batista Vogel OFM apresentou à Assembléia o "Centro de Formação Intercultural" de Petrópolis, cuja finalidade é adaptar à cultura brasileira os missionários que vêm trabalhar no Brasil, tanto Sacerdotes como Irmãos, Irmãs e leigos. O Centro é de inspiração idêntica ao de Coernavaca no México, que é patrocinado pela Universidade de Fordham (Nova York) e tem o apoio moral da Comissão Pontifícia pro América Latina, da Conferência dos Bispos e da dos Religiosos dos Estados Unidos.

Durante a última sessão o Revmo. Pe. Secretário Geral fez uma exposição sobre o plano de pastoral de conjunto dos Bispos do Nordeste e o "Movimento de Natal", ao qual a Conferência pretende dedicar particular atenção, promovendo o entrosamento do apostolado dos Religiosos e Religiosas exis-

tentes nessa área com o "Movimento de Natal" e dirigindo para a mesma novos Institutos, quer brasileiros, quer estrangeiros.

O Conselho Administrativo da CRB comunicou, pela primeira vez na história da Conferência, o resultado do exame das contas da mesma, referente ao exercício de 1961, as quais foram aprovadas.

Terminada a sessão da manhã do dia 28 foram apresentados os Diretores da Panair do Brasil-T.A.P. e da Panauto que colocaram, à disposição dos Assembleístas, para sorteio, quatro passagens aéreas Rio-Lisbôa-Rio, pelo "Vôo da Amizade", e uma "Vespa". Ganharam as passagens: a Congregação das Filhas de Santa Teresa, de Crato (CE), duas; a Congregação dos Missionários de N. Sra. do SS. Sacramento, de Manhumirim (MG), uma; e a Congregação dos Padres Estigmatinos de Rio Claro (SP) a quarta. Ganhou a Vespa a Congregação dos Missionários de São Carlos.

A Eleição da Diretoria e do Conselho Administrativo

Conforme prescrição dos Estatutos da Conferência, realizou-se, na tarde do dia 28, a eleição da Diretoria e do Conselho Administrativo, cujo mandato terminaria na terceira semana de Julho. O Exmo. Sr. Núncio presidiu à sessão. A mesa da presidência sugeriu fôsse eleitos para membros da Diretoria Religiosos e Religiosas residentes no Rio de Janeiro ou vizinhanças imediatas, a fim de tornar mais fácil a participação pessoal dos membros na reunião mensal da Diretoria.

O resultado da eleição consta à pág. 393 desta Revista.

Antes de iniciar a eleição, foi aprovada pela Assembléia a proposta de que o mais votado dos Conselheiros exercesse a função — nova na Conferência — de Vice-Presidente, substituindo o Presidente nas suas ausências e impedimentos. Ocasinou a proposta o fato de o Presidente, na qualidade de Abade "Nullius", dever participar do Concílio Ecumênico e, portanto, ter de ausentar-se durante notável espaço de tempo. Realizada a eleição, o Pe. Armando Cardoso SJ foi declarado Vice-Presidente da Conferência.

Em seguida procedeu-se à eleição do Conselho Administrativo, que a Assembléia decidiu reconduzir por aclamação ao mesmo.

Reforma no funcionamento da Conferência

Durante a Assembléia foi apresentada à mesa da presidência uma proposta que levou a uma notável e oportuna reforma do funcionamento da CRB.

Em vista das grandes despesas de viagem e hospedagem de muitos Superiores e Superiores Maiores, e da dificuldade de realizar eficiente trabalho e estudo com um número tão grande de Assembleístas, foi proposto transformar a Assembléia anual em trienal. A Diretoria, julgando que êste contato menos freqüente com os Superiores e Superiores Maiores aumenta notavelmente o pêso de sua responsabilidade, sugeriu substituir a Assembléia anual por outro tipo de reuniões anuais de Provinciais, a fim de que êstes continuassem a participar, cada ano, pessoalmente, das atividades e responsabilidades da Conferência. Foi rejeitada a proposta de organizar tais reuniões de Provinciais por região geográfica, visto a distribuição das Sedes de Governo

não corresponder, de maneira nenhuma, às mesmas. Prevaleceu a idéia do Secretário Geral de instituir Comissões de Superiores Maiores, Padres, Irmãos e Irmãs, que se reunissem pelo menos uma vez por ano, para estudarem e planejarem as várias atividades da Conferência. Tais Comissões serão compostas de Provinciais em exercício, com voto deliberativo, e de assessores, especialistas no assunto, com voto consultivo apenas. As Comissões serão:

- 1) de Formação e disciplina;
- 2) de Pastoral e Vocações;
- 3) de Educação e Ensino;
- 4) de Assistência à Saúde e Serviço Social;
- 5) de Finanças.

Suas conclusões necessitam da aprovação da Diretoria da CRB, em primeira instância, e da Assembléia, em última instância, cabendo a execução quer à Comissão Executiva da CRB, quer aos respectivos Departamentos.

A Assembléia trienal será puramente jurídica, passando sua função operacional para as Comissões. Para as Madres Gerais e Provinciais que votaram em favor de encontros mais frequentes, a Diretoria organizará anualmente um encontro informal.

A Assembléia delegou à Diretoria poderes para formar as Comissões, elaborar-lhes o regimento e indicar-lhes os membros, proceder à adaptação dos estatutos da CRB, conforme as mencionadas inovações e apresentá-los à Sagr. Congregação dos Religiosos para a devida aprovação.

Cooperação da CRB com a CNBB

Em vista das deliberações da última Assembléia dos Bispos realizada no Rio de Janeiro de 1 a 5 de abril, apresentadas à Assembléia dos Superiores Maiores pelo Exmo. Sr. Secretário da CNBB, Dom Helder Câmara, a respeito do plano de cooperação entre as duas Conferências, isto é, da:

a) instituição de uma Comissão coordenadora das duas Conferências, com dois representantes da CNBB e dois da CRB, sob a presidência do Exmo. Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Presidente da CNBB;

b) criação de um Instituto de Pastoral para ambos os cleros para promover a atualização dos métodos pastorais no Brasil;

c) fundação de Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (CERIS), unificando e uniformizando toda a estatística católica e investigação socio-religiosa no Brasil; e da indicação pela CNBB do Exmo. Secretário e Sub-Secretário da mesma, Exmo. Sr. Dom Helder Câmara e Pe. Hilário Pandolfo, como representantes seus na Comissão coordenadora, a CRB indicou como seus representantes o Vice-Presidente da CRB, Revmo. Pe. Armando Cardoso S.J., e o Secretário Geral, Revmo. Pe. Tiago G. Cloin C.SsR.

Outras deliberações e comunicações

1 — Solicitado pela Assembléia, o Exmo. Sr. Núncio Apostólico pronunciou-se sobre o **Movimento de Rearmamento Moral**, comunicando o

documento recentemente elaborado pela Assembléa dos Bispos do Brasil que, baseando-se no pronunciamento da Sagr. Congregação do Santo Officio, traça normas quanto à participação nesse movimento por parte do Clero e dos Religiosos. Acrescentou que, embora não se condene tôda e qualquer participação de leigos em tal Movimento, contudo deve ser desaconselhada.

2 — Quanto à **língua dos Institutos religiosos estrangeiros**, o Exmo. Sr. Núncio Apostólico, interpretando a mente da Sagr. Congregação dos Religiosos, traçou as seguintes normas: a) não se deve falar em língua "oficial" do Instituto, pois o Instituto Religioso não tem língua oficial; b) não deve ser tolerado o abuso de que Religiosos ou Religiosas que não falem "essa" língua sejam considerados como de segunda categoria; c) todos devem aprender a língua do país para onde vêm trabalhar; d) as orações em comum (se não forem em latim) e a conversação se façam em língua vernacula.

3 — O **Centro de Formação Intercultural** de Petrópolis iniciará seu primeiro curso de 16 semanas aos 13 de julho, e o segundo a 9 de novembro p.f. O curso visa, além de aprendizagem da língua portuguesa feita em inglês ou francês, o entrosamento dos cursistas na cultura brasileira. A Conferência esforçar-se-á por conseguir no exterior bolsas de estudo para o Curso.

4 — Para que o déficit inicial do **Instituto Superior de Ciências Religiosas** de Pôrto Alegre e de São Paulo não seja excessivamente grande, a Diretoria da CRB propôs, através de circular, enviada aos superiores que têm súditos do Instituto, aumentar a anuidade para Cr\$ 20.000,00. A Diretoria lembrou, outrossim, que é indispensável dar aos estudantes o tempo necessário não apenas para seguirem as aulas, mas também para estudarem as matérias, de forma que possam tirar realmente proveito do Instituto. A Diretoria não ignora o sacrifício que isto exigirá dos Superiores; tem, porém, a convicção de que não faltará clarividência nem generosidade.

5 — A revista ilustrada "**Painel Brasileiro**" promoverá brevemente, com o apoio moral da CNBB e CRB, uma campanha de âmbito nacional, com o intuito de se impor ao grande público brasileiro, colocando-se entre as revistas nacionais ilustradas de maior divulgação. A revista não será propriedade de nenhum Instituto Religioso, devendo refletir o pensamento católico comum. Será uma revista não religiosa, mas simplesmente de inspiração cristã, que dá orientação a respeito dos inúmeros problemas nacionais e internacionais. A Diretoria lança um apêlo a todos os Superiores e Superiores para que colaborem com esta campanha, recomendando que apoiem a propaganda pela "PB", atuando através das paróquias, dos colégios etc.

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 26 de junho de 1962

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFM Cap.

Censor Eclesiástico